



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

ESTUDO, CONSERVAÇÃO E RESTAURO E DIVULGAÇÃO DA CERÂMICA UTILITÁRIA DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XVIII, NA REGIÃO DE TOMAR

Relatório de Estágio

Cristina Margarida Salgueiro da Silva Reis

Mestrado em Conservação e Restauro
(Património Móvel)

Tomar/ Setembro/ 2013



Instituto Politécnico de Tomar

www.ipt.pt



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Cristina Margarida Salgueiro da Silva Reis

**ESTUDO, CONSERVAÇÃO E RESTAURO E
DIVULGAÇÃO DA CERÂMICA UTILITÁRIA
DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XVIII, NA
REGIÃO DE TOMAR**

Relatório de Estágio

Orientado por:

Mestre Ricardo Pereira Triães | Instituto Politécnico de Tomar

Relatório de Estágio
apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre
em Conservação e Restauro

À minha irmã:
que todo o meu esforço e o seu apoio sejam um incentivo
para que também nunca desista dos seus sonhos!

RESUMO

O espólio de cerâmica utilitária proveniente da Quinta da Anunciada Velha, em Tomar, enquadrada entre os séculos XVI e XVIII, actualmente em depósito no Instituto Politécnico de Tomar, constituído por cerca de 11 000 fragmentos, motivou o estudo, conservação e restauro e divulgação deste tipo de cerâmica, frequentemente esquecido. O trabalho desenvolvido ao nível da triagem permitiu organizar o espólio, identificar as tipologias presentes e iniciar o trabalho de inventário e acondicionamento dos fragmentos. As peças susceptíveis de intervenção de conservação e restauro, nomeadamente ao nível da reconstituição, foram seleccionadas para a segunda fase dos trabalhos. Esta etapa permitiu reconstituir 14 peças representativas dos grupos tipológicos definidos.

A exposição realizada no âmbito do evento “Memórias da História” permitiu divulgar a colecção e o trabalho desenvolvido durante o estágio, assim como a utilização e produção de olaria na região, na época medieval e moderna, juntamente com peças de outras duas colecções contemporâneas.

Palavras-chave: cerâmica utilitária; conservação e restauro; Quinta da Anunciada Velha, divulgação.

ABSTRACT

The collection of utilitarian pottery from Quinta da Anunciada Velha, Tomar, Portugal, currently deposited at the Polytechnic Institute of Tomar, dates between the 16th and 18th centuries and consists of about 11.000 fragments, led to its study, conservation and restoration and dissemination of this frequently forgotten type of ceramics.

The screening work developed made possible the organization of the heap, identification of typologies and start working on the inventory and packaging of the fragments. The pieces susceptible of conservation interventions, namely at reconstitution level, were selected for a second phase of works.

This stage allowed the reconstitution of fourteen objects representative of well-defined typological groups. The exhibition held in the framework of the event “Memories of History” allowed the disclosure of the collection and of the work developed during the internship, as well as the use and production of pottery in the region, in medieval and modern times, along with parts of two other contemporary collections.

Keywords: utilitarian pottery; conservation and restoration; Quinta da Anunciada Velha, disclosure.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda e o apoio de muitos, que desta forma, quero agradecer o seu contributo.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, Dr. Ricardo Triães, por todo o seu apoio, incentivo, disponibilidade e orientação ao longo de todo o estágio.

À Dr.^a Leonor Loureiro, pelos seus conselhos, apoio e ajuda nas traduções para inglês do resumo deste trabalho e das regras dos jogos medievais.

Ao Dr. Gonçalo Figueiredo pelas fotografias finais das peças para a exposição “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval” e à Inês Catarino, pelas fotografias da Quinta da Anunciada Velha.

À Dr.^a Maria Helena Félix[†], que acompanhou todo o processo de triagem e no final proferiu algumas palavras que gostaria de aqui eternizar: “Quando inicias-te o processo de triagem percebia-se que não estavas muito à vontade e que não sabias muito bem por onde começar. Mas agora que chegaste ao fim, queria dizer-te que achei muito interessante a maneira como conseguiste dar a volta e organizar toda a colecção.”

Ao Exmo. Sr. Embaixador António Pinto da França[†], proprietário da colecção da Quinta da Anunciada Velha, que sempre mostrou uma enorme vontade de ver a colecção de “barro comum”, como lhe chamava, restaurada. Infelizmente não lhe foi possível ver este trabalho terminado mas que sempre apoiou todo o meu trabalho e que muito o alegrou.

Ao Sr. Alcino Gonçalves, proprietário da colecção da Rua Pedro Dias, em Tomar, que autorizou o uso das peças da colecção no âmbito da exposição.

À Dr.^a Salete da Ponte, pela sua disponibilidade e ajuda e na cedência da colecção da rua Pedro Dias e parte da colecção da Quinta da Anunciada Velha.

À Dr.^a Cláudia Castro e Dr.^a Teresa Lopes do Museu Municipal Carlos Reis e ao Dr. Luís Dias da Câmara Municipal de Torres Novas que possibilitaram a integração da exposição no evento “Memórias da História”.

Ao Artesanato da TITAU e à Sociedade Velha Filarmónica Riachense pela ajuda à produção da exposição, nomeadamente na criação dos jogos medievais e na indumentária.

Aos meus amigos: Joana Silva, Tiago Rovisco, Rafaela Gomes, Filipe Martins, Sónia Tavares, Sara Sousa, Filipa Formigo e Cristiana Ferro, que para além do seu apoio também quiseram ser parte activa em alguns processos e com isso valorizar todo o trabalho desenvolvido.

Ao Adriano Machado, que sempre esteve do meu lado, que me apoiou e com quem muito discuti todo este trabalho.

À minha família, da qual me cabe destacar:

A minha mãe e irmã, que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir;

Ao meu pai, que sempre me incentivou e despertou o gosto pela conservação e restauro;

Ao meu avô Euclides Reis, que é o grande responsável pela minha paixão pela cerâmica;

Ao meu tio Eduardo Salgueiro, pela execução e colocação dos expositores na exposição “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval” na Feira Medieval de Torres Novas.

A todos os que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho.

A todos o meu MUITO OBRIGADA!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICA.....	3
1.1 Introdução.....	5
1.2 A Quinta da Anunciada Velha e o seu espólio.....	5
1.2 A Rua Pedro Dias e o seu espólio.....	8
1.3 A Casa Mogo de Melo e o seu espólio.....	10
2. DEFINIÇÃO DOS GRUPOS TIPOLOGICO-FUNCIONAIS.....	13
2.1 Introdução.....	15
2.2 Armazenamento e transporte.....	15
2.3 Loiça de cozinha.....	17
2.4 Contentores de lume.....	21
2.5 Loiça de mesa.....	22
2.6 Objectos de uso doméstico e artesanal.....	27
3. A REPRESENTAÇÃO DA CERÂMICA UTILITÁRIA.....	29
3.1 Introdução.....	31
3.2 Pintura Internacional.....	32
3.3 Pintura Nacional.....	35
4. CONSERVAÇÃO E RESTAURO.....	43
4.1 Introdução.....	45
4.2 Diagnóstico.....	46
4.2.1 Materiais e técnicas de produção.....	46
4.2.2 Levantamento do Estado de Conservação.....	47
4.2.3 Estudo analítico.....	49
4.2.3.1 Difractometria de raios x.....	51
4.2.3.2 Espectrometria de fluorescência de raios-x dispersiva de comprimento de onda.....	51
4.3 Proposta de Intervenção.....	52
4.4 Intervenção de conservação e restauro.....	54
4.4.1 Triagem.....	54

4.4.2 Limpeza	63
4.4.3 Colagens	64
4.4.4 Reconstituição.....	65
4.4.5 Reproduções por <i>Spinning</i>	69
4.4.6 Reintegração Cromática	74
5. DIVULGAÇÃO	77
5.1 Introdução.....	79
5.2 Concepção da exposição	79
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
BIBLIOGRAFIA	101
ANEXOS.....	103
ANEXO 1 – ORGANIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DOS FRAGMENTOS	105
ANEXO 2 – INVENTÁRIO DAS PEÇAS INTERVENIONADAS PARA A EXPOSIÇÃO	109
Anexo 2.1 – Da Quinta da Anunciada Velha, em Tomar.....	109
Anexo 2.2 – Da Rua Pedro Dias, em Tomar	111
Anexo 2.3 – Da Casa Mogo de Melo, em Torres Novas.....	114
ANEXO 3 – FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS PEÇAS DA QUINTA DA ANUNCIADA VELHA	115
ANEXO 4 – RELATÓRIO FINAL DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA.....	143
ANEXO 5 – PROPOSTA PARA O TRATAMENTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO	145
ANEXO 6 – ACORDO PARA A CONSERVAÇÃO, RESTAURO E ESTUDO DO ESPÓLIO CERÂMICO DA QUINTA DA ANUNCIADA VELHA	149
ANEXO 7 – TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DA ACTIVIDADE DO LABORATÓRIO DE MATERIAIS CERÂMICOS	151
Anexo 7.1 – Colaboração nas aulas de Conservação e Restauro de Materiais Cerâmicos	151
Anexo 7.2 – A intervenção numa peça da Rua Pedro Dias, em Tomar	153
Anexo 7.3 – Execução de uma peça da Idade do Bronze através da técnica de <i>spinning</i>	155
Anexo 7.4 – A intervenção na Capela de St ^a Quitéria, no Carril, em Torres Novas.	157

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Quinta da Anunciada Velha, 1941. (Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha. Vol. III, 1941.).....	7
Figura 2 – Quinta da Anunciada Velha, 2013. (Inês Catarino, Fev. 2013.).....	7
Figura 3 – Interior do lagar, Quinta da Anunciada Velha. (Inês Catarino, Fev. 2013.) ...	8
Figura 4 – Rua Pedro Dias, em Tomar. (Inês Catarino, Fev. 2013.)	9
Figura 5 – Museu Municipal Carlos Reis, em Torres Novas. (Cristina Reis, 12 Fev. 2013.)	10
Figura 6 – Pote. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)	16
Figura 7 – Cântaro. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)	17
Figura 8 – Panela. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)	18
Figura 9 – Tacho. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.).....	19
Figura 10 – Caçoila. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.).....	19
Figura 11 – Alguidar. (QAV. Cristina Reis, 26 Jun. 2013.).....	20
Figura 12 – Marmita. (RPD. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.).....	20
Figura 13 – Fogareiro. (RPD. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)	21
Figura 14 – Candeia. (CMM. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.).....	22
Figura 15 – Garrafa. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.).....	23
Figura 16 – Púcaro. (CMM. Cristina Reis, 27 Maio 2013.).....	23
Figura 17 – Taça. (RPD. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.).....	24
Figura 18 – Tijela. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)	24
Figura 19 – Prato. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)	25
Figura 20 – Caneca. (CMM. Cristina Reis, 24 Jun. 2013.).....	26
Figura 21 – Jarro. (CMM. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.).....	26
Figura 22 – Testo. (QAV. Cristina Reis, 26 Jun. 2013.).....	27
Figura 23 – Medidor. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.).....	27
Figura 24 – <i>O Dilúvio</i> , de Miguel Ângelo. Representação parcial. (NERET, Gilles – <i>Miguel Ângelo</i> , p. 31.).....	32
Figura 25 – <i>O Incêndio no Borgo</i> , de Rafael. Representação parcial. (THOENES, Christof – <i>Rafael</i> , p. 51.).....	33

Figura 26 – <i>Os comedores de batatas</i> , de Van Gogh. (WALTHER, Ingo F. – <i>Van Gogh</i> , p. 14.)	34
Figura 27 – <i>O atelier vermelho</i> , de Henri Matisse. (ESSERS, Volkmar – <i>Matisse</i> , p. 33.)	34
Figura 28 – <i>Natividade</i> , autor desconhecido. (MARKL, Dagoberto – <i>História da Arte em Portugal</i> . Vol.6, p. 116.).....	35
Figura 29 – <i>Anunciação</i> , de Vasco Fernandes. (MARKL, Dagoberto – <i>História da Arte em Portugal</i> . Vol.6, p. 117.).....	36
Figura 30 – <i>Vista do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Filipe Lobo. (MOURA, Carlos – <i>História da Arte em Portugal</i> . Vol. 8, p. 128-129.)	37
Figura 31 – <i>Sagrada Família</i> , Vieira Lusitano. (BORGES, Nelson Correia – <i>História da Arte em Portugal</i> . Vol. 9, p. 68.)	38
Figura 32 – <i>A Rapariga da Bilha</i> , de Mário Augusto. (PEREIRO, Luís – <i>Galeria de Mário Augusto</i> .).....	39
Figura 33 – <i>Raparigas das Alhadas</i> , de Mário Augusto. (PEREIRO, Luís – <i>Galeria de Mário Augusto</i> .).....	39
Figura 34 – <i>Cena de interior com mulher a fiar</i> , de Duarte Pimentel. (ARCADJA: <i>auction results</i> – Algumas obras de Duarte Pimentel.).....	40
Figura 35 – <i>O Namoro</i> , de Abel Santos. (MUSEU MUNICIPAL DE PORTALEGRE.)	41
Figura 36 – <i>Mercado na Praça da República</i> , autor desconhecido. (MUSEU MUNICIPAL DE PORTALEGRE.).....	41
Figura 37 – <i>Início do processo de triagem</i> . (Cristina Reis, 27 Nov. 2012.).....	55
Figura 38 – <i>Fundo de pote</i> . (Cristina Reis, 6 Fev. 2013.).....	56
Figura 39 – <i>Bordos dos potes</i> . (Cristina Reis, 19 Dez. 2012.)	57
Figura 40 – <i>Pote com vestígios de fuligem</i> . (Cristina Reis, 6 Fev. 2013.)	57
Figura 41 – <i>Parte exterior de caçoila</i> . (Cristina Reis, 14 Jan. 2013.)	58
Figura 42 – <i>Caçoila: destaque para o fundo, menos espesso e côncavo</i> . (Cristina Reis, 16 Nov. 2012.).....	58
Figura 43 – <i>Alguidar: destaque para as paredes grossas e reduzido número de fragmentos</i> . (Cristina Reis, 5 Mar. 2013.).....	59

Figura 44 – Cântaro (fundo): destaque para as concreções calcárias no seu interior. (Cristina Reis, 11 Dez. 2012.)	60
Figura 45 – Fragmentos de testos. (Cristina Reis, 13 Nov. 2012.).....	60
Figura 46 – Fragmentos de pratos. (Cristina Reis, 13 Nov. 2012.).....	61
Figura 47 – Tijela. (Cristina Reis, 14 Jan. 2013.).....	61
Figura 48 – Limpeza com solventes de uma zona de fractura com cotonete e água. (Cristina Reis, 12 Nov. 2012.).....	63
Figura 49 – Descolagem com pachos de acetona. (Cristina Reis, 12 Dez. 2012.)	64
Figura 50 – Estudo da ordem de colagem. (Cristina Reis, 21 Dez. 2012.)	65
Figura 51 – Molde univalve. (Cristina Reis, 6 Fev. 2013.).....	66
Figura 52 – Molde bivalve. (Cristina Reis, 17 Abril 2013.)	67
Figura 53 – Pote com a asa já colada. (Cristina Reis, 9 Maio 2013.).....	68
Figura 54 – Pote após preenchimentos. (Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)	68
Figura 55 – Fragmento do alguidar. (Cristina Reis, 25 Fev. 2013.)	69
Figura 56 – Fragmento da tijela. (Cristina Reis, 22 Jan. 2013.).....	70
Figura 57 – Esquema do funcionamento da técnica de <i>spinning</i> . (WILLIAMS, Nigel – <i>Pottery restoration: an account of spinning technique used in the British Museum</i> , p. 34.)	71
Figura 58 – Técnica de <i>Spinning</i> : execução do perfil interior do alguidar. (Cristina Reis, 29 Abril 2013.)	72
Figura 59 – Técnica de <i>spinning</i> : execução do alguidar, em gesso. (Cristina Reis, 29 Abril 2013.)	73
Figura 60 – Técnica de <i>spinning</i> : remoção do barro de dentro do alguidar, em gesso. (Cristina Reis, 30 Abril 2013.)	73
Figura 61 – Alguidar, após nivelamentos. (Cristina Reis, 3 Jun. 2013.)	74
Figura 62 – Cântaro: Reintegração cromática (sub-tom). (Cristina Reis, 6 Jun. 2013.).	75
Figura 63 - Cântaro: Reintegração cromática (homogeneização do tom). (Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)	75
Figura 64 – Desenho da estrutura de um expositor. (Adriano Machado, 1 Abril 2013.)	80
Figura 65 – Desenho final de um expositor. (Adriano Machado, 1 Abril 2013.).....	80
Figura 66 – Cartaz da exposição “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”. (Câmara Municipal de Torres Novas, 24 Jun. 2013.).....	82

Figura 67 – Exemplo de um dos cartazes presentes na exposição.	83
Figura 68 – Números identificativos das peças. (Cristina Reis, 24 Jun. 2013.).....	84
Figura 69 – Modelo: Jogo do Moinho. (Cristina Reis, 25 Maio 2013.)	85
Figura 70 – Molde: Jogo do Moinho. (Cristina Reis, 29 Maio 2013.)	85
Figura 71 – Jogo do Moinho após moldagem. (Cristina Reis, 31 Maio 2013.)	86
Figura 72 – Carimbo: molde e modelo, respectivamente. (Cristina Reis, 29 Maio 2013.)	87
Figura 73 – Aplicação de vidrado branco. (Cristina Reis, 17 Jun. 2013.)	87
Figura 74 – Peças, após a aplicação do vidrado. (Cristina Reis, 17 Jun. 2013.)	88
Figura 75 – Jogo do Moinho. (Cristina Reis, 25 Jun. 2013.)	88
Figura 76 – Exposição. (Cristina Reis, 27 Jun. 2013.).....	89
Figura 77 – Duas das três legendas colocadas nos expositores.....	90
Figura 78 – Relatório Final/ 96 – Lagar na Anunciada Velha (Tomar). (Arquivo Particular António Pinto da França – <i>Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha</i> , Vol. IV.).....	144
Figura 79 – Proposta para restauro da cerâmica comum da QAV, p. 1. (Arquivo Particular António Pinto da França – <i>Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha</i> , Vol. IV.).....	146
Figura 80 – Proposta para restauro da cerâmica comum da QAV, p. 2. (Arquivo Particular António Pinto da França – <i>Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha</i> , Vol. IV.).....	147
Figura 81 – Proposta para restauro da cerâmica comum da QAV, p. 3. (Arquivo Particular António Pinto da França – <i>Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha</i> , Vol. IV.).....	148
Figura 82 – Acordo para o restauro do espólio da QAV. (Arquivo Particular António Pinto da França – <i>Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha</i> , Vol. VI.)	150
Figura 83 – Trabalho prático no laboratório de conservação e restauro de materiais cerâmicos. (Ricardo Guimarães, Jun. 2013.).....	152
Figura 84 – Fogareiro: em fase de reconstituição. (Cristina Reis, 19 Jun. 2013.).....	153
Figura 85 – Fogareiro: após reconstituição e nivelamentos. (Cristina Reis, 21 Jun. 2013.)	154

Figura 86 – Fogareiro, aspecto final. (Cristina Reis, 22 Jun. 2013.).....	154
Figura 87 – Tijela carenada: três fragmentos. (Cristina Reis, 22 Mar. 2013.).....	155
Figura 88 – Tijela carenada: desenho. (Cristina Reis, Mar. 2013.).....	155
Figura 89 – Taça carenada (réplica), após reintegração cromática. (Cristina Reis, 26 Mar. 2013.).....	156
Figura 90 – Capela de St ^a Quitéria, no Carril, em Torres Novas. (Cristina Reis, 18 Fev. 2013.).....	157
Figura 91 – Púlpito: antes da intervenção. (Ricardo Triães, Nov. 2013.).....	158
Figura 92 – Púlpito na reinauguração da capela. (Cristina Reis, 19 Maio 2013.).....	159

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Tipologias enquadradas nos respectivos grupos tipológico-funcionais.....	28
Tabela 2 – Amostras da QAV, com as respectivas tipologias e registo fotográfico.	50
Tabela 3 – Número de fragmentos e respectiva percentagem, para as diferentes tipologias.	62
Tabela 4 – Quadro-resumo da organização e acondicionamento dos fragmentos.....	105
Tabela 5 – Etiqueta da Caixa nº 1.....	107
Tabela 6 – Etiqueta da Caixa nº 4.....	107
Tabela 7 – Etiqueta da Caixa nº 6.....	107
Tabela 8 – Etiqueta da Caixa nº 20.....	107
Tabela 9 – Inventário das peças da QAV.....	109
Tabela 10 – Inventário das peças da RPD.....	111
Tabela 11 – Inventário das peças da CMM.....	114
Tabela 12 – Ficha de Identificação: Pote (2).....	115
Tabela 13 – Ficha de Identificação: Pote (22).....	117
Tabela 14 – Ficha de Identificação: Pote (27).....	119
Tabela 15 – Ficha de Identificação: Pote (18).....	121
Tabela 16 – Ficha de Identificação: Cântaro (7).	123
Tabela 17 – Ficha de Identificação: Alguidar (3).....	125
Tabela 18 – Ficha de Identificação: Alguidar (2).....	127
Tabela 19 – Ficha de Identificação: Caçoila.	128
Tabela 20 – Ficha de Identificação: Caçoila.	130
Tabela 21 – Ficha de Identificação: Caçoila.	132
Tabela 22 – Ficha de Identificação: Prato (2).	134
Tabela 23 – Ficha de Identificação: Tijela (4).....	136
Tabela 24 – Ficha de Identificação: Tijela (1).....	138
Tabela 25 – Ficha de Identificação: Testo (2).....	139
Tabela 26 – Ficha de Identificação: Testo (1).....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMM – Casa Mogo de Melo

CMTN – Câmara Municipal de Torres Novas

Cx – Caixa

d.e.e. – Diâmetro esférico equivalente

DRX – Diffractometria de raios x

ENP's – Elementos não plásticos

FRX – Espectrometria de fluorescência de raios x dispersiva de comprimento de onda

IPT – Instituto Politécnico de Tomar

MMCR – Museu Municipal Carlos Reis

QAV – Quinta da Anunciada Velha

RPD – Rua Pedro Dias

TCA – Teor crítico de água

INTRODUÇÃO

O presente relatório, com o tema “Estudo, conservação e restauro e divulgação de cerâmica utilitária do séc. XVI ao séc. XVIII, na região de Tomar”, pretende mostrar o trabalho realizado ao longo do estágio curricular, desenvolvido no Instituto Politécnico de Tomar.

A colecção de cerâmica utilitária da Quinta da Anunciada Velha, que constitui o principal objecto do presente trabalho, foi encontrada num lagar antigo, descoberta no decorrer das escavações arqueológicas realizadas entre 1994 e 1996. O conjunto exumado integrava fragmentos de faianças, porcelanas e, maioritariamente cerâmica comum/ utilitária, que ainda não tinha sido estudada.

Com o objectivo de conceber uma exposição que contribuísse para a divulgação deste espólio, foram integradas neste trabalho peças de duas outras colecções de modo a maximizar a diversidade tipológica. Como a colecção da Quinta da Anunciada Velha apresentava apenas sete tipologias diferentes, recorreremos às colecções da Rua Pedro Dias, em Tomar e da Casa Mogo de Melo, em Torres Novas, nomeadamente para o projecto de divulgação.

Após uma breve contextualização histórico-arqueológica das colecções, passou-se à definição dos grupos tipológico-funcionais (armazenamento e transporte, loiça de cozinha, contentores de lume, loiça de mesa e objectos de uso doméstico e artesanal) onde se inserem as diferentes tipologias estudadas neste trabalho. Neste ponto pretendeu-se caracterizar e enquadrar cada tipologia, assim como a sua definição funcional e características tecnológicas. De modo a ilustrar a importância e evolução das formas cerâmicas no quotidiano ao longo do tempo, são apresentadas algumas pinturas, do séc. XVI ao séc. XX, desde os grandes mestres internacionais aos pintores portugueses.

No capítulo referente à intervenção de conservação e restauro o qual foca apenas a colecção da Quinta da Anunciada Velha, pretendeu-se fazer uma apresentação de todo o trabalho desenvolvido, expondo as várias fases de todo o processo. Divide-se em quatro sub-capítulos: diagnóstico, onde se inserem questões relacionadas com materiais e

técnicas de produção; estado de conservação; métodos de exame e análise; intervenções anteriores; proposta de intervenção; e a intervenção de conservação e restauro.

Realça-se a fase do diagnóstico, por pretender identificar as causas dos danos e degradações. Salienta-se que é indispensável executar um diagnóstico correcto, para uma avaliação apropriada e para um juízo racional sobre as medidas de tratamento a adoptar.

A culminar o processo de estágio foi realizada a acção de divulgação do trabalho através da exposição “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”, que esteve patente no evento “Memórias da História”/ Feira Medieval de Torres Novas, que decorreu entre os dias 27 a 30 de Junho de 2013. São apresentados diversos aspectos, entre eles a selecção das peças a expor, expositores, suportes escritos e fotográficos, suportes de divulgação e o próprio *merchandising* de suporte à exposição.

Em anexo são apresentados sete documentos que permitem ilustrar de forma mais generalizada os diferentes trabalhos desenvolvidos ao longo do estágio. Os primeiros seis aludem unicamente aos trabalhos sobre a colecção da Quinta da Anunciada Velha e o último, aos diversos trabalhos de conservação e restauro desenvolvidos paralelamente ao estágio curricular, no âmbito da actividade do Laboratório de Conservação e Restauro de Materiais Cerâmicos.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICA

1.1 Introdução

A contextualização histórico-arqueológica tem como objectivo fazer um enquadramento sumário dos locais de escavação dos espólios em estudo neste trabalho, referindo a sua localização, contexto arqueológico dos achados e as principais referências históricas dos sítios.

O principal espólio é o da Quinta da Anunciada Velha (QAV), situada nos arredores da cidade de Tomar. Os outros dois são provenientes de um edifício sito na Rua Pedro Dias (RPD), no centro histórico de Tomar e da Casa Mogo de Melo (CMM), actual Museu Municipal Carlos Reis (MMCR), em Torres Novas.

1.2 A Quinta da Anunciada Velha e o seu espólio

A QAV, situada no concelho de Tomar, remonta ao século XII, sendo que o primeiro documento que dela temos notícia data de 1192 (ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO – Livro das Escrituras, 2ª parte, fl. 58, S. d.)¹.

“A quinta estende-se ao longo do vale onde se erguem os Pegões Altos, principal obra de arte do aqueduto do Convento de Cristo. Desenvolve-se para Sul destes até à estrada de Tomar ao Paialvo, que toca a uns quinhentos metros aquém da velha aldeia de Cem Soldos.”²

Inicialmente foi denominada como herdade de Cerzedo e mais tarde Serzedo, como alusão aos carvalhos, “uma árvore bem presente no vale da Anunciada Velha”³, pensa-se que a QAV foi sempre habitada. Desde “uma abastada família moçárabe; cavaleiros

¹ Cit. por FRANÇA, António Pinto da – *Achega para a História da Quinta da Anunciada Velha*, 2005, p. 36.

² FRANÇA, António Pinto da – *Achega para a História da Quinta da Anunciada Velha*, 2005, p. 36.

³ FRANÇA, António Pinto da – *Achega para a História da Quinta da Anunciada Velha*, 2005, p. 37.

templários; uma família nobre da região; uma comunidade de capuchos; frades de Cristo; alguns lavradores da aldeia de Cem Soldos; um ramo dos descendentes do Marquês de Tomar que até hoje a usufrui.”⁴

Só nos finais do século XVI, quando o convento dos monges capuchos se instalou na herdade, é que se começou a designar Anunciada, uma vez que os capuchos tinham uma devoção à Senhora da Anunciada. No século XVII os capuchos passaram para o novo convento e só aí se passou a usar a designação “Velha”, para que se pudesse distinguir do novo espaço.⁵

O espólio da QAV, da qual fazem parte faianças, porcelanas e a cerâmica comum de barro vermelho, foi encontrada numa escavação arqueológica dirigida pela Dr.^a Salete da Ponte a pedido do embaixador Pinto da França, nos anos de 1994 a 1996 (Relatório Final/96: Lagar na Anunciada Velha – Tomar)⁶. No decorrer das escavações foi descoberto um antigo lagar de onde provém todo o espólio. Contudo, este trabalho pretende apenas estudar a cerâmica comum de barro vermelho, uma parte do espólio que ainda não tinha sido estudada, exaustivamente. Pensa-se que o lagar remonta aos finais do séc. XII, do tempo em que a QAV era um convento de Frades Capuchos (Relatório Final/ 96: Lagar na Anunciada Velha – Tomar)⁷.

Salete da Ponte defende que as cerâmicas recolhidas no lagar estariam associadas à alimentação durante as várias fases de produção do azeite. Para além disso, enquadra ainda o espólio entre os séculos XVI e XIX.⁸

As Figuras 1 e 2 mostram a QAV em 1941, aquando das obras de recuperação e em 2013, respectivamente.

⁴ FRANÇA, António Pinto da – *Achega para a História da Quinta da Anunciada Velha*, 2005, p. 36.

⁵ SANTIAGO, Fr. Francisco de – *Chronica da Santa Província de N. Senhora da Soledade*, p. 857- 858.

⁶ Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. IV.

⁷ Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. IV.

⁸ PONTE, Salete da – *Anunciada Velha revisitada*, 2005, p. 104-105.



Figura 1 – Quinta da Anunciada Velha, 1941. (Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha. Vol. III, 1941.)



Figura 2 – Quinta da Anunciada Velha, 2013. (Inês Catarino, Fev. 2013.)

A Figura 3 mostra o interior do lagar, onde foi encontrado o espólio arqueológico.



Figura 3 – Interior do lagar, Quinta da Anunciada Velha. (Inês Catarino, Fev. 2013.)

1.2 A Rua Pedro Dias e o seu espólio

A RPD, apresentada na Figura 4, situa-se na zona histórica de Tomar e nasceu na 2^a metade do século XVI. Pedro Dias foi durante muitos anos provedor da Santa Casa da Misericórdia.

Durante alguns anos a rua teve um sentido depreciativo. Tanto as crianças como as mulheres estavam proibidas de entrar na rua, a qual era considerada “rua das meninas”⁹. Em 1944, após Salazar abolir as casas de prostituição, a RPD passa a denominar-se Rua do Teatro.¹⁰

A intervenção nos n^{os} 53/ 57 da RPD, em 2003, teve um enquadramento particular pois tratou-se de uma intervenção arqueológica de emergência. Durante a demolição do interior do edifício começaram a aparecer peças cerâmicas, datáveis dos séculos XV ao

⁹ MELA, Romualdo – *Ruas de Tomar e a sua toponímia*, 1982, p. 148-149.

¹⁰ MELA, Romualdo – *Ruas de Tomar e a sua toponímia*, 1982, p. 148-149.

XVIII.¹¹ No local identificado como lixeira doméstica, para além do espólio cerâmico, apareceram sedimentos orgânicos, resíduos de combustão e cal.¹² Apesar disso as peças encontravam-se em muito bom estado de conservação, muitas delas completas e outras com o perfil completo.¹³



Figura 4 – Rua Pedro Dias, em Tomar. (Inês Catarino, Fev. 2013.)

¹¹ PONTE, Salete da [et al.] – *A Arqueologia Iconográfica da (I) materialidade dos Artefactos Cerâmicos da “Pedro Dias”*, 2011, p. 388-389.

¹² PONTE, Salete da [et al.] – *A Arqueologia Iconográfica da (I) materialidade dos Artefactos Cerâmicos da “Pedro Dias”*, 2011, p. 389.

¹³ PONTE, Salete da [et al.] – *A Arqueologia Iconográfica da (I) materialidade dos Artefactos Cerâmicos da “Pedro Dias”*, 2011, p. 389.

1.3 A Casa Mogo de Melo e o seu espólio

A CMM, em Torres Novas, é desde 1994 o MMCR (Figura 5), data em que se instalou definitivamente neste espaço o Museu, após as obras de recuperação.¹⁴



Figura 5 – Museu Municipal Carlos Reis, em Torres Novas. (Cristina Reis, 12 Fev. 2013.)

A data de construção da casa remonta à 2ª metade do século XVIII.¹⁵ O MMCR foi classificado com Imóvel de Interesse Concelhio, pelo Dec. nº 2/ 96, DR 56, de 6 Março 1996.¹⁶

Pedro Anes de Melo, “o Mogo”, foi o primeiro desta família a chegar a Torres Novas, em 1543, para ocupar as funções de provedor da Misericórdia. A denominação Mogo

¹⁴ CARREIRA, Carlos – *Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas*, 2005, p. 13.

¹⁵ CARREIRA, Carlos – *Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas*, 2005, p. 17.

¹⁶ GUIA DO CONCELHO, <URL: <http://www.cm-torresnovas.pt/NR/rdonlyres/000120a1/unpercoxnmaojtckysvgnjbwhdfuqzj/GuiadoConcelho.pdf>>, p. 15.

vem da sua participação na tomada da ilha do Mogo. Contudo, o espaço onde se constrói a casa no século XVIII é adquirido em 1576.¹⁷

Em 1993, durante as obras de restauro do edifício, com o objectivo de o transformar em Museu, procederam-se a escavações arqueológicas.¹⁸

De entre toda a colecção de cerâmica descoberta durante as escavações, a cerâmica comum de barro vermelho, não vidrada, constitui cerca de 46,46 % da colecção, com um total de 127 peças, encontradas na última camada estratigráfica, a cerca de 2,5 m de profundidade. Pensa-se que esta parte da colecção seja dos finais do século XVI, de uma habitação ali existente.¹⁹ As peças encontravam-se em muito bom estado de conservação, sendo que a maioria estava inteira.²⁰

¹⁷ CARREIRA, Carlos – *Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas*, 2005, p. 16-18.

¹⁸ CARREIRA, Carlos – *Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas*, 2005, p. 13.

¹⁹ CARREIRA, Carlos – *Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas*, 2005, p. 96.

²⁰ CARREIRA, Carlos – *Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas*, 2005, p. 13.

2. DEFINIÇÃO DOS GRUPOS TIPOLOGICO-FUNCIONAIS

2.1 Introdução

Os grupos tipológico-funcionais e as tipologias têm ainda hoje terminologias bastante discutíveis e por vezes confusas. De modo a caracterizar a colecção em estudo do ponto de vista funcional, isto é, quanto à actividade principal em que é usado e tipológica, onde se especificam alguns dos aspectos formais, dimensionais e até mesmo tipológicos. Para o efeito foram seguidos alguns trabalhos de referência de modo a efectuar esta caracterização, atendendo aos diversos períodos histórico-culturais e à melhor adaptação dos termos para o espólio em causa.²¹

Foram assim definidos cinco grandes grupos tipológico-funcionais, onde se inserem as diferentes tipologias: armazenamento e transporte; loiça de cozinha; contentores de lume; loiça de mesa; e objectos de uso doméstico e artesanal.

2.2 Armazenamento e transporte

O primeiro grupo considerado refere-se aos materiais com uma principal utilização no armazenamento e transporte, nomeadamente de líquidos, onde se enquadram o pote e o cântaro.

Segundo Cláudio Torres²² o pote (Figura 6) é caracterizado pela sua forma fechada, de corpo globular e sem marcas de fogo. Contudo, não podemos esquecer que nesta época os recipientes utilitários não eram facilmente adquiridos e na cozinha, os diversos objectos assumiam diversas funções consoante as necessidades, muitas vezes distintas das funções para as quais foram inicialmente concebidas. Na colecção da QAV

²¹ COSTA, Paulo Ferreira da – *Normas de inventário, Cerâmica utilitária Arqueologia*, 2007 e TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 125-134.

²² TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 127.

encontram-se potes com e sem marcas de fogo e a sua semelhança com a panela apenas difere nas dimensões, pois ao nível da forma são bastante semelhantes. O pote serviria para conter ou armazenar alimentos mas também para ir ao lume. Não sendo a sua principal utilização, pois existiam outros recipientes para essas funções, esta utilização está relacionada com as necessidades quotidianas de quem o usava, e das suas características tecnológicas que permitiam a sua adaptação. Nas “normas de inventário”, o pote é caracterizado por ser um “recipiente de dimensões superiores às das panelas, mas tipologicamente bastante semelhante, apto a cozinhar e/ou a guardar alimentos”²³, adoptando-se esta denominação para a forma a acima referida.

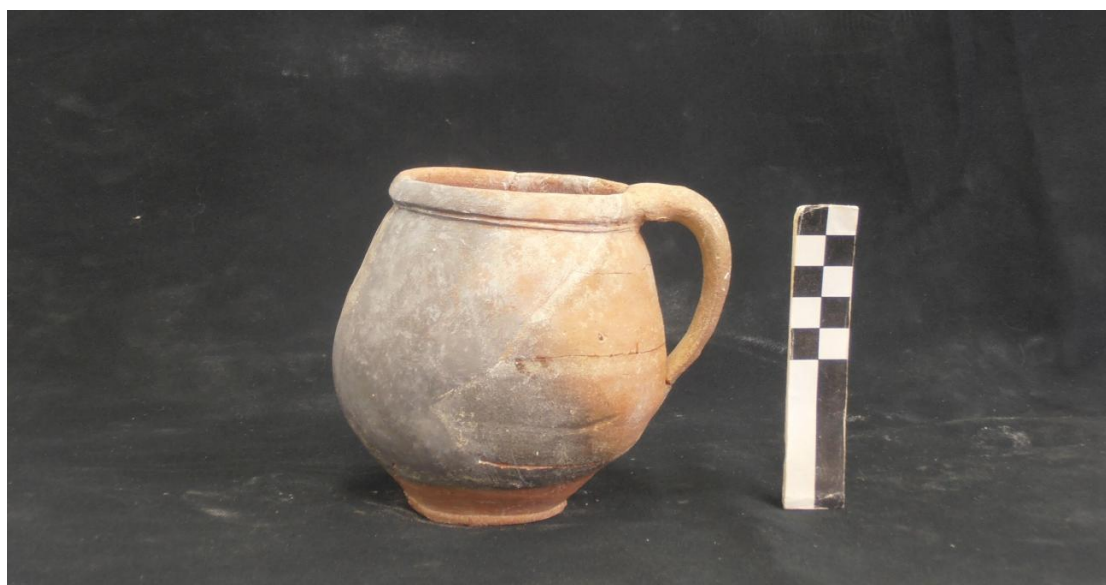


Figura 6 – Pote. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

O cântaro (Figura 7) apresenta uma forma fechada e dimensões médias, corpo ovoide, uma asa para facilitar o seu transporte e um gargalo e boca relativamente estreitos.²⁴ Este objecto tinha como função o transporte e armazenamento de líquidos, nomeadamente, água. As suas reduzidas dimensões estão relacionadas com o facto de serem as mulheres e as crianças da casa a transportá-lo.²⁵

²³ COSTA, Paulo Ferreira da – *Normas de inventário, Cerâmica utilitária, Arqueologia*, 2007, p. 72.

²⁴ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 127.

²⁵ FERNANDES, Isabel Maria – *Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria*, 2003, p. 69.

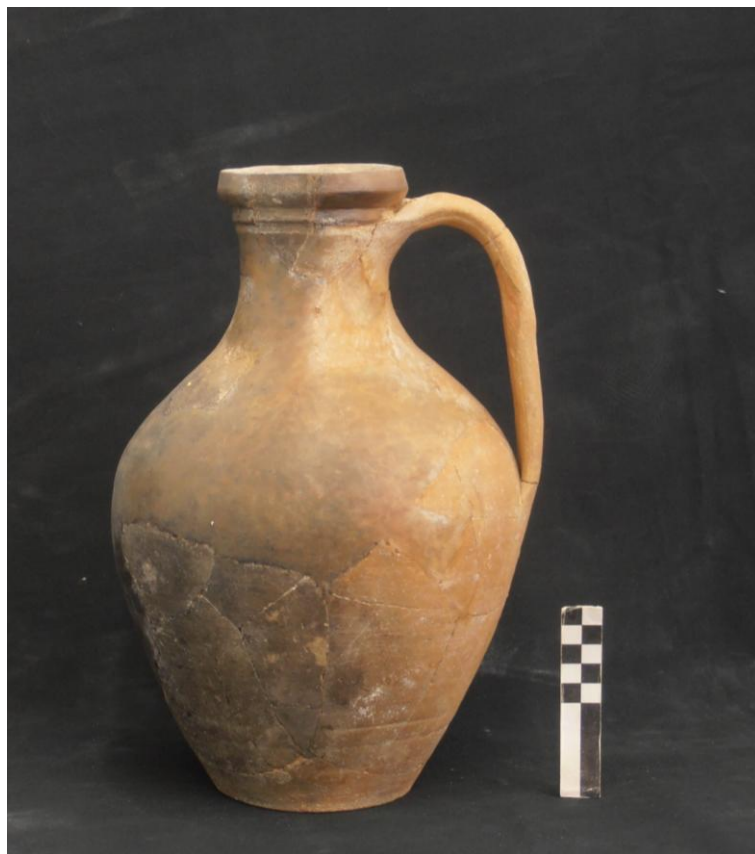


Figura 7 – Cântaro. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

2.3 Loiça de cozinha

Quanto à loiça de cozinha considerámos as seguintes tipologias: a panela, o tacho, a caçoila, o alguidar e a marmita.

A panela (Figura 8), caracterizada pela sua “boca fechada, de corpo globular e colo diferenciado, uma ou duas asas, e boca de tamanho médio que podia ser facilmente tapada, costuma apresentar marcas de fogo”²⁶ é uma das tipologias que cria alguma relutância na designação na colecção da QAV. É difícil distinguir a panela e o pote, formalmente idênticos, diferindo apenas nas dimensões, mas é perfeitamente aceitável a sua presença nesta colecção. Contudo, de forma a não criar grandes divergências optou-se por não usar o termo, dando tanto aos potes como às panelas da QAV a denominação de pote.

²⁶ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 127.

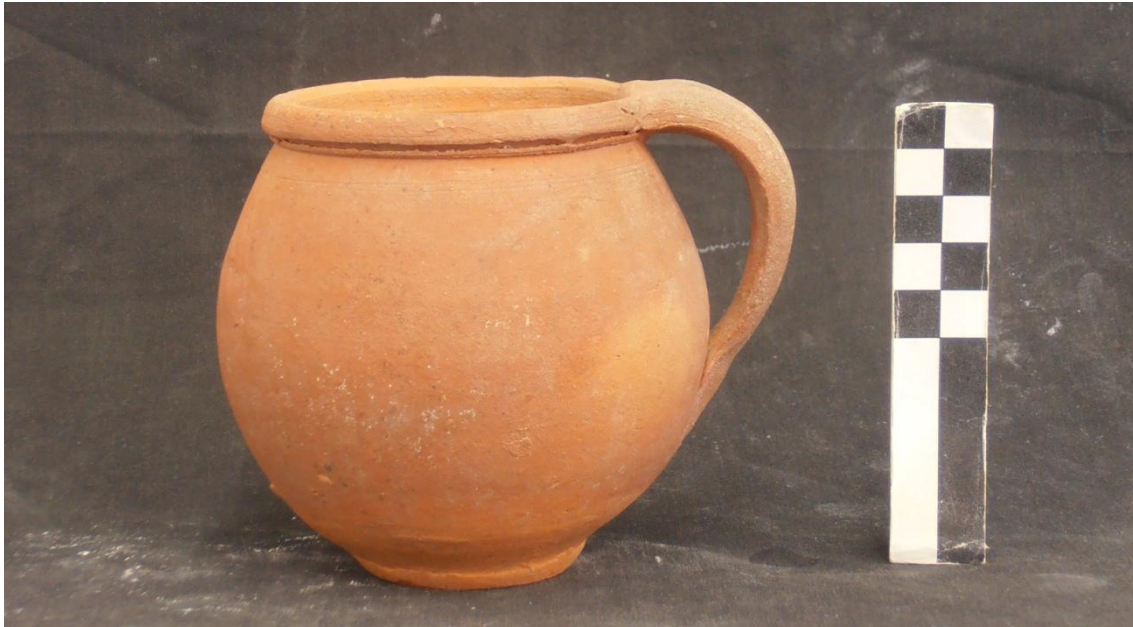


Figura 8 – Panela. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)

O tacho (Figura 9) é caracterizado por ser um recipiente largo, de forma aberta e paredes altas, próprio para cozinhar alimentos ao lume e que apresenta duas pegas na zona do bordo para facilitar o seu manuseamento.²⁷

A caçoila (Figura 10) é caracterizada por ter uma “forma aberta, de corpo mais ou menos largo, com tendências cilíndricas ou em tronco de cone invertido”²⁸, de forma a facilitar a sua colocação em cima do lume. Pode ou não ter duas pegas laterais, na zona do bordo, de forma a facilitar o seu manuseamento.

O alguidar (Figura 11) é a forma que menos tem causado debate pelos investigadores. A sua forma é sempre caracterizada pela sua forma aberta, com corpo em forma de cone invertido, de dimensões médias a grandes, com a função de lavar. Este recipiente tanto era utilizado na matança do porco, como para lavar a roupa ou a loiça, ou até mesmo “para aparar a água que caía do telhado”²⁹. Este recipiente mantém a sua forma mas apresenta diversas dimensões, o que o habilita para os variados usos do quotidiano e que é visível no espólio da QAV.

²⁷ COSTA, Paulo Ferreira da – *Normas de inventário, Cerâmica utilitária, Arqueologia*, 2007, p. 71-72.

²⁸ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 127.

²⁹ FERNANDES, Isabel Maria – *Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria*, 2003, p. 64.

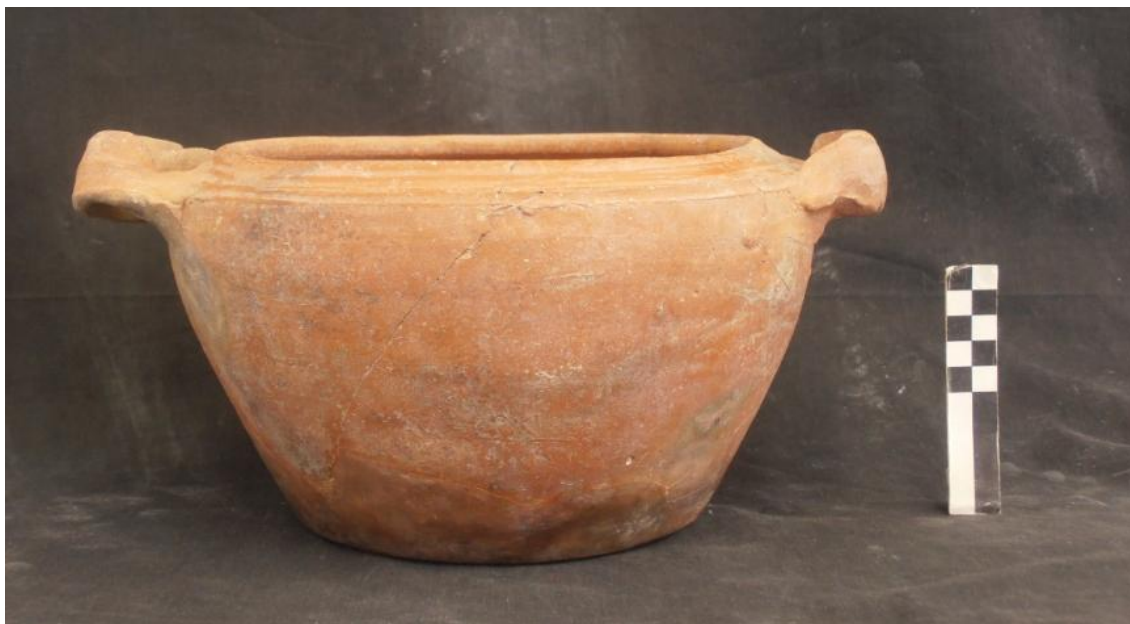


Figura 9 – Tacho. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)



Figura 10 – Caçoila. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)



Figura 11 – Alguidar. (QAV. Cristina Reis, 26 Jun. 2013.)

A marmita (Figura 12) é uma forma que ainda hoje causa alguma discussão, principalmente no que diz respeito à sua função e forma. Semelhante à panela, mas de forma mais aberta, com “tendências cilíndricas e irrelevância ou inexistência de colo”³⁰. Este recipiente apresenta uma reentrância no interior, ao nível do bordo, o que nos dá a sensação de que servia para transportar líquidos de forma a não verterem. Por outro lado, a marmita podia ainda ser usada com o bordo apoiado sobre uma superfície lisa, uma vez que este é completamente plano e todos os exemplares apresentam desgaste nesta zona. Este objecto mantém na superfície exterior um engobo brunido.



Figura 12 – Marmita. (RPD. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

³⁰ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 127.

2.4 Contentores de lume

Quanto aos contentores de lume, são apresentados duas tipologias funcionais, o fogareiro e a candeia, o primeiro destinado à confecção dos alimentos e o segundo para aluminação.

O fogareiro (Figura 13) é caracterizado “por um corpo superior aberto para conter as brasas [e] uma grelha que separa este corpo da fornalha inferior onde se depositam as cinzas”³¹. O corpo inferior em forma de tronco de cone possui uma abertura para a entrada de ar.



Figura 13 – Fogareiro. (RPD. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

A candeia (Figura 14) é um pequeno recipiente usado para iluminação. Tem uma forma aberta e hemisférica, fundo plano e bordo modelado, de modo a formar um pequeno bico para suportar o pavio.³²

³¹ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 129-130.

³² TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 129.



Figura 14 – Candeia. (CMM. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

2.5 Loiça de mesa

Quanto à loiça de mesa existem recipientes para a contenção e apresentação dos alimentos assim como para o consumo, entre os quais a garrafa, o púcaro, a taça, a tijela, o prato, a caneca e o jarro.

A garrafa (Figura 15) é caracterizada por ser um recipiente estrangulado, muito mais alto que largo, sem asa e sem bico. Este recipiente apresentava dupla função, podia ser usado para servir líquidos à mesa ou para o transporte individual.

O púcaro (Figura 16) é uma “variante de um pequeno jarro (inferior a 10 cm) com forma fechada de tendência globular (...) e uma única asa.”³³ Este objecto serviria para ingerir líquidos. O púcaro era muitas vezes colocado sobre o testro do cântaro, para que facilmente as pessoas pudessem verter nele a água e beber.³⁴

³³ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 130.

³⁴ FERNANDES, Isabel Maria – *Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria*, 2003, p. 170.



Figura 15 – Garrafa. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)

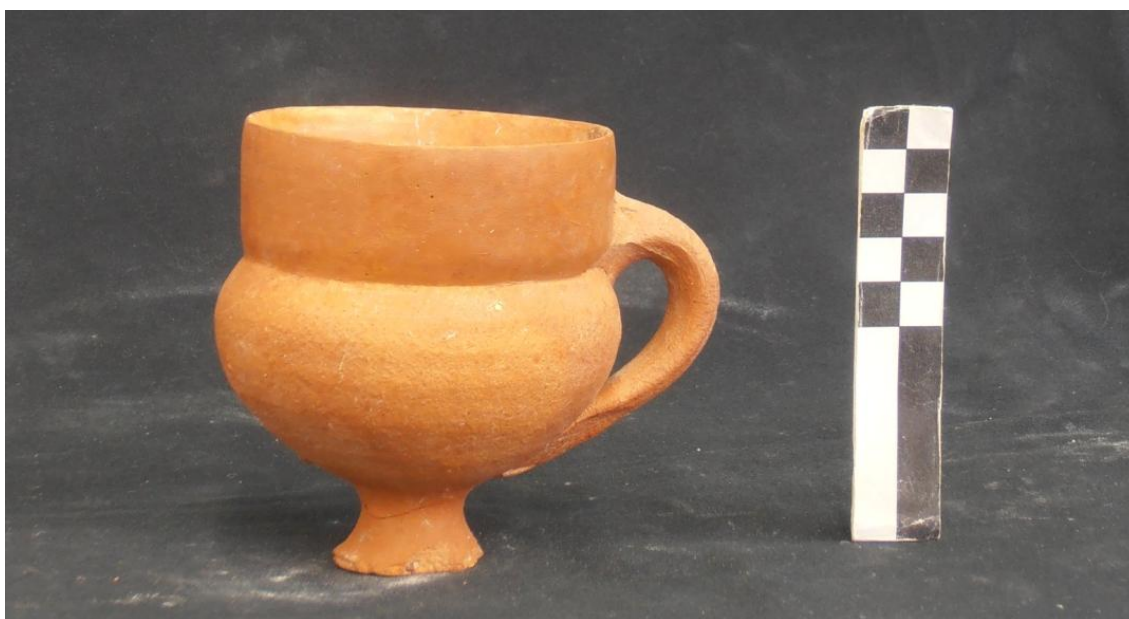


Figura 16 – Púcaro. (CMM. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)

A taça (Figura 17) é semelhante à tijela, apresentando uma forma hemisférica, diferindo apenas nas dimensões. Era maior, uma vez que tinha como função a apresentação de alimentos.³⁵

Tijela (Figura 18) sugere um “recipiente de forma normalmente hemisférica”³⁶. Distinguível da taça pelas suas menores dimensões. Servia para a ingestão individual de caldos ou sopas. Nos séculos XVIII e XIX, aqueles que tinham menos posses, ainda utilizavam a tijela em terracota, ou até mesmo os pratos individuais.³⁷



Figura 17 – Taça. (RPD. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)



Figura 18 – Tijela. (QAV. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

³⁵ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 132.

³⁶ COSTA, Paulo Ferreira da – *Normas de inventário, Cerâmica utilitária, Arqueologia*, 2007, p.72.

³⁷ FERNANDES, Isabel Maria – *Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria*, 2003, p. 156.

O prato (Figura 19), um recipiente plano de uso individual, surge no quotidiano ocidental, a partir do século XIII.³⁸ Contudo, os pratos da colecção da QAV são de reduzidas dimensões, não tendo mais de 10 cm de diâmetro. Possivelmente, estes serviam de bases para copos, jarros ou até mesmo potes. Os da RPD têm maiores dimensões, sendo que estes já seriam utilizados para a ingestão de alimentos ou até mesmo para apresentação dos mesmos.

A caneca (Figura 20) é um recipiente de forma cilíndrica, semelhante ao copo, com a diferença de possuir uma asa. Usada para o consumo de bebidas, é uma forma facilmente reconhecida e comum.

O jarro (Figura 21) é um recipiente de dimensões médias, semelhante ao cântaro, com uma asa e adequado ao serviço de líquidos. Pode ou não apresentar um bico no bordo, do lado oposto à asa.³⁹



Figura 19 – Prato. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)

³⁸ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p.132.

³⁹ TORRES, Cláudio; GÓMES, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, 2003, p. 130.



Figura 20 – Caneca. (CMM. Cristina Reis, 24 Jun. 2013.)



Figura 21 – Jarro. (CMM. Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

2.6 Objectos de uso doméstico e artesanal

Nos objectos de uso doméstico e artesanal, enquadra-se o testo e o medidor.

O testo (Figura 22) de forma plana ou côncava, com uma pequena pega no centro, destina-se a tapar recipientes – panelas, potes, jarros, entre outros – com a função de preservar ou conservar os alimentos.

O medidor (Figura 23) caracteriza-se por ter uma forma aberta, de paredes altas, com uma pequena asa ao nível do fundo, para facilitar o seu manuseamento. Tinha a função de medir cereais, arroz, feijão, entre outros, e era usado nos mercados.



Figura 22 – Testo. (QAV. Cristina Reis, 26 Jun. 2013.)



Figura 23 – Medidor. (RPD. Cristina Reis, 27 Maio 2013.)

A Tabela 1 apresenta um quadro-resumo com as diferentes tipologias enquadradas nos respectivos grupos tipológico-funcionais.

Tabela 1 – Tipologias enquadradas nos respectivos grupos tipológico-funcionais.

Armazenamento e transporte	Louça de cozinha	Contentores de lume	Louça de mesa	Objectos de uso doméstico e artesanal
Pote	Panela	Fogareiro	Garrafa	Testo
Cântaro	Tacho	Candeia	Púcaro	Medidor
	Caçoila		Taça	
	Alguidar		Tijela	
	Marmita		Prato	
			Caneca	
			Jarro	

3. A REPRESENTAÇÃO DA CERÂMICA UTILITÁRIA

3.1 Introdução

“Os inventários da Época Moderna são quase omissos relativamente à louça de barro de baixo custo. No entanto, é o grupo com mais números nos sítios arqueológicos.”⁴⁰

A opinião não é só do autor acima referido, muitos outros referem situações similares como é o caso de Patrícia Augusto Santos, a qual afirma que as cerâmicas comuns do período moderno são “pouco divulgadas em publicações científicas”⁴¹.

Pouco divulgada na investigação arqueológica, exactamente pela sua continuidade formar, o contributo da cerâmica utilitária é pouco significativo no estabelecimento de datações dos contextos de onde é exumada. No entanto, a tradição da produção de cerâmica utilitária ou comum, sempre esteve presente neste tipo de contextos, em grande número. Muitas das formas pouco mudaram desde o período romano. A cerâmica utilitária sempre esteve presente no quotidiano das pessoas e ao longo dos séculos foi sendo muitas vezes representada, principalmente na pintura, desde os grandes mestres do Renascimento italiano aos pintores portugueses, passando pelos principais pintores contemporâneos europeus até ao artista anónimo que representa uma cena pitoresca. Neste capítulo pretende-se mostrar alguns dos enquadramentos destes materiais ao longo dos séculos e o quão presentes estiveram no quotidiano e, em certa medida, o seu peso na economia local e regional, tanto na produção como no comércio.

⁴⁰ MARTINS SOUSA, Elvino Duarte – *Ilhas de Arqueologia: O quotidiano e a civilização material na Madeira e Açores (séculos XV-XVIII)*, Vol. II, 2011, p. 239.

⁴¹ SANTOS, Patrícia Augusto – *Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa*, 2008, p. 327.

3.2 Pintura Internacional

Muitos dos grandes pintores da Época Moderna, tais como Miguel Ângelo, Rafael, Van Gogh, entre outros, representaram nas suas obras, os mais diversos objectos de terracota.

Em *O Dilúvio* (Figura 24) pintado na capela sistina, no Vaticano, a fresco, entre 1508/1509⁴², Miguel Ângelo representa um pote e três pratos em terracota, no canto inferior direito.



Figura 24 – *O Dilúvio*, de Miguel Ângelo. Representação parcial. (NERET, Gilles – *Miguel Ângelo*, p. 31.)

⁴² NÉRET, Gilles – *Miguel Ângelo*, 2006, p. 31.

Ainda no mesmo século, no ano de 1514, também a fresco⁴³, Rafael, em *O Incêndio no Borgo* (Figura 25) pinta dois cântaros, um seguro por uma mulher e outro por um homem.



Figura 25 – *O Incêndio no Borgo*, de Rafael. Representação parcial. (THOENES, Christof – *Rafael*, p. 51.)

Em 1885, Van Gogh pinta um quadro a óleo sobre tela⁴⁴, *Os comedores de batatas* (Figura 26), onde se pode ver uma panela contendo colheres de pau, no canto superior direito.

Até mesmo Henri Matisse, em 1911, óleo sobre tela⁴⁵, em *O atelier vermelho* (Figura 27), representa um cântaro em terracota, juntamente com lápis de cor, cavaletes, cadeiras, molduras, quadros e esculturas.

⁴³ THOENES, Christof – *Rafael*, 2005, p. 51.

⁴⁴ WALTHER, Ingo F. – *Van Gogh*, 2006, p. 14.



Figura 26 – *Os comedores de batatas*, de Van Gogh. (WALTHER, Ingo F. – *Van Gogh*, p. 14.)



Figura 27 – *O atelier vermelho*, de Henri Matisse. (ESSERS, Volkmar – *Matisse*, p. 33.)

⁴⁵ ESSERS, Volkmar – *Matisse*, 2002, p. 33.

3.3 Pintura Nacional

Em Portugal a situação é similar, com várias representações de cerâmica comum nos pintores do séc. XV e em diante.

Na figura 28 é apresentada a *Natividade* uma pintura do retábulo da Sé de Viseu, do séc. XV, em exposição no Museu Grão Vasco⁴⁶, onde é representado um jarro.



Figura 28 – *Natividade*, autor desconhecido. (MARKL, Dagoberto – *História da Arte em Portugal*. Vol.6, p. 116.)

⁴⁶ MARKL, Dagoberto – *História da Arte em Portugal*, Vol. 6, 1993, p. 116.

Vasco Fernandes, no séc. XVI, pinta para a Sé de Lamego, a *Anunciação*⁴⁷ (Figura 29), onde é representado um fogareiro.



Figura 29 – *Anunciação*, de Vasco Fernandes. (MARKL, Dagoberto – *História da Arte em Portugal*. Vol.6, p. 117.)

⁴⁷ MARKL, Dagoberto – *História da Arte em Portugal*, Vol. 6, 1993, p. 117.

No séc. XVII, Filipe Lobo pinta a *Vista do Mosteiro dos Jerónimos* (Figura 30), actualmente em exposição no Museu Nacional da Arte Antiga⁴⁸, onde são representadas uma série de mulheres na fonte a encher os cântaros com água.

A figura 31 apresenta a *Sagrada Família*, de Vieira Lusitano, do séc. XVIII, do Palácio Nacional de Mafra⁴⁹, onde é representada uma tijela no canto inferior esquerdo.



Figura 30 – *Vista do Mosteiro dos Jerónimos*, Filipe Lobo. (MOURA, Carlos – *História da Arte em Portugal*. Vol. 8, p. 128-129.)

⁴⁸ MOURA, Carlos – *História da Arte em Portugal*, Vol. 8, 1986, p. 128.

⁴⁹ BORGES, Nelson Correia – *História da Arte em Portugal*, Vol. 9, 1993, p. 67-68.

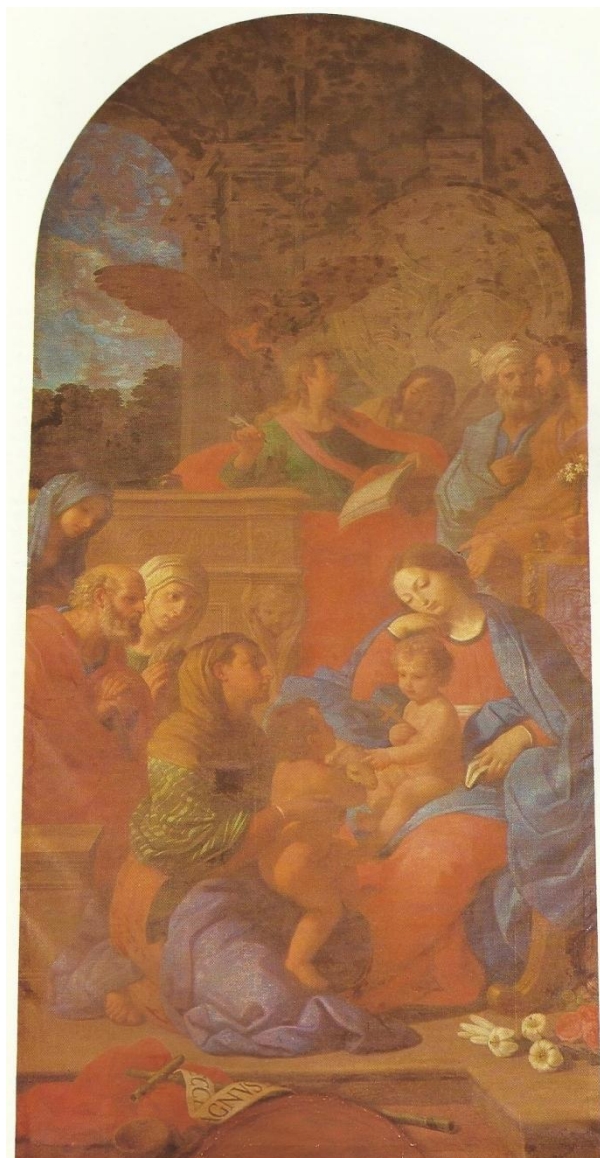


Figura 31 – *Sagrada Família*, Vieira Lusitano. (BORGES, Nelson Correia – História da Arte em Portugal. Vol. 9, p. 68.)

Na figura 32 apresenta-se *A Rapariga da Bilha*, pintada a óleo sobre tábua, de Mário Augusto, 1927.⁵⁰

Do mesmo autor, com a mesma técnica, mas de 1930⁵¹, em *Raparigas das Alhadas* (Figura 33) está representado um cântaro, no canto inferior esquerdo.

⁵⁰ PEREIRO, Luís – *Galeria de Mário Augusto*, <URL: <http://galeriademarioaugusto.blogspot.pt/>>.

⁵¹ PEREIRO, Luís – *Galeria de Mário Augusto*, <URL: <http://galeriademarioaugusto.blogspot.pt/>>.

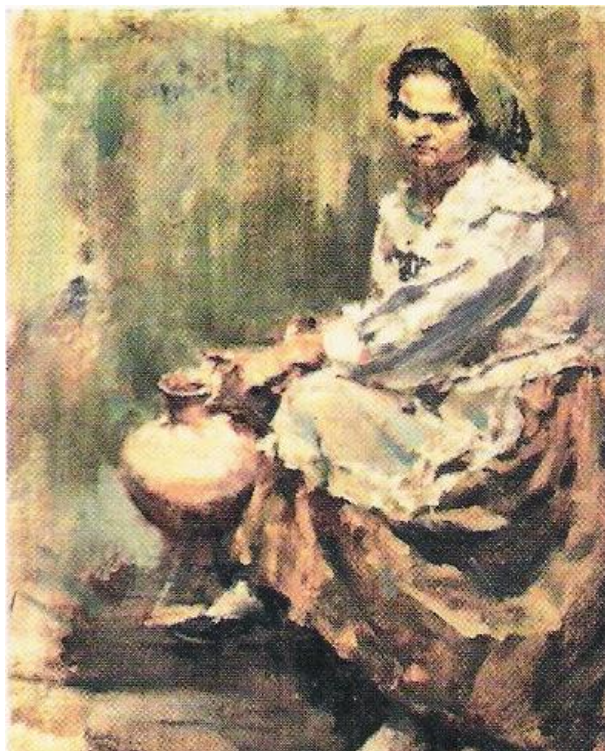


Figura 32 – *A Rapariga da Bilha*, de Mário Augusto. (PEREIRO, Luís – *Galeria de Mário Augusto*.)

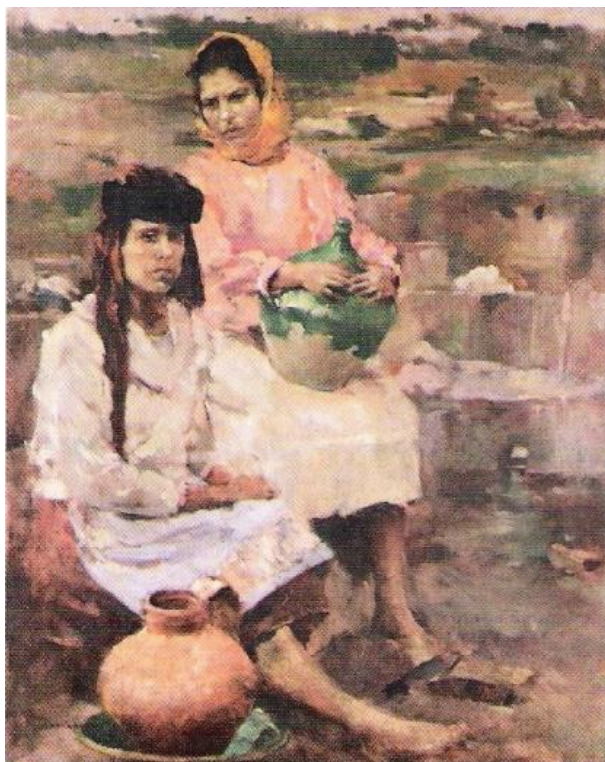


Figura 33 – *Raparigas das Alhadas*, de Mário Augusto. (PEREIRO, Luís – *Galeria de Mário Augusto*.)

A figura 34 apresenta uma pintura de Duarte Pimentel, do séc. XX⁵², *Cena de interior com mulher a fiar*, onde estão representados diversos cântaros e um alguidar em terracota, sobre a bancada, para além de um importante conjunto de faiança.



Figura 34 – *Cena de interior com mulher a fiar*, de Duarte Pimentel. (ARCADJA: auction results – Algumas obras de Duarte Pimentel.)

A figura 35 que representa *O Namoro* de Abel Santos, século XX⁵³, mostra alguidares, potes e cântaros, no interior da habitação.

A figura 36, de autor e datação desconhecidos, em exposição no Museu Municipal de Portalegre, mostra o *Mercado na Praça da República*, em Portalegre, onde são vendidas diversas cerâmicas de barro vermelho.

⁵² ARCADJA: auction results – Algumas obras de Duarte Pimentel, <URL: http://www.arcadja.com/auctions/pt/pimentel_duarte/artist/392066/>.

⁵³ MUSEU MUNICIPAL DE PORTALEGRE, <URL: <http://www.geira.pt/mmportalegre/>>.



Figura 35 – *O Namoro*, de Abel Santos. (MUSEU MUNICIPAL DE PORTALEGRE.)



Figura 36 – *Mercado na Praça da República*, autor desconhecido. (MUSEU MUNICIPAL DE PORTALEGRE.)

Estas representações são apenas uma outra forma de olhar para os objectos no seu quotidiano, em alguns casos funcionando como elementos de uma composição, noutros mostrando a sua utilidade no quotidiano.

O registo arqueológico demonstra que este tipo de materiais continuam a ser usados em grande quantidade, embora algumas tipologias sofram alterações com o tempo, quer na forma, decoração, dimensões, e por vezes reflete alguns regionalismos que com o tempo se vão introduzindo e acentuando. Por exemplo, Isabel Fernandes refere este aspeto num dos seus textos de uma forma bastante interessante: “uma talha de Barcelos e uma talha alentejana são inconfundíveis”⁵⁴; e distingue ainda as produzidas no Norte das do Sul do país: “No Norte, as talhas para armazenamento nunca atingiram as dimensões avantajadas das talhas vinárias do Sul. O Norte, montanhoso e chuvoso, recorre em primeira mão à matéria-prima abundante no seu habitat natural, quer o granito, quer a madeira de árvores como o carvalho, os castanheiros e os pinheiros.”⁵⁵

⁵⁴ FERNANDES, Isabel Maria – *Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria*, 2003, p. 69.

⁵⁵ FERNANDES, Isabel Maria – *Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria*, 2003, p. 68.

4. CONSERVAÇÃO E RESTAURO

4.1 Introdução

Após a escavação do espólio da QAV uma parte do mesmo esteve na posse da Doutora Salete da Ponte, enquanto arqueóloga responsável pela mesma, com o objectivo de promover o seu estudo e divulgação.⁵⁶ A maioria dos fragmentos foram mantidos no local da escavação após a consolidação das estruturas encontradas, uma vez que se tratava de um espaço fechado e que garantia condições de segurança ao espólio.

Em 2006, após solicitação do seu proprietário, foi elaborado um acordo de cooperação, para o tratamento, estudo e divulgação do espólio, com o Laboratório de Conservação e Restauro do IPT (Instituto Politécnico de Tomar) onde se encontra actualmente em depósito.⁵⁷

O espólio não se encontrava estudado (com excepção de um pequeno grupo de fragmentos⁵⁸), não existiam referências especiais nem de estratos, nem qualquer tipo de referência nos grupos ou contentores. O primeiro trabalho efectuado no âmbito das unidades curriculares de *Conservação e Restauro 2* e de *Projecto*, no ano lectivo de 2006/ 2007, foi uma triagem exploratória de modo a reconhecer as principais tipologias presentes e conhecer o estado de conservação dos fragmentos. Efectuaram-se também algumas acções de limpeza num conjunto importante de fragmentos que ainda se encontravam por limpar. Da triagem resultou o agrupamento por tipologia de fragmentos (ex. bordo, fundos, asas, etc.) e por tipologia de recipiente (ex. pote, alguidar, testo, etc.). A cada aluno da unidade curricular de *Projecto* em conservação e restauro (área de materiais cerâmicos) foi distribuída uma tipologia tendo sido estudada do ponto de vista funcional e tecnológica. Para além deste trabalho foi iniciado o

⁵⁶ PONTE, Salete da – *Anunciada Velha revisitada*, 2005, p. 104.

⁵⁷ Ver ANEXO 6 – ACORDO PARA A CONSERVAÇÃO, RESTAURO E ESTUDO DO ESPÓLIO CERÂMICO DA QUINTA DA ANUNCIADA VELHA, p. 149.

⁵⁸ Trabalho realizado pela Dr.^a Salete da Ponte.

trabalho de identificação e registo, nomeadamente através da etiquetagem dos fragmentos, registo em fichas de identificação e desenho dos fragmentos. Da informação produzida foi elaborado um cartaz de modo a iniciar a divulgação do espólio.

Este capítulo abrange todo o trabalho desenvolvido ao nível da conservação e restauro, considerando o diagnóstico, onde se inserem questões relacionadas com os materiais e técnicas de produção, levantamento do estado de conservação e estudo analítico; passando pela proposta de intervenção até à intervenção de conservação e restauro.

4.2 Diagnóstico

4.2.1 Materiais e técnicas de produção

Todos os objectos do espólio em estudo e intervenção são geralmente designados de diversas formas. Por vezes quanto ao tipo de material de que é constituído (cerâmica de barro vermelho ou terracota), quanto ao tipo/ categoria de utilização (cerâmica comum, cerâmica doméstica) ou pela técnica de fabrico (olaria), embora este seja menos comum. Este tipo de cerâmica usa como matéria-prima fundamentalmente as argilas vermelhas ou comuns, também designadas por argila para olaria ou “pottery clay”.⁵⁹ Estas argilas são comuns um pouco por todo o país e são resultado da decomposição de rochas predominantes na crosta terrestre.⁶⁰ É uma rocha constituída essencialmente por minerais argilosos (caulinite, ilite, montmorilonite, clorite, vermiculite e interestratificados), podendo conter outros minerais, os minerais não argilosos (podendo fazer parte quartzo, feldspato, micas, óxidos e hidróxidos de ferro, carbonatos, entre outros), e ainda matéria orgânica e outras impurezas, existentes em abundância na superfície da terra.⁶¹ Fisicamente é caracterizada pelo elevado teor de partículas finas (com d.e.e. (diâmetro esférico equivalente) inferior a 2 µm), pela sua elevada plasticidade, e apresenta uma boa resistência mecânica após cozedura a temperatura

⁵⁹ GOMES, Celso de Sousa Figueiredo – *Minerais Industriais: Matérias Primas Cerâmicas*, 1990, p. 171.

⁶⁰ GOMES, Celso Figueiredo – *Argilas: o que são e para que servem*, 1986, p. 10.

⁶¹ GOMES, Celso de Sousa Figueiredo – *Minerais Industriais: Matérias Primas Cerâmicas*, 1990, p.171.

relativamente baixa (em torno dos 900 °C).⁶² A sua paleta de cores varia entre o cinzento ao cinzento esverdeado e entre o castanho ao castanho avermelhado.⁶³

Os objectos fabricados no período medieval distinguem-se dos do período moderno pela qualidade das pastas com que foram produzidos. A argila utilizada nas cerâmicas modernas é mais depurada, contendo menos ENP's (elementos não plásticos) grosseiros. “A partir do século XV, as peças são fabricadas com pastas mais homogéneas, com desengordurantes de grão fino, normalmente micas e quartzo”⁶⁴ mantendo o aspecto poroso.

Do ponto de vista técnico, quanto à conformação, as peças aqui em estudo foram feitas em roda de oleiro⁶⁵ o que é visível pelas marcas em forma de anel, encontradas nas peças.

Em condições ideais, após a conformação, as peças devem de secar de forma relativamente lenta até atingirem o TCA (teor crítico de água) e depois a secagem durante cerca de 24h a 110 °C de forma a garantir a libertação de toda a água livre.

Dependendo da quantidade de ferro, titânio e manganês e da atmosfera envolvente, o corpo cerâmico, após cozedura, pode apresentar uma variação cromática que vai desde o cinzento ao amarelo-ocre e desde o castanho ao vermelho. Contudo, quanto maior for a temperatura de cozedura, mais escuro é no final o corpo cerâmico. Se a temperatura de cozedura não ultrapassar os 950 °C, o corpo cerâmico apresenta tons avermelhados. Se a argila na sua composição apresentar altos teores de óxidos de cálcio e manganês, no final, o corpo cerâmico apresenta um tom amarelo-ocre.⁶⁶

4.2.2 Levantamento do Estado de Conservação

O estado de conservação do espólio foi efectuado através da simples observação macroscópica.

⁶² GOMES, Celso Figueiredo – *Argilas: o que são e para que servem*, 1986, p. 10.

⁶³ GOMES, Celso de Sousa Figueiredo – *Minerais Industriais: Matérias Primas Cerâmicas*, 1990, p.171.

⁶⁴ SILVÉRIO, Silvina; BARROS, Luís; NUNES, Daniel – *Arqueologia no Castelo de Penamacor: Cimo da Vila. A alcáçova e o cemitério. Resultados das Campanhas de 2004 a 2006*, 2010, p. 201.

⁶⁵ A roda de oleiro foi inventada na Mesopotâmia, no final do quarto milénio a.C. In FRICKE, Johann – *A Cerâmica*, 1992, p. 19.

⁶⁶ GOMES, Celso de Sousa Figueiredo – *Minerais Industriais: Matérias Primas Cerâmicas*, 1990, p. 171.

Antes do processo de triagem percebia-se que existiam inúmeros fragmentos e que no geral as peças eram pouco friáveis. Havia alguma sujidade superficial e alguns depósitos de sujidade incrustada. Após o processo de triagem foi possível elaborar um melhor levantamento do estado de conservação do espólio.

As peças apresentavam-se muito fragmentadas, o que explicava a relativa quantidade de lacunas nas peças passíveis de reconstituição.

A colecção da QAV tem apenas sete tipologias distintas, a saber: potes, cântaros, caçoilas, alguidares, tijelas, pratos e testos.

Os potes são formas que se encontram muito fragmentadas. Percebe-se que existem potes de diferentes tamanhos e existem inúmeros fundos e bordos, com fragmentos de média dimensão. Contudo, o grande problema centra-se nos fragmentos correspondentes aos bojos que apresentam reduzidas dimensões, tornando difícil a triagem dos mesmos.

No caso dos cântaros foi apenas identificado um, passível de ser reconstituído. Percebe-se que existem outros, pois é possível identificar bordos, fundos e asas dos mesmos, mas não se encontraram fragmentos da zona do bojo.

A maioria das caçoilas, por serem peças de ir ao fogo encontram-se mais degradadas, na zona da base, o que reflecte o seu uso continuado. Contudo, a maioria dos fragmentos, são de grandes dimensões.

Os alguidares apresentam poucos fragmentos e são de grandes dimensões, com uma variedade dimensional representativa.

Em relação às tijelas, aos pratos e aos testos, a triagem foi relativamente fácil de efectuar. São peças de reduzidas dimensões e a sua maioria apresenta perfil completo. Em alguns casos foi possível obter formas completas (através da reconstituição virtual), ilustrando de forma representativa a diversidade tipológica para estas três formas.

4.2.3 Estudo analítico

Embora não fosse o tema central do trabalho, após o trabalho de triagem dos fragmentos, entendeu-se que seria importante recolher um conjunto de amostras representativas do espólio da QAV. Num trabalho publicado recentemente, pelo orientador deste estágio, este propunha um estudo para a caracterização dos materiais cerâmicos de produção local na região de Tomar.⁶⁷ É neste sentido que se apresenta de forma resumida a metodologia proposta nesse trabalho, em que os materiais da QAV se enquadram sem qualquer dúvida. Foi seleccionado um conjunto de fragmentos dos quais se retirou uma pequena amostra para o estudo composicional das diferentes tipologias.

Os métodos a utilizar são a Difractometria de raios x (DRX) e a Espectrometria de fluorescência de raios-x dispersiva de comprimento de onda (WDXRF).
















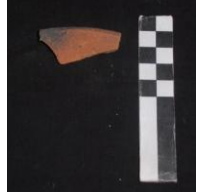
Da colecção da QAV foram recolhidas 16 amostras que representam bem as tipologias identificadas, sendo estas: duas de potes, duas de cântaros, três de caçoilas, duas de alguidares, duas de tijelas, duas de pratos e três de testos. Foram preparadas as amostras através da sua moagem em moinho de bola com cadinho de ágata e enviadas para o laboratório do Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro mas infelizmente não foi possível obter os resultados dos exames atempadamente.

A Tabela 2⁶⁸ apresenta as amostras da QAV com as respectivas referências, tipologias e registo fotográfico.

⁶⁷ PONTE, Salette da [et al.] – *A Arqueologia Iconográfica da (l) materialidade dos Artefactos Cerâmicos da “Pedro Dias”*, 2011, p. 387-394.

⁶⁸ Fotografias tiradas por Cristina Reis, 23 de Janeiro de 2013.

Tabela 2 – Amostras da QAV, com as respectivas tipologias e registo fotográfico.

Amostra	Tipologia	Registo fotográfico
QAV 1	Alguidar	
QAV 2	Cântaro	
QAV 3	Caçoila	
QAV 4	Caçoila	
QAV 5	Pote	
QAV 6	Tijela	
QAV 7	Tijela	
QAV 8	Prato	
QAV 9	Testo	
QAV 10	Caçoila	
QAV 11	Alguidar	
QAV 12	Cântaro	
QAV 13	Prato	
QAV 14	Testo	
QAV 15	Pote	
QAV 16	Testo	

4.2.3.1 Difractometria de raios x

A DRX permite identificar substâncias cristalinas a partir da sua estrutura, sendo este o único método que as detecta (análise qualitativa).⁶⁹

O objectivo da DRX é identificar os materiais cristalinos de forma a perceber, para cada amostra, quais as fases cristalinas presentes e consequentemente a sua natureza e alguns detalhes do processo de transformação térmica.

Através da DRX obtém-se um padrão de difracção (identificativo de uma substância) que depois é comparado com padrões de bibliotecas de referência – que são limitados.⁷⁰

As principais vantagens deste método é o facto de ser não destrutivo, permitir a identificação segura de um material cristalino e ajudar a distinguir materiais com uma composição química similar mas que podem ter uma estrutura cristalina diferente.

Os problemas estão relacionados com o facto de ser uma análise invasiva, só aplicável a materiais cristalinos, a análise ser demorada, os espectros complexos, a dificuldade de detecção de componentes minoritários, a possibilidade de haver fases cristalinas sobrepostas e a identificação só ser possível quando existem padrões.

4.2.3.2 Espectrometria de fluorescência de raios x dispersiva de comprimento de onda

Através da FRX é possível quantificar os elementos presentes na amostra.⁷¹

A FRX permite identificar as espécies químicas e estimar as concentrações relativas a cada espécie, ou seja, permite a obtenção de informação de natureza quantitativa de um material.⁷²

⁶⁹ STUART, Barbara – *Analytical Techniques in Materials Conservation*, 2007, p. 233.

⁷⁰ POLLARD, Mark [et al.] – *Analytical Chemistry in Archaeology*, 2007, p. 113.

⁷¹ POLLARD, Mark [et al.] – *Analytical Chemistry in Archaeology*, 2007, p. 105.

⁷² GOMES, Celso de Sousa Figueiredo – *Minerais Industriais: Matérias Primas Cerâmicas*, 1990, p. 104-105.

Neste caso o objectivo é quantificar os diferentes elementos presentes em cada amostra e compará-los entre as diferentes tipologias para perceber se existem, ou não, semelhanças.

Os materiais inorgânicos têm uma grande variedade de elementos, ou seja, muitos materiais diferentes são constituídos por elementos diferentes, o que torna este método tão adequado a este tipo de questões.

A principal vantagem em estudos de arqueologia é o facto de os resultados se expressarem em valores numéricos (em percentagem ou valores absolutos). Com estes dados podem ser usados métodos de análise estatística multivariada que permitem visualizar graficamente as semelhanças e diferenças entre as amostras analisadas.

4.3 Proposta de Intervenção

A proposta de intervenção parte de princípios como identidade⁷³, autenticidade⁷⁴ e intervenção mínima, pois “tal como em qualquer intervenção patrimonial, os trabalhos de conservação de achados arqueológicos devem basear-se no princípio da intervenção mínima”⁷⁵.

Neste sentido propôs-se uma intervenção de conservação – com tratamentos de limpeza e colagem – com o objectivo de fazer perdurar a colecção no tempo⁷⁶ e em simultâneo de restauro, como forma de restituir aos bens a sua forma original, com base nos princípios acima enunciados.

É fundamental o uso de materiais compatíveis e reversíveis. A intervenção efectuada foi feita de acordo com os materiais e procedimentos que se consideram hoje correctos. A

⁷³ Identidade – “entende-se como a referência colectiva englobando, quer os valores actuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado.” In CARTA de Cracóvia, Igespar, 2000.

⁷⁴ Autenticidade – “é o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação actual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo.” In CARTA de Cracóvia, Igespar, 2000.

⁷⁵ CARTA de Cracóvia, Igespar, 2000.

⁷⁶ CARTA de Cracóvia, Igespar, 2000.

reversibilidade dos materiais utilizados garante que se for encontrada uma melhor solução no futuro, não haverá qualquer problema com a sua remoção.⁷⁷

Todos os procedimentos foram fotografados e documentados de forma a conseguir um melhor diagnóstico e um relatório mais informativo.⁷⁸

Uma vez que todas as peças se encontravam ao mesmo nível de intervenção, a opção foi efectuar uma proposta de intervenção consensual para o espólio em geral.

Em primeiro lugar propôs-se uma triagem exaustiva da colecção com o objectivo de perceber quais as diferentes tipologias, qual a dimensão do espólio e ainda quais as peças passíveis de serem reconstituídas.

Em simultâneo uma limpeza mecânica superficial à trincha e, pontualmente, em zonas com depósitos de sujidade superficial (decorrentes do enterramento), uma limpeza por via húmida com água, escovas de nylon e cotonete.

Colagem dos fragmentos, de forma a completar o mais possível cada peça em particular, com um adesivo à base de solvente (adesivo acrílico), neste caso o Paraloid B-72 a 50 % em acetona, uma vez que o Paraloid B-72 é um material reversível, termoplástico e com excelentes características no que diz respeito ao brilho, dureza e aderência. Tem ainda uma elevada estabilidade ao envelhecimento.⁷⁹ O Paraloid B-72 para além de ser solúvel em cetonas é ainda solúvel em ésteres e hidrocarbonetos aromáticos.⁸⁰

A acetona ou propanona, um solvente do grupo das cetonas, com a fórmula química CH_3COCH_3 , é um líquido incolor cujo ponto de ebulição é $56\text{ }^\circ\text{C}$ ⁸¹. É muito comum a sua utilização em colagens de materiais cerâmicos, por ser um solvente classificado como penetrante e pela sua evaporação rápida. A evaporação pode ainda ser controlada em ambiente fechado.⁸²

⁷⁷ DIRECTRIZES PROFISSIONAIS: CÓDIGO DA ÉTICA, Art. 9º, E.C.C.O., 2003, p. 2.

⁷⁸ DIRECTRIZES PROFISSIONAIS: CÓDIGO DA ÉTICA, Art. 10º, E.C.C.O., 2003, p. 2.

⁷⁹ PÉREZ, Montserrat Lastras – *Investigación y análisis de las masillas de relleno para la reintegración de lagunas cerámicas arqueológicas*, 2007, p. 72.

⁸⁰ C.T.S. – *Resinas acrílicas*, <URL: http://www.ctseurope.com/depliants/%7BD3B7BDE0-D70E-4889-9260-9E966A3684F3%7D_Pagine%20da%201.1.1%20resine%20acriliche-21.pdf>.

⁸¹ C.T.S. – *Produtos químicos e solventes puros*, <URL: http://www.ctseurope.com/depliants/%7BD0DC4BE9-3AB4-4592-BA61-BA96B1C159FF%7D_Pagine%20da%203.1%20prodotti%20chimici%20e%20solventi%20puri-73.pdf>.

⁸² MASSCHELEIN-KLEINER, Liliane – *Los solventes*, 2004, p. 86.

Segue-se a reconstituição das peças, com gesso de dentista branco, por ser um material fácil de trabalhar, cujo tempo de trabalho (a 23 °C) é de 7 min e o tempo de endurecimento (a 23 °C) é de 12 min. A sua expansão é mínima (0,05 %).⁸³

Por fim, a reintegração cromática diferenciada (sub-tom), com tintas acrílicas. Estas não apresentam problemas a longo prazo, em contacto com o gesso de dentista. Consegue-se uma boa mistura de cores, de forma a facilmente conseguir o sub-tom pretendido. As tintas acrílicas, neste caso, comportam-se como materiais reversíveis, por exemplo, em acetona.

4.4 Intervenção de conservação e restauro

A intervenção de conservação e restauro descrita neste capítulo refere-se apenas às peças da QAV. A intervenção descreve todos os procedimentos efectuados para o espólio, em geral, usando imagens representativas dos vários tratamentos. Nas fichas de identificação das peças da QAV apresentadas no Anexo 4⁸⁴, são descritos os tratamentos efectuados em cada uma das peças em particular.

4.4.1 Triagem

O espólio da QAV embora já tenha sido alvo de algum trabalho de conservação, chegamos ainda em bastantes fragmentos e distribuído por diversos contentores sem uma separação por tipologias (Figura 37).

⁸³ C.T.S. – *Produtos para estucagem, selagem e acabamentos diversos*, <URL: http://www.ctseurope.com/depliants/%7B078ADB7C-C6CD-45C3-8C7C-175CDA5E0E8A%7D_Pagine%20da%206.6%20prodotti%20per%20stuccature.%20sigillature%20e%20finiture%20varie-135.pdf>.

⁸⁴ Ver ANEXO 3 – FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS PEÇAS DA QUINTA DA ANUNCIADA VELHA, p. 115.



Figura 37 – Início do processo de triagem. (Cristina Reis, 27 Nov. 2012.)

Durante o processo de triagem foi possível perceber que embora todos os fragmentos viessem da mesma escavação arqueológica e correspondessem ao mesmo período, séculos XVI/ XVIII, existiam diferenças significativas no que diz respeito à cor, textura, acabamento de superfície entre outras características tecnológicas, assim como aspectos directamente relacionados com a sua utilização.

Os objectivos deste processo consistem em: identificar os fragmentos por tipologias, identificar os aspectos que as caracterizam, fazer a separação dos fragmentos por tipologias e perceber a dimensão do espólio⁸⁵.

A triagem tornou-se uma etapa do processo de conservação e restauro muito complexa, mas ao mesmo tempo muito desafiante. O espólio é composto por cerca de 11 000 fragmentos, armazenados inicialmente em cerca de 50 caixas, o que constitui uma dificuldade acrescida para reconhecer cada fragmento e a respectiva tipologia, mas essencial na medida em que só assim seria possível entender verdadeiramente o conjunto. Para além disso o desafio era ainda maior pois seria um aspecto fundamental perceber que recipientes e que tipologias seriam passíveis de reconstituição.

⁸⁵ Ver ANEXO 1 – ORGANIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DOS FRAGMENTOS, p. 105.

O espólio é composto por sete tipologias enquadradas em quatro grandes grupos tipológico-funcionais. O pote e o cântaro referentes ao armazenamento e transporte; a caçoila e o alguidar na loiça de cozinha; a tijela e o prato na loiça de mesa; e o testo nos objectos de uso doméstico e artesanal.

A diferença de espessura, cor (da superfície e corpo cerâmico), textura, estado de conservação e outras características formais dos fragmentos foram os elementos vitais para identificar as diferentes tipologias. Como por exemplo, os potes, globulados e de diversas dimensões, tinham em comum e facto de junto ao fundo a espessura dos fragmentos ser maior do que junto ao bordo (Figura 38). O que pressupõe que o fundo dos potes, ao nível da espessura seja maior, para que este possa assentar numa superfície plana. Esta informação também permite estabelecer a melhor orientação dos fragmentos do bojo, que em regra são sempre difíceis de reconhecer a sua posição. Os bordos são na grande maioria bastante semelhantes (Figura 39). Verificou-se ainda em alguns potes com uma asa, que no lado oposto a esta, existiam vestígios de fuligem, testemunho da sua utilização junto ao fogo (Figura 40).



Figura 38 – Fundo de pote. (Cristina Reis, 6 Fev. 2013.)



Figura 39 – Bordos dos potes. (Cristina Reis, 19 Dez. 2012.)

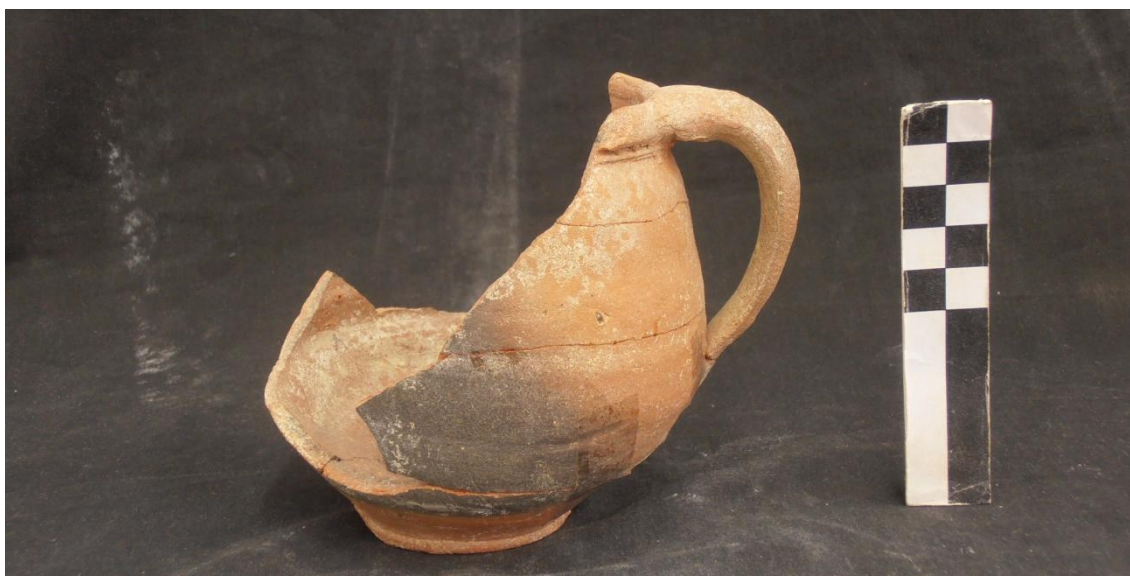


Figura 40 – Pote com vestígios de fuligem. (Cristina Reis, 6 Fev. 2013.)

Em contrapartida, as caçoilas são identificáveis pela sua aparência exterior mais enegrecida (Figura 41) e o fundo menos espesso e côncavo (Figura 42). Uma vez que estas peças eram utilizadas para cozinhar alimentos sobre o fogo, não havia a necessidade do fundo ser plano, pelo contrário, o fundo côncavo permitia a colocação sobre apoios ao redor do fogo.



Figura 41 – Parte exterior de caçoila. (Cristina Reis, 14 Jan. 2013.)



Figura 42 – Caçoila: destaque para o fundo, menos espesso e côncavo. (Cristina Reis, 16 Nov. 2012.)

Os alguidares, utilizados para a lavagem e preparação de alimentos, são maioritariamente objectos de grandes dimensões, identificáveis pelas suas paredes grossas e bastante resistentes (Figura 43), daí terem um reduzido número de fragmentos, isto é, os fragmentos existentes são de dimensões relativamente maiores que nas peças mais pequenas.



Figura 43 – Alguidar: destaque para as paredes grossas e reduzido número de fragmentos. (Cristina Reis, 5 Mar. 2013.)

Os cântaros apresentam por vezes, no interior, concreções calcárias (Figura 44) em resultado do abastecimento continuado de água. O seu fundo é idêntico ao dos potes, sendo este mais espesso que o bordo.

Os testos e os pratinhos são formalmente muito semelhantes, pelo menos quando os fragmentos dos testos não apresentam pega. Os testos (Figura 45) apresentam marcas de fuligem junto ao bordo, no entanto, os pratinhos, também eram muitas vezes usados com as mesmas funções. A sua principal distinção tem a ver com a maneira como é moldado o bordo. Os pratos (Figura 46) apresentam uma superfície lisa junto ao bordo, como se houvesse uma linha que separasse a parte superior da inferior. Os testos apresentam o lábio arredondado acompanhado por uma inflexão para o exterior. Os

fragmentos das tijelas (Figura 47) são também muito semelhantes, distinguindo-se pelo facto de estas serem essencialmente côncavas, o que torna mais fácil a sua identificação.



Figura 44 – Cântaro (fundo): destaque para as conecções calcárias no seu interior. (Cristina Reis, 11 Dez. 2012.)



Figura 45 – Fragmentos de testos. (Cristina Reis, 13 Nov. 2012.)



Figura 46 – Fragmentos de pratos. (Cristina Reis, 13 Nov. 2012.)



Figura 47 – Tijela. (Cristina Reis, 14 Jan. 2013.)

Todos os fragmentos foram contabilizados no que diz respeito às diferentes tipologias. A Tabela 3 apresenta o número de fragmentos, em reserva, de cada tipologia e os respectivos valores em percentagem.

Tabela 3 – Número de fragmentos e respectiva percentagem, para as diferentes tipologias.

TIPOLOGIAS	FRAGMENTOS	PERCENTAGEM
Alguidares	356	3,25 %
Caçoilas	1074	9,81 %
Cântaros	2131	19,47 %
Potes	2902	26,52 %
Pratos	178	1,63 %
Testos	104	0,95 %
Tijelas	96	0,88 %
Indiferenciados	4103	37,49 %
Total	10 944	100 %

O número de fragmentos de pratos, testos e tijelas é tão ínfimo no seio do espólio, explicado em parte pela presença de loiça de mesa em faiança, principalmente a partir do final do séc. XVI⁸⁶, quer por via de importação como da produção nacional.

O elevado número de fragmentos, não significa necessariamente que existem muitas peças passíveis de serem reconstituídas, muito pelo contrário.

As caçoilas, que representam cerca de 10 % dos fragmentos, são a tipologia de que mais facilmente se conseguiu obter peças com o perfil completo. Os fragmentos são maioritariamente de grandes dimensões e facilmente identificáveis, uma vez que estas apresentam uma degradação mais acentuada na zona do fundo e o bordo é muito semelhante em todas elas.

Dos cântaros, com cerca de 20 % do total de fragmentos identificados, não foi possível reconstituir o perfil completo destas peças.

Os fragmentos dos potes, com quase 27 % dos fragmentos, são uma tipologia em que não se conseguiram identificar muitas peças, uma vez que grande parte dos fragmentos são de pequenas dimensões.

De modo a finalizar o processo de triagem, os fragmentos foram acondicionados em novas caixas, por tipologia e para as quais se fizeram etiquetas para as 29 caixas de fragmentos que foram colocados em reserva⁸⁷.

⁸⁶ MONCADA, Migue Cabral – *Faiança portuguesa séc. XVI a séc. XVIII*, 2008, p. 17.

Para a continuidade do tratamento de conservação e restauro foram seleccionadas 14 peças, sendo estas: quatro potes, dois alguidares, três caçoilas, um prato, duas tijelas e dois testos.

4.4.2 Limpeza

Houve necessidade de limpar algumas zonas de fractura (Figura 48) que se encontravam com depósitos de sedimentos decorrente do enterramento e poeiras decorrentes do tempo em que as peças estiveram em reserva. A limpeza foi efectuada mecanicamente com trinchas e, pontualmente, com recurso à acção combinada da água com escovas de *nylon* e cotonetes.



Figura 48 – Limpeza com solventes de uma zona de fractura com cotonete e água. (Cristina Reis, 12 Nov. 2012.)

Percebeu-se que se conseguia remover bem as sujidades, logo, sendo a água o solvente ideal, uma vez que não causa grandes tensões nas peças e é segura⁸⁸, não houve necessidade de submeter as peças à acção de outros solventes.

⁸⁷ Ver ANEXO 1 – ORGANIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DOS FRAGMENTOS, p. 105.

⁸⁸ BUYS, Susan; OAKLEY, Victoria – *The Conservation and Restoration of Ceramics*, 1993, p. 88.

4.4.3 Colagens

Para facilitar todo o processo de junção dos fragmentos das peças, houve necessidade de fazer algumas colagens, no decorrer do processo de triagem.

Nas situações em que os fragmentos estavam desalinhados e/ ou por se terem encontrado novos fragmentos que necessariamente implicavam a descolagem de parte dos mesmos já colados, procedeu-se à sua descolagem.

Deste modo, envolveu-se a zona de fractura em pachos de acetona (Figura 49), para que o solvente penetrasse lentamente e actue promovendo a dissolução do adesivo.⁸⁹ A acetona é um solvente classificado como penetrante e tem uma evaporação rápida⁹⁰.

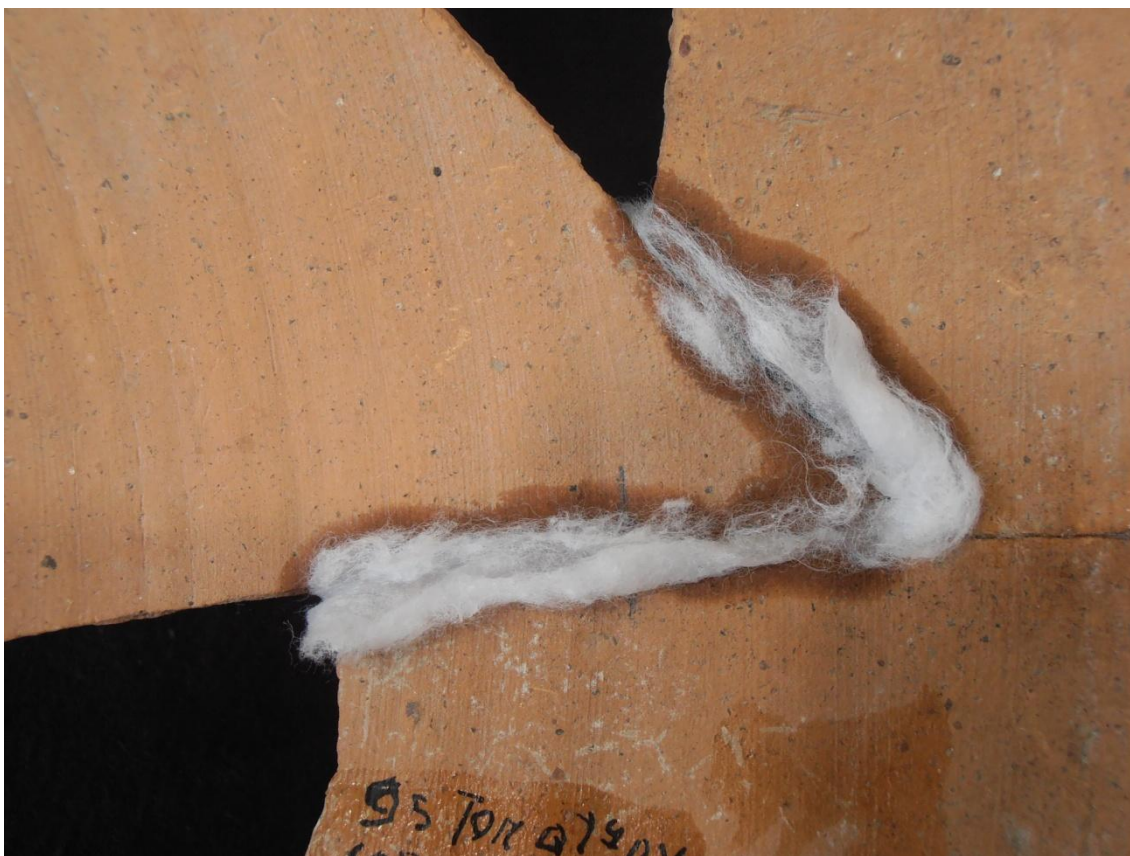


Figura 49 – Descolagem com pachos de acetona. (Cristina Reis, 12 Dez. 2012.)

⁸⁹ BUYS, Susan; OAKLEY, Victoria – *The Conservation and Restoration of Ceramics*, 1993, p. 78-79.

⁹⁰ MASSCHELEIN-KLEINER, Liliane – *Los solventes*, 2004, p.86.

De seguida limpou-se os excessos de adesivo da zona de fractura com cotonete e acetona e em casos pontuais onde o adesivo estava mais impregnado, mecanicamente, a bisturi.

É fundamental que se perceba a ordem de colagem das peças (Figura 50) antes de iniciar o processo, não correndo assim o risco de deixar algum fragmento por colar. Numerar os fragmentos é fundamental e pode ser uma solução prática para conseguir um bom ensaio de colagem, fazendo o registo da sequência pela qual se deve ir colando e alinhando os fragmentos. No caso utilizou-se um lápis de grafite. Esta marcação foi complementada com o recurso a molas, para sustentar os fragmentos, de maneira a facilitar a montagem provisória de todos os fragmentos da peça.



Figura 50 – Estudo da ordem de colagem. (Cristina Reis, 21 Dez. 2012.)

4.4.4 Reconstituição

A reconstituição foi um dos procedimentos adoptados para a quase totalidade dos recipientes seleccionados. O seu estado fragmentado e as grandes áreas de lacuna das

peças foram determinantes para esta opção. Deste modo a reconstituição permite devolver a aparência formal dos recipientes e contribui para a sua estabilidade e leitura.

O gesso de dentista branco foi o material usado para os preenchimentos que se realizaram com a ajuda de moldes univalves e bivalves, consoante a dimensão e forma da lacuna e ainda pelo facto do gesso poder ser moldado ou vazado. Por exemplo, em lacunas no interior das peças, optou-se por se fazer os preenchimentos com moldes univalves (Figura 51), colocando o molde do lado de acesso mais difícil, para que o gesso possa ser trabalhado do lado mais acessível; e em lacunas ao nível do bordo, por preenchimentos com moldes bivalves (Figura 52), sendo estes mais vantajosos no sentido em que permitem de uma só vez realizar o preenchimento.



Figura 51 – Molde univalve. (Cristina Reis, 6 Fev. 2013.)



Figura 52 – Molde bivalve. (Cristina Reis, 17 Abril 2013.)

Numa das situações, a reconstituição foi apenas parcial. Atendendo à grande área de lacuna apenas se realizaram alguns preenchimentos de modo a garantir a sua estabilidade. Por outro lado, atendendo a que o estágio tinha como objetivo principal a realização de uma exposição, não só do espólio mas também do trabalho do conservador-restaurador e das diferentes soluções de intervenção.

O pote apresentado (Figura 53) tem o perfil completo, mas sem qualquer indício da forma do bordo, uma vez que este é apenas representado pela zona de ligação à asa.

Realizou-se o preenchimento parcialmente junto à asa (colada anteriormente) de modo a reforçar esta ligação pouco estável uma vez que a zona de contacto era bastante pequena. No lado oposto à asa houve ainda necessidade de fazer dois preenchimentos pontuais, de forma a equilibrar o peso da peça (Figura 54).



Figura 53 – Pote com a asa já colada. (Cristina Reis, 9 Maio 2013.)



Figura 54 – Pote após preenchimentos. (Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

Após a reconstituição e preenchimento das peças surgem os nivelamentos a bisturi e pontualmente o uso de lixas de grão fino, de forma a obter o nivelamento destes com a peça.

4.4.5 Reproduções por *Spinning*

Dois dos fragmentos selecionados para intervenção de conservação e restauro correspondentes a um alguidar (Figura 55) e uma tijela (Figura 56) continham o perfil completo. Deste modo, devido às reduzidas dimensões destes, recorreu-se à técnica de *spinning*, para a execução de réplicas das mesmas. Esta técnica permite, através do desenho do perfil (interior e exterior), obter uma reprodução da peça cerâmica, desde que a mesma seja de revolução, podendo ser usada quando o fragmento se encontra em mau estado de conservação ou quando temos apenas um fragmento da peça.⁹¹



Figura 55 – Fragmento do alguidar. (Cristina Reis, 25 Fev. 2013.)

⁹¹ BUYS, Susan; OAKLEY, Victoria – *The Conservation and Restoration of Ceramics*, 1993, p. 136.



Figura 56 – Fragmento da tijela. (Cristina Reis, 22 Jan. 2013.)

Após a realização do desenho do perfil das peças (interior e exterior), estes são copiados e recortados no modelo que pode ser feito em madeira, silicone ou outro material, desde que tenha alguma resistência, para que posteriormente se possa cortar o barro e o gesso⁹². Para o caso, usámos placas de cera de dentista, por ser um material acessível e fácil de trabalhar. Reciclaram-se várias placas de cera de dentista, que foram transformadas num bloco maciço, sobre as quais se desenhou e recortou o perfil exterior e interior das peças.

Colocou-se sobre a mesa de trabalho um eixo na vertical, onde se fez encaixar os moldes com o perfil. A figura 57 apresenta um esquema da técnica de *spinning* e do seu funcionamento.

⁹² WILLIAMS, Nigel – *Pottery restoration: an account of spinning technique used in the British Museum*, 1980, p. 34.

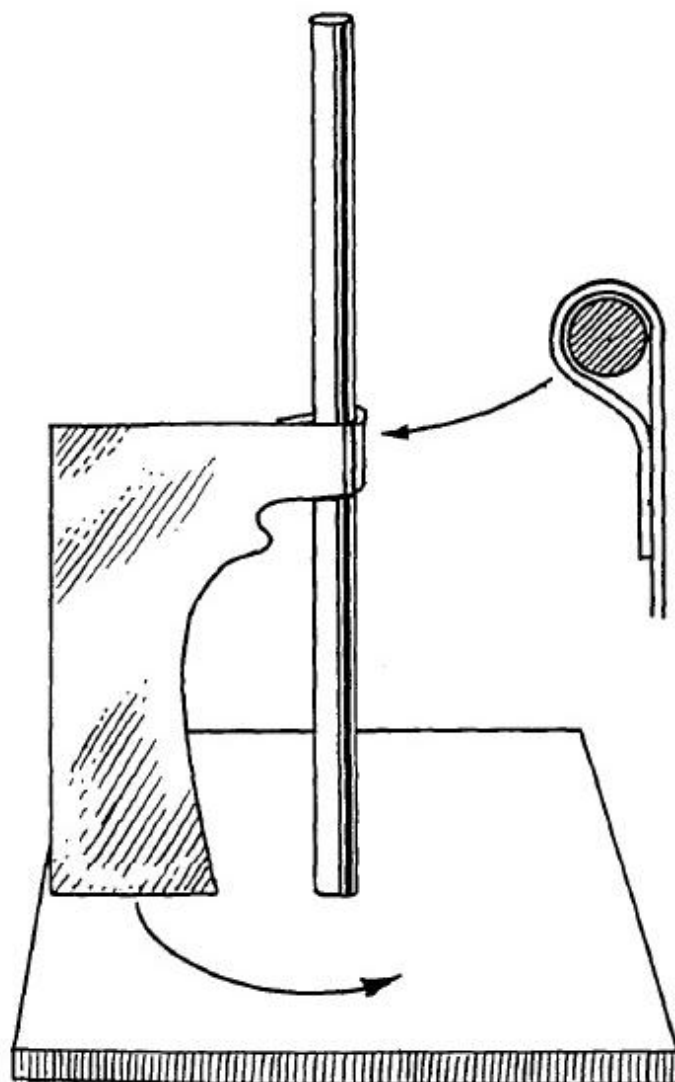


Figura 57 – Esquema do funcionamento da técnica de *spinning*. (WILLIAMS, Nigel – *Pottery restoration: an account of spinning technique used in the British Museum*, p. 34.)

Inseriu-se a placa de cera de dentista com o perfil interior. Junto ao eixo, e em simultâneo, foi-se colocando argila e girando a placa de modo a cortar os excessos (Figura 58), até obter o perfil do interior da peça.⁹³

⁹³ WILLIAMS, Nigel – *Pottery restoration: an account of spinning technique used in the British Museum*, p. 35.



Figura 58 – Técnica de *Spinning*: execução do perfil interior do alguidar. (Cristina Reis, 29 Abril 2013.)

Trocou-se a placa de cera de dentista com o perfil do interior pela do exterior, e sobre o barro, verteu-se o gesso de dentista (bem espesso, já a começar a reagir) e girando a placa de cera sobre o eixo, obteve-se uma réplica da peça (Figura 59). Retirou-se a placa com o perfil exterior e deixou-se o gesso de dentista reagir. A peça em gesso foi removida de cima de mesa e virada ao contrário, de forma a poder remover o barro do interior (que já tinha perdido parcialmente a água livre) tornando relativamente fácil a sua remoção devido à retracção (Figura 60).



Figura 59 – Técnica de *spinning*: execução do alguidar, em gesso. (Cristina Reis, 29 Abril 2013.)



Figura 60 – Técnica de *spinning*: remoção do barro de dentro do alguidar, em gesso. (Cristina Reis, 30 Abril 2013.)

O orifício no centro da peça por onde passava o eixo foi preenchido com o mesmo material, procedendo-se posteriormente aos nivelamentos com lixa, conseguindo-se uma superfície lisa e homogénea (Figura 61).



Figura 61 – Alguidar, após nivelamentos. (Cristina Reis, 3 Jun. 2013.)

4.4.6 Reintegração Cromática

A reintegração cromática foi feita com uma paleta de cores que engloba essencialmente tons terra, característicos da cerâmica de barro vermelho. Inicialmente num sub-tom (Figura 62) e posteriormente homogeneizando o tom nas zonas de fractura (Figura 63).



Figura 62 – Cântaro: Reintegração cromática (sub-tom). (Cristina Reis, 6 Jun. 2013.)

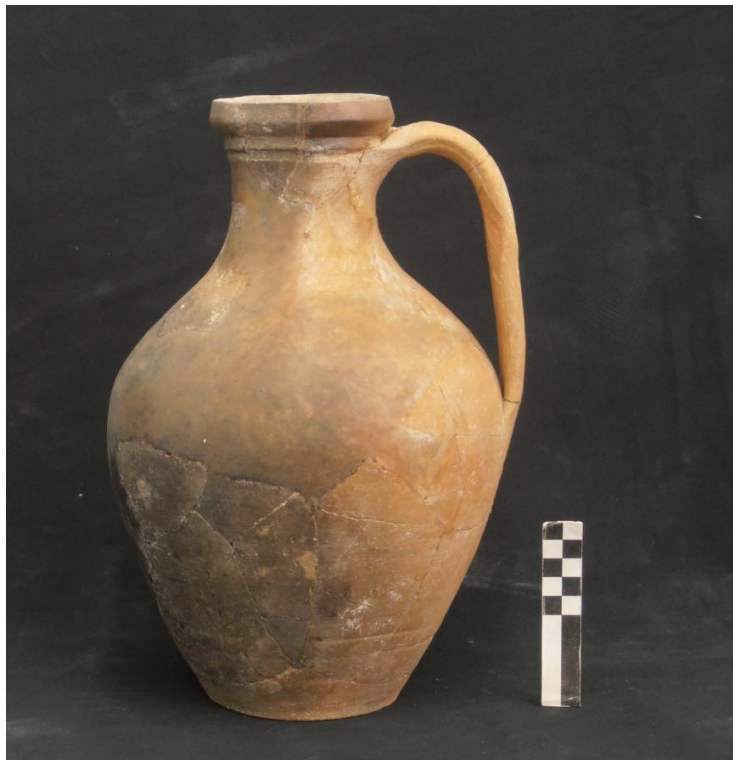


Figura 63 - Cântaro: Reintegração cromática (homogeneização do tom). (Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

5. DIVULGAÇÃO

5.1 Introdução

O trabalho desenvolvido ao longo do estágio contou desde o início com a perspectiva de realização de uma acção de divulgação, que fosse demonstrativa de três realidades: a divulgação da colecção e de alguns aspectos do quotidiano e da produção de recipientes cerâmicos; a divulgação da actividade de conservador-restaurador; e a promoção do IPT na região enquanto agente activo na valorização, estudo e formação na área do património cultural.

5.2 Concepção da exposição

No início do estágio ainda não sabíamos como, onde, nem quando seria possível esta mesma acção de divulgação. No entanto, partiu-se sempre do pressuposto que seria possível fazer uma exposição física, em último caso, no próprio Campus do IPT.

Desta forma, foi elaborado um estudo de modo a conceber uma estrutura para a exposição das peças que pudesse adaptar-se a diversos espaços. Foi elaborado o desenho da estrutura (Figura 64), assim como o desenho final (Figura 65), tendo-se conseguido o financiamento para os três expositores.

Os expositores foram feitos em madeira com as campânulas em acrílico, um material que oferece uma boa estabilidade e resistência, e que impede o acesso às peças pelos visitantes.

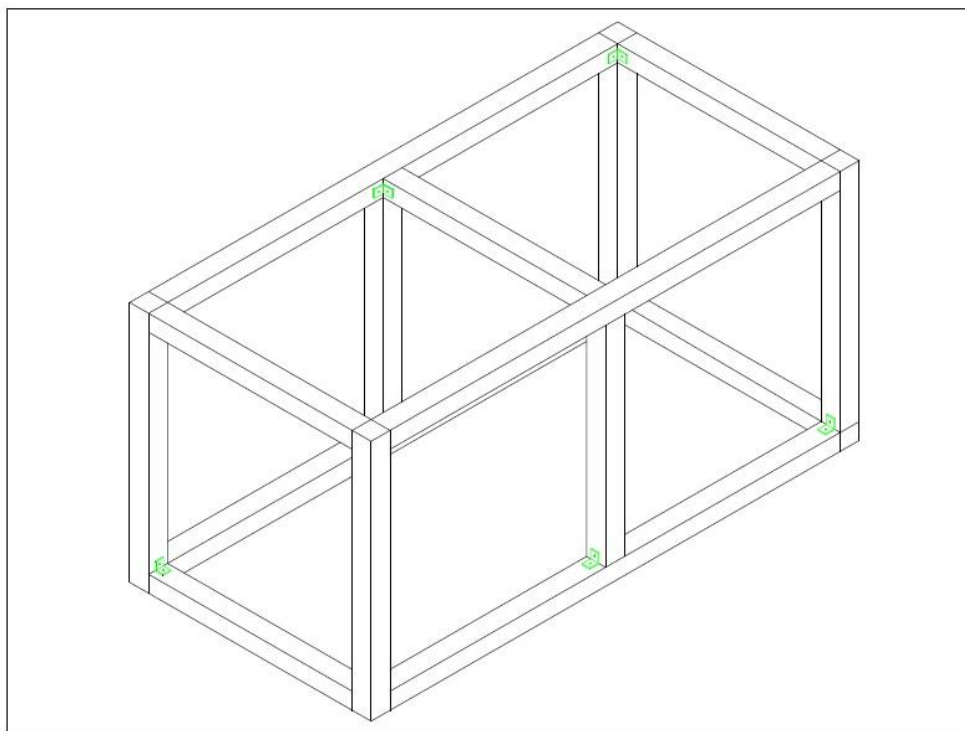


Figura 64 – Desenho da estrutura de um expositor. (Adriano Machado, 1 Abril 2013.)

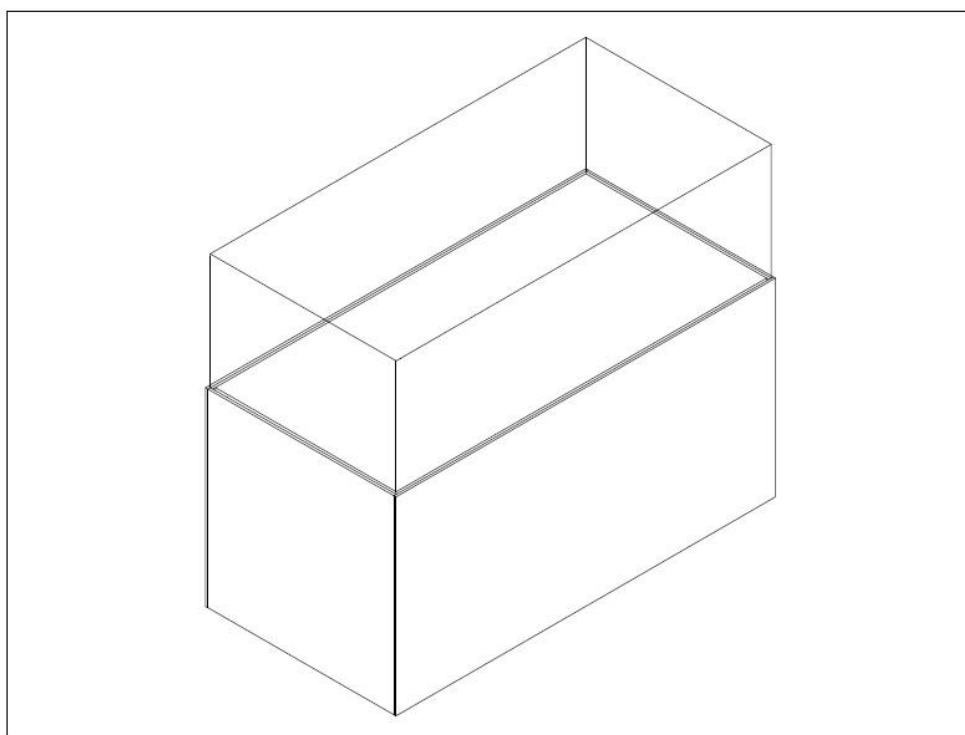


Figura 65 – Desenho final de um expositor. (Adriano Machado, 1 Abril 2013.)

Já na fase final do estágio surgiu a oportunidade de realizar a exposição, durante o evento “Memórias da História”, uma feira de época que se realizou em Torres Novas, de 27 a 30 de Junho de 2013.

A figura 66 apresenta o cartaz de divulgação da exposição intitulada “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”. Este título surge com principal apelo à colecção da QAV, atendendo a que começámos todo este trabalho praticamente “do nada”, por existirem cerca de 11 000 fragmentos, sem se saber ao certo o seu “conteúdo”, isto é, o que estava por detrás de todo aquele conjunto de fragmentos. O produto final, o “conteúdo”, traduz todo um trabalho que se desenvolveu ao longo do estágio e que resultou na exposição. Para além disso a exposição contou ainda com peças de duas outras colecções, da RPD e da CMM, de forma a melhor reflectir o que foi a “produção local de Olaria Medieval” e a tradição desta região na produção de olaria.

Além dos expositores com as peças foi concebido um cartaz de apresentação da exposição e um conjunto de 18 pequenos cartazes (Figura 67), retratando cada uma das tipologias exposta com a designação da tipologia e um pequeno texto que a caracteriza. Foram ainda concebidas três pequenas apresentações em ppt, uma sobre os grupos tipológicos e as tipologias, outra acerca da concepção e regras dos jogos e ainda um que pretendeu dar a conhecer, de forma resumida, o trabalho desenvolvido ao longo do estágio.

27 A 30 DE JUNHO
alcaidaria do castelo
espaço de exposições

do nada ao conteúdo, a produção local de
OLARIA MEDIEVAL
exposição sobre a conservação e divulgação de cerâmica arqueológica



Figura 66 – Cartaz da exposição “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”. (Câmara Municipal de Torres Novas, 24 Jun. 2013.)

O **Cântaro** é um recipiente de forma fechada e corpo ovóide, com uma boca e gargalo estreito e com uma asa para facilitar o seu transporte. A sua função é o transporte e armazenamento de líquidos, nomeadamente a água. A sua mediana dimensão é adequada para o transporte feito pelas mulheres e crianças.



Figura 67 – Exemplo de um dos cartazes presentes na exposição.

Fez-se ainda, em argila, os números identificativos de cada peça de cerâmica em exposição, moldados à mão com os números esgrafitados. Posteriormente foram secos na estufa durante 24 horas a 100 °C e colocados no forno a uma temperatura máxima de 1 000 °C. Posteriormente vidraram-se os sulcos a branco e voltaram ao forno para a cozedura a uma temperatura de 980 °C (Figura 68).



Figura 68 – Números identificativos das peças. (Cristina Reis, 24 Jun. 2013.)

A Câmara Municipal de Torres Novas (CMTN) teve um papel preponderante nesta exposição, nomeadamente na produção da mesma, através da elaboração dos *flyers* de divulgação para entregar aos visitantes como forma de divulgação do evento e também financiou os cartazes realizados para o efeito.

Como forma de divulgar o papel do IPT fez-se ainda algum *merchandising*. Como forma de aliar o trabalho em cerâmica (o tema da exposição) e a época que o evento pretendia reviver, foram pensados recriar alguns jogos de tabuleiro jogados na Idade Média, dos quais se elegeu o Jogo do Galo ou Três em Linha, o Jogo do Moinho e o Alquerque.

Para a reprodução destes jogos medievais o processo foi iniciado com a realização de um modelo (Figura 69), com as dimensões de 14 cm x 14 cm, do qual se fez um molde em gesso (Figura 70). Para obter o molde foi necessário fazer as cofragens à volta do modelo, isolá-lo com vaselina e verter o gesso. Após o gesso ter reagido, retirou-se o modelo de dentro do molde. Sobre o molde moldou-se o barro à mão e com um garrote cortaram-se os excessos de argila (Figura 71).

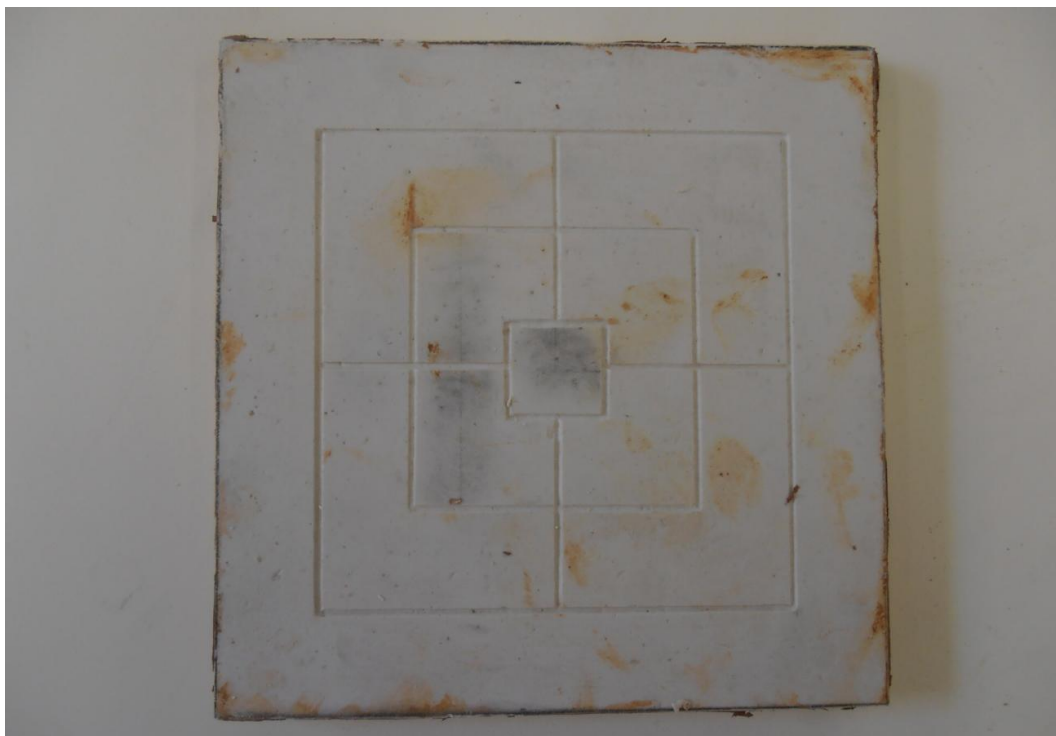


Figura 69 – Modelo: Jogo do Moinho. (Cristina Reis, 25 Maio 2013.)

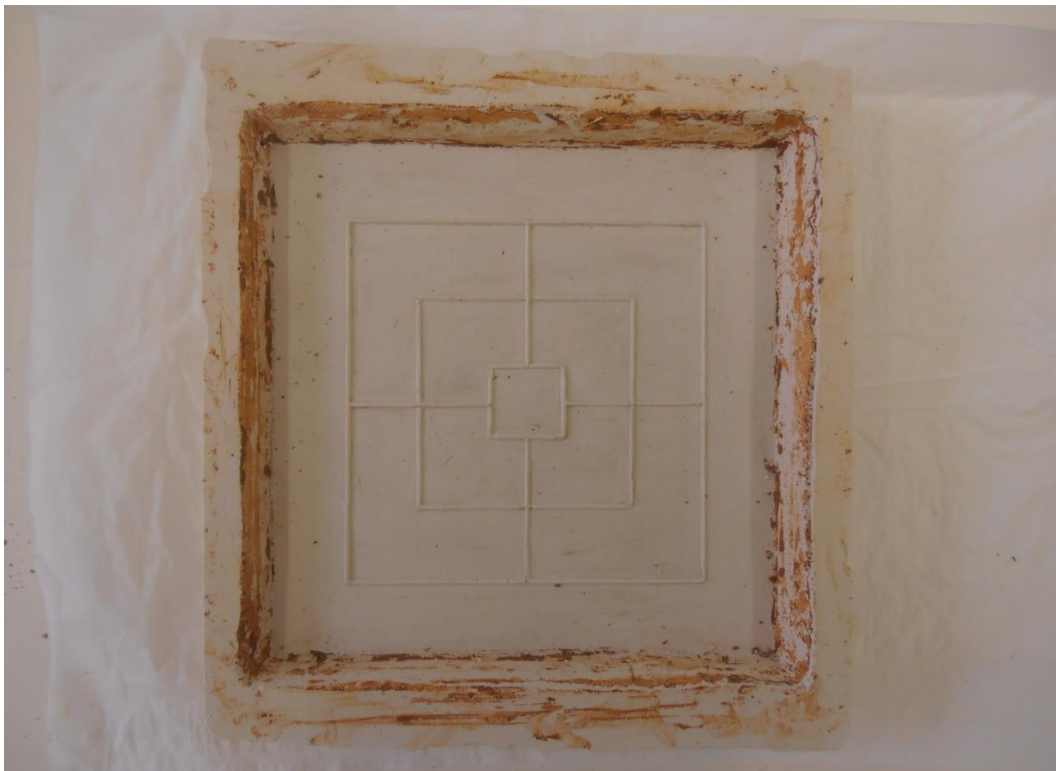


Figura 70 – Molde: Jogo do Moinho. (Cristina Reis, 29 Maio 2013.)

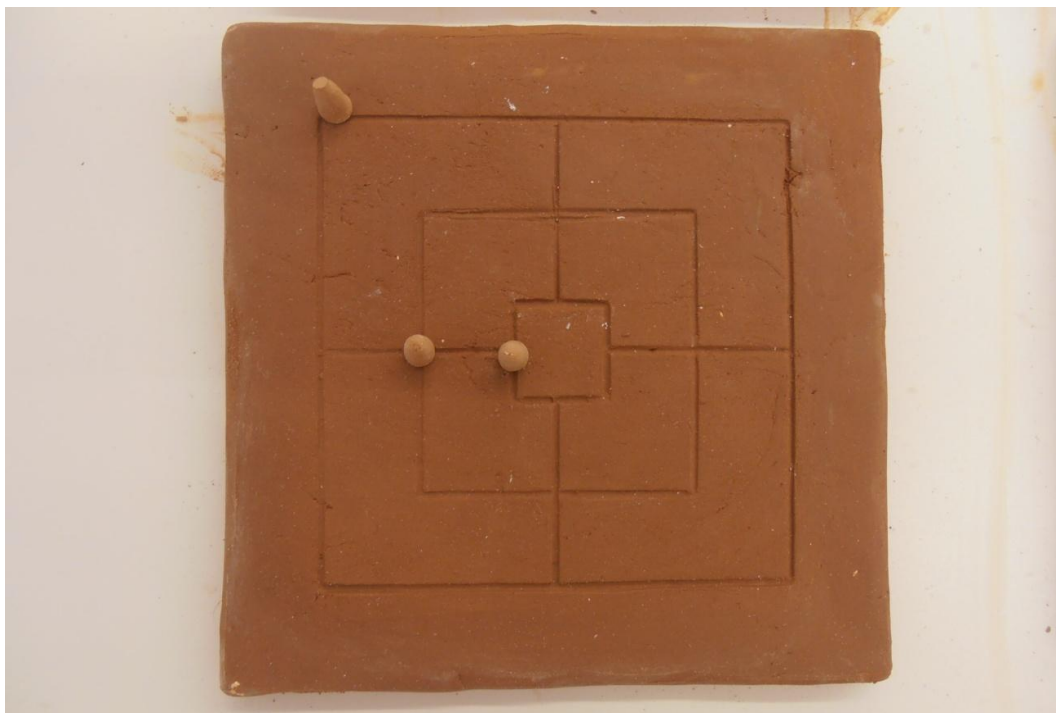


Figura 71 – Jogo do Moinho após moldagem. (Cristina Reis, 31 Maio 2013.)

As peças para cada jogo também foram feitas em argila, igualmente através do recurso a moldes de gesso.

Concebeu-se também um selo/ carimbo do curso de conservação e restauro do IPT (Figura 72), permitindo que todos os jogos fossem carimbados no verso. Com a “marca” pretendia-se não só identificar os jogos realizados, como também fazer perceber o quão multidisciplinar pode ser o curso de conservação e restauro do IPT.

A estufa utilizada para a secagem dos jogos e das peças, garantiu a libertação de toda a água livre, durante 24 h a uma temperatura de 110 °C. Após este processo colocaram-se os jogos e as peças no forno, levando a sua cozedura à temperatura de 1 000 °C. Em seguida vidraram-se os jogos (Figura 73) e as peças (Figura 74), com vidrado transparente ou branco e outras cores como azul, amarelo, verde e ainda manganês, voltaram ao forno para uma segunda cozedura a uma temperatura de 980 °C.



Figura 72 – Carimbo: molde e modelo, respectivamente. (Cristina Reis, 29 Maio 2013.)



Figura 73 – Aplicação de vidrado branco. (Cristina Reis, 17 Jun. 2013.)



Figura 74 – Peças, após a aplicação do vidro. (Cristina Reis, 17 Jun. 2013.)

Na exposição cada jogo (Figura 75) era composto por dois sacos em pano-cru, com atilhos, um para o jogo e o outro para as peças, assim como, um folheto com as regras do jogo, em português e inglês.

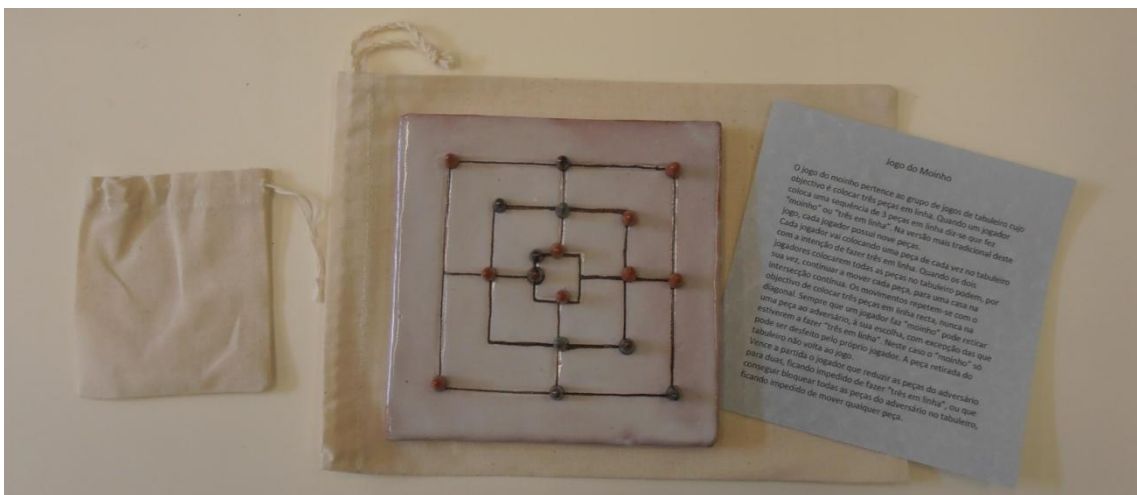
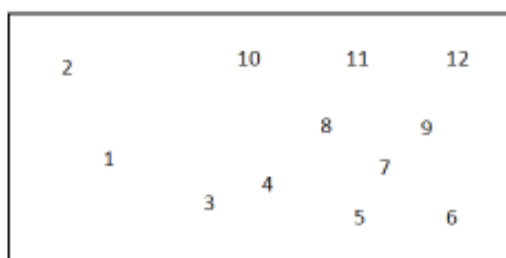


Figura 75 – Jogo do Moinho. (Cristina Reis, 25 Jun. 2013.)

A figura 76 pretende dar uma visão geral da exposição que foi montada na Feira Medieval, em Torres Novas. Embora se tratasse de um pequeno espaço, foi possível expor um conjunto de 35 peças, num total de 18 tipologias, muito representativo do espólio típico desta época. Foi possível dividir pelos três expositores os recipientes consoante o tipo de utilização. No primeiro expositor foram expostas as peças que eram usadas na preparação e consumo dos alimentos (alguidares, pratos e taças); no segundo os objectos usados na cozinha para a preparação dos alimentos (tacho, panelas, caçoilas) e os contentores de lume e iluminação (fogareiro e candeia); no terceiro expositor foram colocados os recipientes usados no transporte, armazenamento e consumo de líquidos (potinhos, canecas, púcaros, cântaro, jarro e garrafa) assim como dois exemplares de medidor. Em cada expositor foi colocada uma legenda com um esquema da distribuição das peças, a identificação de cada uma e respectivo local de proveniência (Figura 77).

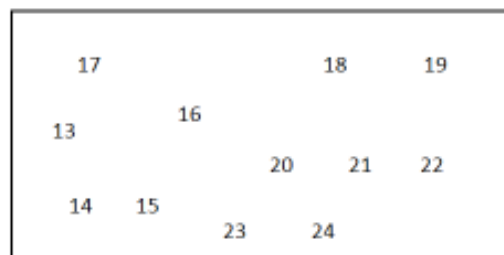


Figura 76 – Exposição. (Cristina Reis, 27 Jun. 2013.)



Legenda

- 1 – Alguidar, Quinta da Anunciada Velha, Tomar
- 2 – Alguidar, Quinta da Anunciada Velha, Tomar
- 3 – Marmita, Rua Pedro Dias, Tomar
- 4 – Marmita, Rua Pedro Dias, Tomar
- 5 – Tijela, Rua Pedro Dias, Tomar
- 6 – Tijela, Rua Pedro Dias, Tomar
- 7 – Taça, Rua Pedro Dias, Tomar
- 8 – Taça, Quinta da Anunciada Velha, Tomar
- 9 – Pratinho, Rua Pedro Dias, Tomar
- 10 – Prato, Rua Pedro Dias, Tomar
- 11 – Prato, Rua Pedro Dias, Tomar
- 12 – Prato, Rua Pedro Dias, Tomar



Legenda

- 13 – Candela, Casa Mogo de Melo, Torres Novas
- 14 – Fogareiro, Rua Pedro Dias, Tomar
- 15 – Fogareiro, Rua Pedro Dias, Tomar
- 16 – Fogareiro c/ caçoila, Rua Pedro Dias, Tomar e Quinta da Anunciada Velha, Tomar
- 17 – Caçoila, Rua Pedro Dias, Tomar
- 18 – Caçoila, Rua Pedro Dias, Tomar
- 19 – Tacho, Rua Pedro Dias, Tomar
- 20 – Panela, Quinta da Anunciada Velha, Tomar
- 21 – Panela c/ testo, Rua Pedro Dias, Tomar
- 22 – Panela, Quinta da Anunciada Velha, Tomar
- 23 – Testo, Quinta da Anunciada Velha, Tomar
- 24 – Testo, Quinta da Anunciada Velha, Tomar

Figura 77 – Duas das três legendas colocadas nos expositores.

CONCLUSÃO

O trabalho apresentado nasceu da constatação de que a colecção da Quinta da Anunciada Velha que se encontrava em reserva no Instituto Politécnico de Tomar necessitava de muita intervenção e de um estudo exaustivo, como única forma possível para se perceber o que existia ao nível tipológico, qual a dimensão da colecção e o que era passível de ser reconstituído.

Todo o trabalho foi iniciado quase a partir do “nada”, atendendo a que existiam cerca de 50 caixas que continham apenas fragmentos.

O estudo da colecção iniciou-se com o processo de triagem, o qual teve a duração de quatro meses. Apesar de ter sido uma etapa do processo bastante desafiante, a dimensão desta colecção tornou o processo muito exaustivo e o tempo utilizado revelou-se insuficiente.

Salienta-se que após as escavações, o proprietário da colecção, leigo na matéria de estudo e conservação de cerâmica, tentou fazer uma primeira “triagem”. Esta intervenção veio trazer mais dificuldades, pois foram ignoradas as referências de campo, como as quadrículas e níveis estratigráficos.

Com a primeira etapa do trabalho foi possível conhecer a dimensão do espólio, o qual é composto por cerca de 11 000 fragmentos; por outro lado foi possível definir qual a parte da colecção onde iria ser feita a intervenção e que seria objecto de intervenção na segunda fase do estágio.

A intervenção de conservação e restauro recaiu em quinze peças da colecção da Quinta da Anunciada Velha, realizada de modo muito ponderado, assumindo que todos os materiais utilizados são compatíveis e completamente reversíveis.

Como o estágio tinha por objetivo divulgar o trabalho que foi desenvolvido, este culminou com uma exposição que permitiu mostrar “o conteúdo”, isto é, o trabalho resultante de um amontoado de peças distribuídas por cerca de cinquenta caixas, num total de 11 000 fragmentos.

Muito embora a colecção da Quinta da Anunciada Velha fosse considerada de grandes dimensões, do ponto de vista tipológico não era muito significativa, continha apenas sete tipologias distintas, pelo que se recorreu a duas outras colecções de forma a tornar a colecção a expor, representativa da “produção local de olaria”.

Apesar das colecções se integrarem cronologicamente no período moderno e não no medieval, a divulgação foi feita no âmbito da Feira Medieval em Torres Novas, na exposição intitulada “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”. Salienta-se que algumas peças dos níveis mais antigos são ainda efectivamente do final da Idade Média, sendo que as restantes apresentam as mesmas características ao nível da forma, que as utilizadas na época medieval, e algumas até anteriores a esta época.

Ao longo dos quatro dias em que a exposição esteve patente na Feira Medieval de Torres Novas e que contou com a presença de cerca de 1 000 visitantes, ouviram-se elogios em relação ao trabalho efectuado e muitas pessoas quiseram saber um pouco mais sobre o trabalho de conservação e restauro e sobre o IPT.

Os jogos medievais (Jogo do Galo, Jogo do Moinho e Jogo do Alquerque), que constituíram o *merchandising* integrado na exposição, surgem como forma de divulgar e preservar a memória colectiva através de técnicas e materiais tradicionais e tiveram um enorme sucesso.

Os visitantes para além de poderem ver a exposição “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval” tiveram a oportunidade de desenvolver uma atividade lúdica “o jogo”, que funcionou muitas vezes como forma de comunicação, favorecendo a divulgação de todo o trabalho desenvolvido.

Devido à limitação do tempo de estágio não foi possível concluir a triagem do espólio, uma vez que ainda cerca de 50 % de fragmentos indiferenciados e algumas peças em reserva passíveis de serem reconstituídas, na sua maioria caçoilas.

Os métodos de exame e análise não foram efectuados devido a uma avaria no equipamento, deixando portanto esta parte do estágio sem resultados e completamente em aberto. Contudo, as amostras já se encontram preparadas para análise.

O proprietário da Quinta da Anunciada Velha teve um papel preponderante neste estudo atendendo à disponibilidade e completa liberdade que sempre demonstrou para a consulta do seu arquivo particular: “Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha”.

O trabalho desenvolvido ao longo do estágio foi imensamente variado e contribuiu decisivamente para o desenvolvimento profissional na área da Conservação e Restauro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCADJA: AUCTION RESULTS – *Algumas obras de Duarte Pimentel* [em linha]. Portugal [Consult. 5 Mar. 2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.arcadja.com/auctions/pt/pimentel_duarte/artist/392066/>.
- ARQUIVO PARTICULAR ANTÓNIO PINTO DA FRANÇA – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*. Volume III.
- ARQUIVO PARTICULAR ANTÓNIO PINTO DA FRANÇA – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*. Volume IV.
- ARQUIVO PARTICULAR ANTÓNIO PINTO DA FRANÇA – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*. Volume VI.
- ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO – Livro das Escrituras. 2ª parte, fl. 58. Cit por FRANÇA, António Pinto da – *Achegas para a história da Quinta da Anunciada Velha*. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 25 (2005), p. 33-96.
- BICHO, Joaquim Rodrigues – *Património Artístico do Concelho de Torres Novas*. 2ª ed. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2001. ISBN 972-9151-39-3.
- BORGES, Nelson Correia – *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Alfa, 1993. Vol. 9.
- BYUS, Susan; OAKLEY, Victoria – *The Conservation and Restoration of Ceramics*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1993. ISBN 0 7506 0957 5.
- CARREIRA, Carlos – *Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2005. ISBN 972-9151-54-7.
- CARTA de Cracóvia: Princípios para a conservação e o restauro do património construído [em linha]. Cracóvia: Igespar, 2000. [Consult. 17 Jun. 2013]. Disponível na internet: URL <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>>.

- COSTA, Paulo Ferreira da – *Normas de inventário, Cerâmica utilitária: Arqueologia*. 1ª ed. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2007. ISBN 978-972-776-332-0.
- C.T.S. – *Produtos para estucagem, selagem e acabamentos diversos* [em linha]. Itália. [Consult. 10 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.ctseurope.com/depliants/%7B078ADB7C-C6CD-45C3-8C7C-175CDA5E0E8A%7D_Pagine%20da%206.6%20prodotti%20per%20stuccature%20sigillature%20e%20finiture%20varie-135.pdf>.
- C.T.S. – *Produtos químicos e solventes puros* [em linha]. Itália. [Consult. 9 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.ctseurope.com/depliants/%7BD0DC4BE9-3AB4-4592-BA61-BA96B1C159FF%7D_Pagine%20da%203.1%20prodotti%20chimici%20e%20solventi%20puri-73.pdf>.
- C.T.S. – *Resinas acrílicas* [em linha]. Itália. [Consult. 12 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.ctseurope.com/depliants/%7BD3B7BDE0-D70E-4889-9260-9E966A3684F3%7D_Pagine%20da%201.1.1%20resine%20acriliche-21.pdf>.
- DIRECTRIZES PROFISSIONAIS: CÓDIGO DA ÉTICA [em linha]. Bruxelas: E.C.C.O., 2003. [Consult. 22 Jun. 2013]. Disponível na internet: URL <<http://arp.org.pt/profissao/codigo-de-etica.html>>.
- ESSERS, Volkmar – *Matisse*. Lisboa: Taschen, 2002. ISBN 978-3-8228-0919-8.
- FERNANDES, Isabel Maria – Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria. In FERNANDES, Isabel Maria; SILVA, Raquel Henriques da, SILVA, Rodrigo Banha da – *Olaria portuguesa: do fazer ao usar*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. ISBN 978-972-37-0870-7. p. 61-218.
- FRANÇA, António Pinto da – Achega para a história da Quinta da Anunciada Velha. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. N.º 25 (2005), p. 33-96.
- FRICKE, Johann – *A Cerâmica*. 4ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- GOMES, Celso Figueiredo – *Argilas: o que são e para que servem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

- GUIA DO CONCELHO [em linha], Torres Novas. [Consult. 18 Jun 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://www.cm-torresnovas.pt/NR/rdonlyres/000120a1/unpercoxnmaojtckysvgnjbwhdfuqzj/GuiadoConcelho.pdf>>.
- LEAL, Catarina Cunha; FERREIRA, Manuela Almeida – Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra [em linha]. *PORTVGALIA*. Vol. XXVII-XVIII (2006/ 2007), p. 89-118. [Consult. 10 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5668.pdf>>.
- MARKL, Dagoberto – *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Alfa, 1993. Vol. 6.
- MARTINS SOUSA, Élvio Duarte – Funcionalidade genérica da cerâmica dos séculos XV-XVIII: Madeira e Açores [em linha]. *Ilhas de arqueologia: O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)* [em linha]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História. Vol. II (2011), p. 135-141. Tese de doutoramento. [Consult. 10 Abril 2013]. Disponível na internet: <URL: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5377/58/ulsd061975_td_vol_2_4.pdf>.
- MASSCHELEIN-KLEINER, Liliane – *Los solventes*. Chile: Publicaciones: Centro Nacional de Conservación y Restauración, 2004. ISBN 956-244-166-0.
- MELA, Romualdo – Ruas de Tomar e a sua toponímia. *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Gabinete de educação e cultura, Nº 4 (1982), p. 141-150.
- MONCADA, Migue Cabral – *Faiança portuguesa séc. XVI a séc. XVIII*. Lisboa: Scribe, 2008. ISBN 978-989-96057-0-1.
- MOURA, Carlos – *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Alfa, 1986. Vol. 8.
- MUSEU MUNICIPAL DE PORTALEGRE [em linha]. Portalegre. [Consult. 3 Mar. 2013]. Disponível na internet <URL: <http://www.geira.pt/mmpportalegre/>>.
- NÉRET, Gilles – *Miguel Ângelo*. Lisboa: Taschen, 2006. ISBN 13: 978-3-8228-6127-1.
- PEREIRO, Luís – *Galeria de Mário Augusto* [em linha]. Alhadadas: Luís Pereiro. [Consult. 1 Fev. 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://galeriademarioaugusto.blogspot.pt/>>.

- PÉREZ, Montserrat Lastras – *Investigación y análisis de las masillas de relleno para la reintegración de lagunas cerámicas arqueológicas* [em linha]. Valencia: Universidad Politecnica de Valencia, Facultad de Bellas Artes de San Carlos, Departamento de Conservación y Restauración de Bienes Culturales, 2007. [Consult. 10 Jun. 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/11224/tesisUPV2643.pdf?sequence=1>>.
- POLLARD, Mark [et al.] – *Analytical Chemistry in Archaeology*. Cambridge: University of Cambridge, 2007. ISBN 0-521-65572-2.
- PONTE, Salete da [et al.] – A Arqueologia Iconográfica da (I) materialidade dos Artefactos Cerâmicos da “Pedro Dias”. *Actas do V Congresso de Arqueologia: Interior Norte e Centro de Portugal*. Vila Real: Caleidoscópio, 2011. ISBN 978-989-658-184-8. p. 387-394.
- PONTE, Salete da – Anunciada a Velha revisitada. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 25 (2005), p. 97-132.
- SANTIAGO, Fr. Francisco de – *Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade*. Tomo I, Livro X, Capitulo III. Lisboa: Oficina Miguel Manescalda da Costa, 1762.
- SANTOS, Patrícia Augusto – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 11, nº 2 (2008), p. 325-345.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Inventário Artístico do Distrito de Santarém*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1949. Vol. III.
- SILVÉRIO, Silvina; BARROS, Luís; NUNES, Daniel – Arqueologia no Castelo de Penamacor: Cimo de Vila. A alcáçova e o cemitério. Resultados das Campanhas de 2004 a 2006. In MACIAS, Santiago; MARTÍNEZ, Susana Gómez – *Arqueologia Medieval*. Mértola: Edições Afrontamento. ISSN 0872-2250-11.2010. Nº 11 (2010), p. 195-223.
- GOMES, Celso de Sousa Figueiredo – *Minerais Industriais: Matérias Primas Cerâmicas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990. ISBN 972-667-115-9.

- STUART, Barbara – *Analytical Techniques in Materials Conservation*. England: John Wiley & Sons, Ltd., 2007. ISBN 978-0-470-01280-2.
- THOENES, Christof – *Rafael*. Lisboa: Taschen, 2005. ISBN 3-8228-4672-4.
- TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana; FERREIRA, Manuela Barros – Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. *Actas das 3as jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 2003. p. 125-134.
- WALTHER, Ingo F. – *Van Gogh*. Lisboa: Taschen, 2006. ISBN 13: 978-3-8228-6147-9.
- WILLIAMS, Nigel – Pottery restoration: aim account of apinning technique used in the British Museum [em linha]. *The Conservator*. London: Routledge. Vol. 4 (1980), p. 34-37. [Consult. 10 Maio 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://dx.doi.org/10.1080/01410096.1980.9994936>>.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de – *Cerâmica comum local e regional de Conímbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 1974. Dissertação de Doutoramento em Pré-história e Arqueologia.
- BATATA, Carlos – *As Origens de Tomar: Carta Arqueológica do Concelho*. Tomar: Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, 1997.
- BRANDI, Cesare – *Teoria do Restauro*. Lisboa: Edições Orion, 2006. ISBN: 972-8620-08-X.
- CASTRO, Elvira; CARBÓ, Maria Teresa Doménech – An appraisal of the properties of adhesives suitable for the restoration of Spanish medieval ceramics. In TENNENT, Norman H. – *The conservation of glass and ceramics: research, practice and training*. London: James & James, 1999. ISBN 1-873936-18-4.
- *DOCUMENTO DE NARA SOBRE A AUTENTICIDADE* [em linha]. Nara: ICOMOS, 1994. [Consult. 20 Jun. 2013]. Disponível na internet: URL <<http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/documento-de-nara-sobre-a-autenticidade.pdf>>.
- FRANÇA, António Pinto da – Quinta da Anunciada Velha. *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Gabinete de educação e cultura. Nº 13 (1989), p. 111-140.
- FRANÇA, Pinto da – Notas complementares à História da Anunciada Velha. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 14 (1991), p. 143-150.
- GONÇALVES, Artur – *Torres Novas: Subsídios para a sua história*. Torres Novas: Companhia editora do Minho, 1935.
- GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio – *Conservación de bienes culturales: Teoría, historia, principios y normas*. Madrid: Manuales Arte Cátedra, 1999. ISBN 84-376-1721-9.

- HENDERSON, Julian – *The Science and Archaeology of Materials: An investigation of inorganic materials*. New York: Routledge, 2000. ISBN 0-415-19934-4.
- MADEIRA, José Luís – *O Desenho na Arqueologia*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 2002. ISBN 972-9004-15-3.
- NOLEN, Jeannette U. Smit – *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1985.
- PONTE, Saleta da; MIRANDA, Judite – Relatório de escavações: 1990. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 15 (1991), p. 249-266.
- PONTE, Saleta da – O redescobrir das coisas: a Qtª da Anunciada Velha. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 20 (1997), p. 39-50.
- QUEIRÓS, José – *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- SANTOS, Maria Margarida de Sousa dos – *Cerâmica Arqueológica, estudo comparativo da eficácia inicial de dois consolidantes: polímero acrílico e silicato de etilo*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, 2001. Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauro. [Consultada a 3 de Março de 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10362/7524>>.
- SINOPOLI, Carla M. – *Approaches to Archeological Ceramics*. New York: Plenum Press, 1991. ISBN 0-306-43575-6.
- TAVARES, Paulino Mota – *Mesa, doces e manjares no séc. XVII português*. Sintra: Colares editora, 1999. ISBN 972-782-000-5.
- VELDE, Bruce; DRUC, Isabelle C. – *Archeological Ceramics Materials: Origin and Utilization*. New York: Springer, 1999. ISBN 3-540-64469-5.

ANEXOS

ANEXO 1 – ORGANIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DOS FRAGMENTOS

Após o processo de triagem, organizou-se os fragmentos do espólio da QAV, em caixas, em reserva. Neste sentido, houve necessidade de elaborar etiquetas de forma a ser mais fácil identificar as caixas que continham os fragmentos.

A Tabela 4 mostra a contagem de fragmentos que foi feita durante o processo de triagem com a identificação das caixas (Cx), das tipologias, das partes constituintes de cada tipologia, o total de fragmentos e algumas observações.

Tabela 4 – Quadro-resumo da organização e acondicionamento dos fragmentos.

CX	TIPOLOGIA	PARTE	TOTAL	OBSERVAÇÕES
1	Alguidares	Bordos	188	
2	Alguidares	Bordos	99	
		Bojos	14	
		Fundos	55	
3	Caçoilas	Bordos	280	+14 fragmentos (já desenhados)
4	Caçoilas	Bordos	137	
		Bojos	84	
		Fundos	1	
5	Caçoilas	Bojos	333	
		Fundos	225	
6	Cântaros	Asas	38	
7	Cântaros	Bojos	1151	
8	Cântaros	Bojos	348	
9	Cântaros	Fundos	69	
10	Cântaros	Bordos	148	
		Bojos	28	
		Asas	5	

11	Cântaros incompletos	Bordos	6	
		Bojos	289	
		Fundos	48	
		Asas	1	
12	Potes	Asas e arranques de asas	108	
13	Potes	Bojos	738	
14	Potes	Bojos	1062	
15	Potes	Bordos	584	*Bojos com arranque de asa etiquetados (Pot 83/74)
		Bojos (com arranque de asa)*	2	
		Bojos (numerados)	2	
16	Potes	Bojos	12	Potinhos
		Fundos	145	
17	Potes	Fundos	249	
18	Pratos	Bordos	145	
		Fundos	33	
19	Tijelas	Bordos*	94	*Bordos – Des. 31 Bordos – P/d. 63
		Fundos	2	
20	Testos	Bordos	29	Desenhados
		Fundos	7	
21	Testos	Bordos	65	Por desenhar
		Pegas	3	
22	Indiferenciados	Asas	287	
23	Indiferenciados	Bojos	408	
24	Indiferenciados	Bojos	319	
25	Indiferenciados	Bojos	1328	
26	Indiferenciados	Bojos	1414	
27	Indiferenciados	Fundos	188	
28	Indiferenciados	Fundos	85	
29	Indiferenciados	Bordos	10	
		Bojos	58	
		Fundos	5	
		Asas	1	

As Tabelas 5 a 8⁹⁴ representam alguns exemplos das etiquetas para as 29 caixas em reserva, com o número da caixa, a tipologia, o número de fragmentos e uma imagem representativa do conteúdo.

⁹⁴ Fotografias tiradas por Cristina Reis, 14 de Janeiro de 2013.

Tabela 5 – Etiqueta da Caixa nº 1.


CAIXA	TIPOLOGIA	Nº DE FRAGMENTOS	REGISTO FOTOGRÁFICO
1	ALGUID.	Bordos: 188	

Tabela 6 – Etiqueta da Caixa nº 4.


CAIXA	TIPOLOGIA	Nº DE FRAGMENTOS	REGISTO FOTOGRÁFICO
4	CAÇOILAS	Bordos: 137 Bojos: 84 Fundos: 1	

Tabela 7 – Etiqueta da Caixa nº 6.



CAIXA	TIPOLOGIA	Nº DE FRAGMENTOS	REGISTO FOTOGRÁFICO
6	CÂNTAROS	Asas: 38	

Tabela 8 – Etiqueta da Caixa nº 20.





CAIXA	TIPOLOGIA	Nº DE FRAGMENTOS	REGISTO FOTOGRÁFICO
20	TESTOS (Des.)	Bordos: 29 Fundos: 7	

ANEXO 2 – INVENTÁRIO DAS PEÇAS INTERVENCIONADAS PARA A EXPOSIÇÃO

Anexo 2.1 – Da Quinta da Anunciada Velha, em Tomar

A Tabela 9 apresenta o inventário das peças da QAV, intervencionadas, identificadas dentro de cada grupo tipológico, tipologicamente e com as respectivas dimensões e registo fotográfico final.

Tabela 9 – Inventário das peças da QAV.

Grupo tipológico	Tipologia	Nº de Inventário	Dimensões máximas	Registo fotográfico
Armazenamento e transporte	Pote ⁹⁵	TOM/ QAV POT 2	Altura: 16,0 cm Ø Bordo: 12,5 cm Ø Bojo: 15,5 cm Ø Base: 7,7 cm	
Armazenamento e transporte	Pote ⁹⁶	TOM/ QAV POT 22	Altura: 13,0 cm Ø Bordo: 10,0 cm Ø Bojo: 15,0 cm Ø Base: 6,0 cm	
Armazenamento e transporte	Pote ⁹⁷	TOM/ QAV POT 27	Altura: 9,0 cm Ø Bordo: 8,0 cm Ø Bojo: 10,0 cm Ø Base: 5,0 cm	
Armazenamento e transporte	Pote ⁹⁸	TOM/ QAV POT 18	Altura: 21,0 cm Ø Bordo: 12,5 cm Ø Bojo: 20,0 cm Ø Base: 9,0 cm	

⁹⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

⁹⁶ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

⁹⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

⁹⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

Armazenamento e transporte	Cântaro ⁹⁹	TOM/ QAV CANT 7	Altura: 28,0 cm Ø Bordo: 9,0 cm Ø Bojo: 20,0 cm Ø Base: 10,0 cm	
Loiça de cozinha	Alguidar ¹⁰⁰	TOM/ QAV ALG 3	Altura: 16,0 cm Ø Bordo: 51,0 cm Ø Base: 29,0 cm	
Loiça de cozinha	Alguidar ¹⁰¹	TOM/ QAV ALG 2	Altura: 6,5 cm Ø Bordo: 26,0 cm Ø Base: 14,0 cm	
Loiça de cozinha	Caçoila ¹⁰²	-----	Altura: 13,0 cm Ø Bordo: 31,0 cm Ø Base: 18,0 cm	
Loiça de cozinha	Caçoila ¹⁰³	-----	Altura: 12,5 cm Ø Bordo: 27,0 cm Ø Base: 16,5 cm	
Loiça de cozinha	Caçoila ¹⁰⁴	-----	Altura: 8,5 cm Ø Bordo: 26,0 cm Ø Base: 20,0 cm	
Loiça de mesa	Prato ¹⁰⁵	TOM/ QAV PRT 2	Altura: 1,5 cm Ø Bordo: 7,5 cm Ø Base: 4,0 cm	
Loiça de mesa	Tijela ¹⁰⁶	TOM/ QAV TGL 4	Altura: 2,5 cm Ø Bordo: 10,0 cm Ø Base: 3,5 cm	
Loiça de mesa	Tijela ¹⁰⁷	TOM/ QAV TGL 1	Altura: 4,0 cm Ø Bordo: 12,5 cm Ø Base: 5,0 cm	
Objectos de uso doméstico e artesanal	Testo ¹⁰⁸	TOM/ QAV TEST 2	Altura: 2,5 cm Ø Bordo: 15,0 cm Ø Base: 5,5 cm	

⁹⁹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁰⁰ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁰¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁰² Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁰³ Fotografia tirada por Cristina Reis, 8 de Fevereiro de 2013.


¹⁰⁴ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁰⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁰⁶ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁰⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.





¹⁰⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

Objectos de uso doméstico e artesanal	Testo ¹⁰⁹	TOM/ QAV TEST 1	Altura: 2,5 cm Ø Bordo: 14,5 cm Ø Base: 6,0 cm	
---------------------------------------	----------------------	--------------------	--	---

Anexo 2.2 – Da Rua Pedro Dias, em Tomar

A Tabela 10 apresenta o inventário das peças proposta para exposição da RPD, com a identificação do grupo tipológico, tipologia e com as respectivas dimensões e registo fotográfico. Estas peças usadas na exposição foram intervencionadas no âmbito da unidade curricular de *Conservação e Restauro 2*, nos anos lectivos 2006/ 2007 a 2009/ 2010.

Tabela 10 – Inventário das peças da RPD.

Grupo tipológico	Tipologia	Nº de Inventário	Dimensões máximas	Registo fotográfico
Armazenamento e transporte	Pote ¹¹⁰	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 310	Altura: 11,0 cm Ø Bordo: 8,0 cm Ø Bojo: 10,0 cm Ø Base: 5,0 cm	
Armazenamento e transporte	Pote ¹¹¹	03 TOM RPD Bolsa 1B.2 315	Altura: 10,0 cm Ø Bordo: 8,0 cm Ø Bojo: 10,0 cm Ø Base: 4,5 cm	
Armazenamento e transporte	Pote ¹¹²	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 304	Altura: 11,0 cm Ø Bordo: 9,5 cm Ø Bojo: 10,5 cm Ø Base: 5,5 cm	
Armazenamento e transporte	Pote ¹¹³	03 TOM RPD Bolsa 1B.2 307	Altura: 15,5 cm Ø Bordo: 12,0 cm Ø Bojo: 16,0 cm Ø Base: 7,5 cm	








¹⁰⁹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹¹⁰ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹¹¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹¹² Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹¹³ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

Loiça de cozinha	Caçoila ¹¹⁴	03 TOM RPD Achado Avulso 381	Altura: 8,0 cm Ø Bordo: 25,0 cm Ø Base: 19,0 cm	
Loiça de cozinha	Caçoila ¹¹⁵	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE	Altura: 9,0 cm Ø Bordo: 18,0 cm Ø Base: 12,5 cm	
Loiça de cozinha	Tacho ¹¹⁶	03 TOM RPD Bolsa 1B.4 319	Altura: 15,0 cm Ø Bordo: 20,0 cm Ø Base: 16,0 cm	
Loiça de cozinha	Marmita ¹¹⁷	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE	Altura: 15,5 cm Ø Bordo: 16,5 cm Ø Base: 15,0 cm	
Loiça de cozinha	Marmita ¹¹⁸	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE	Altura: 13,0 cm Ø Bordo: 16,5 cm Ø Base: 14,5 cm	
Contentores de lume	Fogareiro ¹¹⁹	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 357	Altura: 11,0 cm Ø Grelha: 12,0 cm Ø Colo: 6,5 cm Ø Base: 9,5 cm	
Contentores de lume	Fogareiro ¹²⁰	03 TOM RPD Bolsa 1B	Altura: 20,0 cm Ø Bordo: 32,0 cm Ø Colo: 9,5 cm Ø Base: 18,0 cm	
Contentores de lume	Fogareiro ¹²¹	03 TOM RPD Bolsa 1 MDB	Altura: 17,0 cm Ø Bordo: 18,0 cm Ø Colo: 11,0 cm Ø Base: 15,0 cm	
Louça de mesa	Garrafa ¹²²	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 350	Altura: 20,5 cm Ø Bordo: 3,5 cm Ø Base: 9,0 cm	

¹¹⁴ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹¹⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 28 de Maio de 2013.

¹¹⁶ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹¹⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹¹⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹¹⁹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹²⁰ Fotografia tirada por Cristina Reis, 23 de Junho de 2013.

¹²¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 28 de Maio de 2013.

¹²² Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013. A garrafa apresentada é referenciada no artigo LEAL, Catarina Cunha; FERREIRA, Manuela Almeida – *Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra*, 2006/ 2007, p. 112.

Louça de mesa	Taça ¹²³	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 328	Altura: 3,0 cm Ø Bordo: 10,5 cm Ø Base: 4,0 cm	
Louça de mesa	Tijela ¹²⁴	03 TOM RPD Bolsa 3 sob o pavimento 330	Altura: 5,5 cm Ø Bordo: 15,5 cm Ø Base: 8,0 cm	
Louça de mesa	Tijela ¹²⁵	03 TOM RPD Bolsa 1B 345	Altura: 6,5 cm Ø Bordo: 19,0 cm Ø Base: 7,5 cm	
Louça de mesa	Prato ¹²⁶	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 391	Altura: 5,5 cm Ø Bordo: 26,0 cm Ø Base: 7,0 cm	
Louça de mesa	Prato ¹²⁷	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 388	Altura: 5,0 cm Ø Bordo: 21,5 cm Ø Base: 7,0 cm	
Louça de mesa	Prato ¹²⁸	03 TOM RPD Bolsa 3 374	Altura: 4,0 cm Ø Bordo: 18,0 cm Ø Base: 6,0 cm	
Louça de mesa	Prato ¹²⁹	03 TOM RPD Bolsa 1 MDE 331	Altura: 2,0 cm Ø Bordo: 11,0 cm Ø Base: 4,5 cm	
Objectos de uso doméstico e artesanal	Testo ¹³⁰	03 TOM RPD Bolsa 1B.1 342	Altura: 3,0 cm Ø Bordo: 14,5 cm Ø Base: 6,0 cm	
Objectos de uso doméstico e artesanal	Medidor ¹³¹	03 TOM RPD Bolsa 1B.2 355	Altura: 17,5 cm Ø Bordo: 5,5 cm Ø Base: 11,5 cm	

¹²³ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹²⁴ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹²⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹²⁶ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹²⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹²⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

¹²⁹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.






¹³⁰ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹³¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 27 de Maio de 2013.

Anexo 2.3 – Da Casa Mogo de Melo, em Torres Novas

A Tabela 11 apresenta o inventário das peças proposta para exposição da CMM, com a identificação do grupo tipológico, tipologia e com as respectivas dimensões e registo fotográfico.

Tabela 11 – Inventário das peças da CMM.

Grupo tipológico	Tipologia	Nº de Inventário	Dimensões máximas	Registo fotográfico
Contentores de Lume	Candeia ¹³²	MMTN 2701	Altura: 3,5 cm ØBordo: 10,0 cm Ø Base: 6,0 cm	
Louça de mesa	Caneca ¹³³	MMTN 2714	Altura: 10,5 cm Ø Bordo: 7,0 cm Ø Base: 8,0 cm	
Louça de mesa	Púcaro ¹³⁴	MMTN 2724	Altura: 10,0 cm Ø Bordo: 8,0 cm Ø Base: 3,5 cm	
Louça de mesa	Jarro ¹³⁵	MMTN 2735	Altura: 21,0 cm ØBordo: 10,0 cm Ø Base: 9,0 cm	
Objectos de uso doméstico e artesanal	Medidor ¹³⁶	MMTN 2704	Altura: 20,5 cm Ø Bordo: 9,0 cm Ø Base: 10,0 cm	

¹³² Fotografia tirada por Cristina Reis, 24 de Junho de 2013.

¹³³ Fotografia tirada por Cristina Reis, 24 de Junho de 2013.

¹³⁴ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.



¹³⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹³⁶ Fotografia tirada por Cristina Reis, 16 de Junho de 2013.

ANEXO 3 – FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS PEÇAS DA QUINTA DA ANUNCIADA VELHA

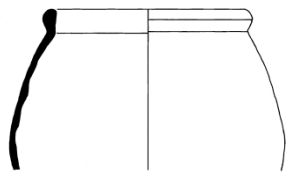
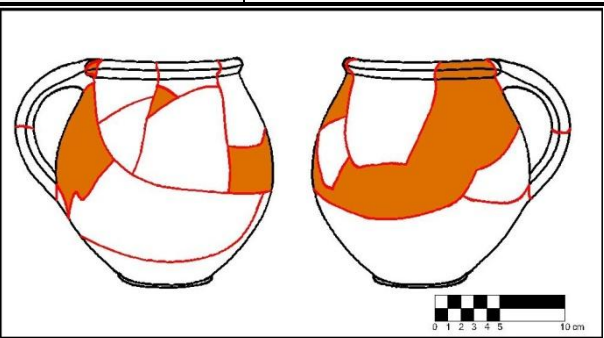
As Tabelas 12 a 26 apresentam as fichas de identificação, diagnóstico e tratamento das peças da QAV, com toda a informação relativa a cada peça em particular, partindo-se de pontos relacionados com proprietário, categoria, tipologia, datação, proveniência e localização para pontos mais técnicos, como técnicas e materiais de fabrico, descrição sumária e dimensões. Por fim, apresentam-se os dados do diagnóstico e respectivo mapeamento dos danos assim como os tratamentos de conservação e restauro.

Tabela 12 – Ficha de Identificação: Pote (2).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV POT 2	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹³⁷
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Armazenamento e transporte	
TIPOLOGIA	Pote	FINAL ¹³⁸
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	

¹³⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 13 de Junho de 2013.




¹³⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

MATERIAIS DE FABRICO		Terracota		REGISTO GRÁFICO ¹³⁹	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA		Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior alaranjada.			
DIMENSÕES MÁXIMAS		ALTURA		16,0 cm	
		Ø DO BORDO		12,5 cm	
		Ø DO BOJO		15,5 cm	
		Ø DA BASE		7,7 cm	
CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS ¹⁴⁰ (Vistas laterais direita e esquerda, respectivamente)				
	PROCEDIMENTOS		TÉCNICAS		MATERIAIS
	- Reintegração cromática.		- Sub-tom.		- Tintas acrílicas. - Pincéis.

¹³⁹ Desenho elaborado por Sara Martins, 2006/ 2007.

¹⁴⁰ Mapeamentos elaborados por Cristina Reis, Junho de 2013.

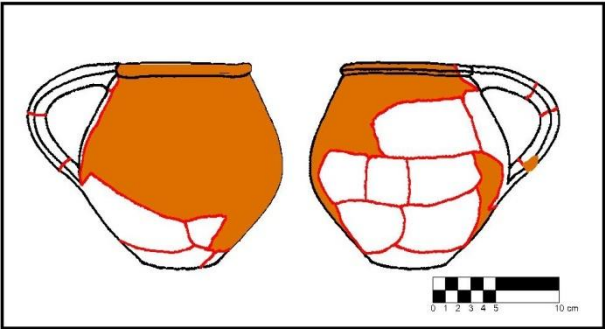
Tabela 13 – Ficha de Identificação: Pote (22).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV POT 22	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁴¹
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLÓGICO	Armazenamento e transporte	
TIPOLOGIA	Pote	
AUTORIA	Desconhecida	FINAL ¹⁴²
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	REGISTO GRÁFICO ¹⁴³
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior alaranjada. Marcas de fuligem no exterior, do lado oposto à asa.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	13,0 cm
	Ø DO BORDO	10,0 cm
	Ø DO BOJO	15,0 cm
	Ø DA BASE	6,0 cm

¹⁴¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 8 de Fevereiro de 2013.



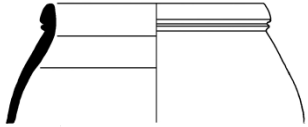
¹⁴² Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁴³ Desenho elaborado por Sara Martins, 2006/ 2007.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS¹⁴⁴ (Vistas laterais direita e esquerda, respectivamente)		
	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.
	- Colagens;	- Adesivo à base de solvente.	- Paraloid B 72 a 50 % em acetona.
	- Reconstituição;	- Molde univalve. - Molde bivalve.	- Gesso de dentista.
- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.	

¹⁴⁴ Mapeamentos elaborados por Cristina Reis, Abril de 2013.

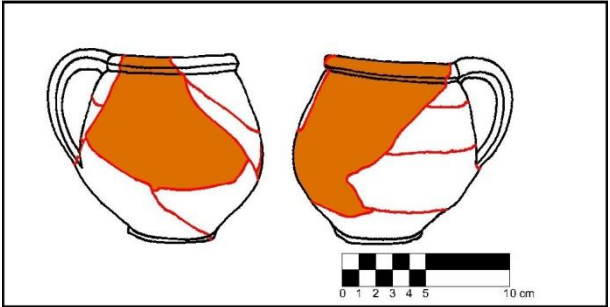
Tabela 14 – Ficha de Identificação: Pote (27).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV POT 27	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁴⁵
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Armazenamento e transporte	
TIPOLOGIA	Pote	FINAL ¹⁴⁶
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	REGISTO GRÁFICO ¹⁴⁷
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior laranja acastanhada. Marcas de fuligem no exterior, do lado aposto à asa.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	9,0 cm
	Ø DO BORDO	8,0 cm
	Ø DO BOJO	10,0 cm
	Ø DA BASE	5,0 cm

¹⁴⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 6 de Fevereiro de 2013.

¹⁴⁶ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁴⁷ Desenho elaborado por Sara Martins, 2006/ 2007.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS¹⁴⁸ (Vistas laterais direita e esquerda, respectivamente)		
	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.
	- Colagens;	- Adesivo à base de solvente.	- Paraloid B 72 a 50 % em acetona.
	- Reconstituição;	- Molde univalve. - Molde bivalve.	- Gesso de dentista.
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.
- Reintegração cromática.	- Sub-tom.	- Tintas acrílicas. - Pincéis.	

¹⁴⁸ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Março de 2013.

Tabela 15 – Ficha de Identificação: Pote (18).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV POT 18	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁴⁹
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Armazenamento e transporte	
TIPOLOGIA	Pote	
AUTORIA	Desconhecida	FINAL ¹⁵⁰
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	REGISTO GRÁFICO ¹⁵¹
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior alaranjada.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	21,0 cm
	Ø DO BORDO	12,5 cm
	Ø DO BOJO	20,0 cm
	Ø DA BASE	9,0 cm
CONSERVAÇÃO E RESTAURO	<p>MAPEAMENTOS¹⁵² (Vistas laterais direita e esquerda, respectivamente)</p>	 <p>■ Fracturas</p>

¹⁴⁹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 25 de Março de 2013.



¹⁵⁰ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁵¹ Desenho elaborado por Sara Martins, 2006/ 2007.

¹⁵² Mapeamentos elaborados por Cristina Reis, Abril de 2013.

	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica. - Química.	- Trincha. - Água.
	- Colagens;	- Adesivo à base de solvente.	- Paraloid B 72 a 50 % em acetona.
	- Reconstituição;	- Molde univalve. - Molde bivalve.	- Gesso de dentista.
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.
	- Reintegração cromática.	- Sub-tom.	- Tintas acrílicas. - Pincéis.

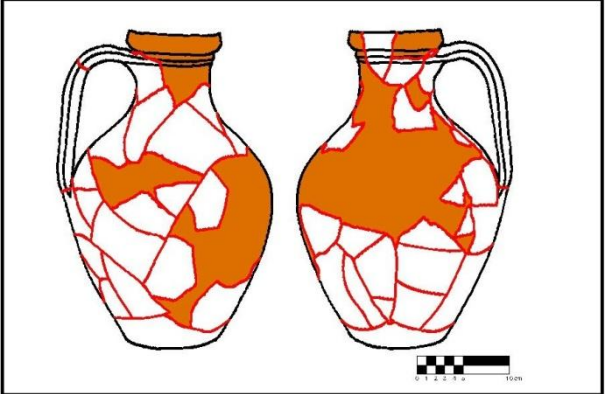
Tabela 16 – Ficha de Identificação: Cântaro (7).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV CANT 7	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁵³
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Armazenamento e transporte	
TIPOLOGIA	Cântaro	
AUTORIA	Desconhecida	FINAL ¹⁵⁴
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Manchas esbranquiçadas à superfície. Manchas de fuligem no exterior, do lado oposto à asa. Bordo boleado, com inflexão para o interior. Asa de fita.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	28,0 cm
	Ø DO BORDO	9,0 cm
	Ø DO BOJO	20,0 cm
	Ø DA BASE	10,0 cm

¹⁵³ Fotografia tirada por Cristina Reis, 6 de Junho de 2013.

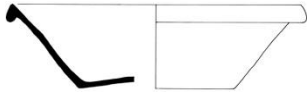
¹⁵⁴ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁵⁵ Desenho elaborado por Catarina Silva, 2006/ 2007.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS¹⁵⁶ (Vistas laterais direita e esquerda, respectivamente)		
	PROCEDIMENTOS - Reintegração cromática.	TÉCNICAS - Sub-tom.	MATERIAIS - Tintas acrílicas. - Pincéis.

¹⁵⁶ Mapeamentos elaborados por Cristina Reis, Junho de 2013.

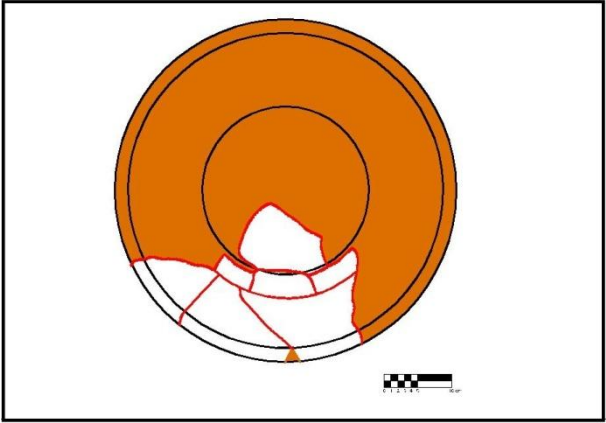
Tabela 17 – Ficha de Identificação: Alguidar (3).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV ALG 3	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁵⁷
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Loiça de cozinha	
TIPOLOGIA	Alguidar	FINAL ¹⁵⁸
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	REGISTO GRÁFICO ¹⁵⁹
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior laranja acastanhada. Superfície exterior laranja avermelhada.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	16,0 cm
	Ø DO BORDO	51,0 cm
	Ø DA BASE	14,0 cm

¹⁵⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 18 de Março de 2013.


¹⁵⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁵⁹ Desenho elaborado por Cláudio Gonçalves, 2006/ 2007.

<p>CONSERVAÇÃO E RESTAURO</p>	<p>MAPEAMENTOS¹⁶⁰ (Vista superior)</p>		
	<p>PROCEDIMENTOS</p>	<p>TÉCNICAS</p>	<p>MATERIAIS</p>
	<p>- Limpeza;</p>	<p>- Mecânica.</p>	<p>- Trincha.</p>
	<p>- Reconstituição;</p>	<p>- Molde univalve. - Molde bivalve.</p>	<p>- Gesso de dentista.</p>
	<p>- Nivelamentos;</p>	<p>- Mecânico.</p>	<p>- Bisturi. - Lixas de grão fino.</p>
<p>- Reintegração cromática.</p>	<p>- Sub-tom.</p>	<p>- Tintas acrílicas. - Pincéis.</p>	

¹⁶⁰ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Abril de 2013.

Tabela 18 – Ficha de Identificação: Alguidar (2).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV ALG 2		REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França		INICIAL ¹⁶¹
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica		
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica		
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária		
GRUPO TIPOLOGICO	Loiça de cozinha		FINAL ¹⁶²
TIPOLOGIA	Alguidar		
AUTORIA	Desconhecida		
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII		
PROVENIÊNCIA	QAV		
LOCALIZAÇÃO	IPT		REGISTO GRÁFICO ¹⁶³
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro		
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota		
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo homogéneo, com alguns ENP's. A superfície interior apresenta-se brunida. Superfície interior e exterior alaranjada.		
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	6,5 cm	
	Ø DO BORDO	26,0 cm	
	Ø DA BASE	14,0 cm	
CONSERVAÇÃO E RESTAURO	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.
	- Reprodução;	- Química.	- Água.
	- Nivelamentos;	- <i>Spinning</i> .	- Gesso de dentista.
	- Reintegração cromática.	- Mecânico.	- Bisturi.
		- Sub-tom.	- Lixas de grão fino.
			- Tintas acrílicas.
			- Pincéis.

¹⁶¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 25 de Fevereiro de 2013.

¹⁶² Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁶³ Desenho elaborado por Cláudio Gonçalves, 2006/ 2007.

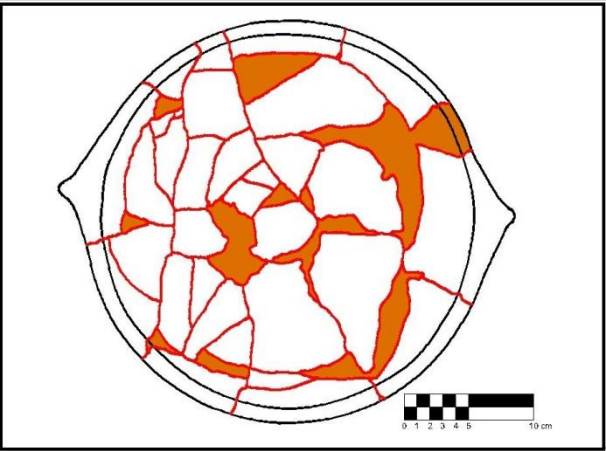
Tabela 19 – Ficha de Identificação: Caçoila.

Nº INVENTÁRIO	-----	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁶⁴
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Loiça de cozinha.	
TIPOLOGIA	Caçoila	
AUTORIA	Desconhecida	FINAL ¹⁶⁵
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	REGISTO GRÁFICO ¹⁶⁶
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior alaranjada. Marcas de fuligem no exterior, ao nível da base.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	13,0 cm
	Ø DO BORDO	31,0 cm
	Ø DA BASE	18,0 cm

¹⁶⁴ Fotografia tirada por Cristina Reis, 23 de Novembro de 2012.



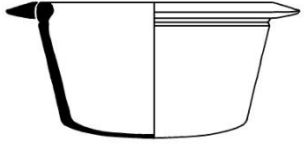
¹⁶⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁶⁶ Desenho elaborado por Cristina Reis, Janeiro de 2013.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS ¹⁶⁷ (Vista superior)	 <p> ■ Fracturas ■ Lacunas </p>	
	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.
	- Colagens;	- Adesivo à base de solvente.	- Paraloid B 72 a 50 % em acetona.
	- Reconstituição;	- Molde univalve.	- Gesso de dentista.
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.
	- Reintegração cromática.	- Sub-tom.	- Tintas acrílicas. - Pincéis.

¹⁶⁷ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Janeiro de 2013.

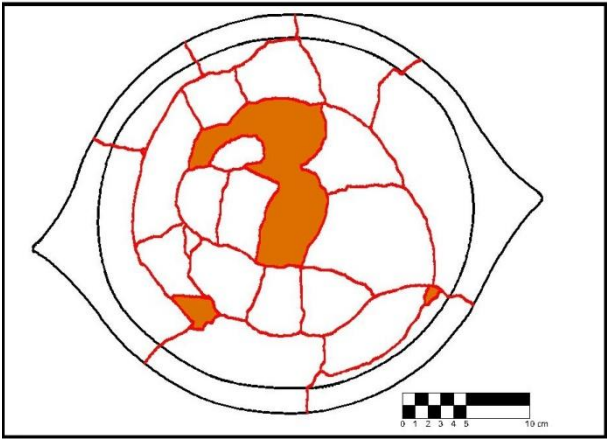
Tabela 20 – Ficha de Identificação: Caçoila.

Nº INVENTÁRIO	-----	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁶⁸
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Loiça de cozinha	
TIPOLOGIA	Caçoila	FINAL ¹⁶⁹
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	REGISTO GRÁFICO ¹⁷⁰
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior laranja avermelhada. Marcas de fuligem no exterior, ao nível da base.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	12,5 cm
	Ø DO BORDO	27,0 cm
	Ø DA BASE	16,5 cm

¹⁶⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 16 de Novembro de 2012.


¹⁶⁹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 8 de Fevereiro de 2013.

¹⁷⁰ Desenho elaborado por Cristina Reis, Janeiro de 2013.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS ¹⁷¹ (Vista superior)		
	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica. - Química.	- Trincha. - Água.
	- Colagens;	- Adesivo à base de solvente.	- Paraloid B 72 a 50 % em acetona.
	- Reconstituição;	- Molde univalve.	- Gesso de dentista.
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.

¹⁷¹ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Janeiro de 2013.

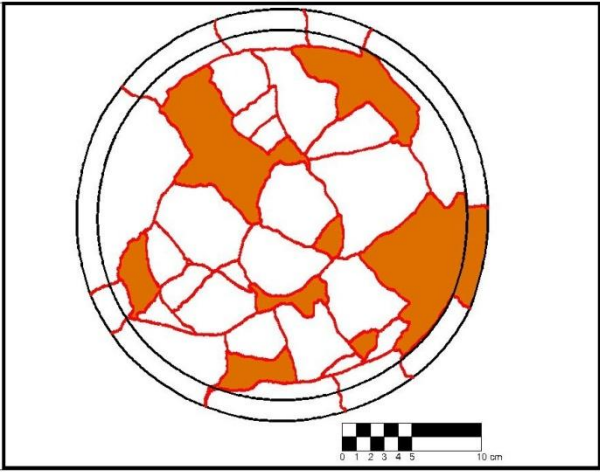
Tabela 21 – Ficha de Identificação: Caçoila.

Nº INVENTÁRIO	-----	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁷²
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Loiça de cozinha	
TIPOLOGIA	Caçoila	FINAL ¹⁷³
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	REGISTO GRÁFICO ¹⁷⁴
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior brunida. Superfície interior e exterior laranja avermelhada. Marcas de fuligem no exterior.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	8,5 cm
	Ø DO BORDO	26,0 cm
	Ø DA BASE	20,0 cm

¹⁷² Fotografia tirada por Cristina Reis, 23 de Janeiro de 2013.

¹⁷³ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁷⁴ Desenho elaborado por Cristina Reis, Fevereiro de 2013.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS ¹⁷⁵ (Vista superior)		
	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.
	- Colagens;	- Adesivo à base de solvente.	- Paraloid B 72 a 50 % em acetona.
	- Reconstituição;	- Molde univalve. - Molde bivalve.	- Gesso de dentista.
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.
- Reintegração cromática (incompleta).	- Sub-tom.	- Tintas acrílicas. - Pincéis.	

¹⁷⁵ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Fevereiro de 2013.

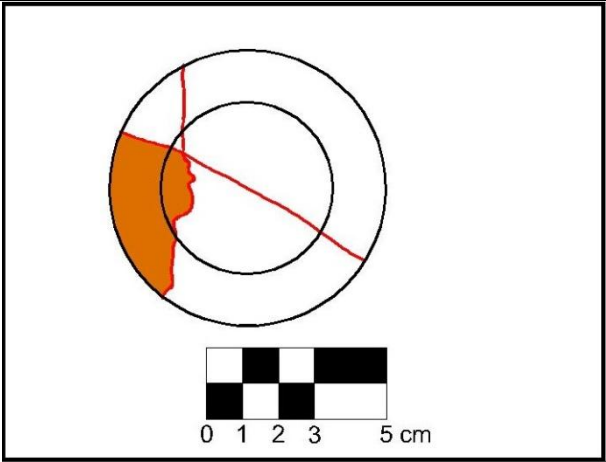
Tabela 22 – Ficha de Identificação: Prato (2).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV PRT 2	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁷⁶
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLÓGICO	Loiça de mesa	
TIPOLOGIA	Prato	FINAL ¹⁷⁷
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	REGISTO GRÁFICO ¹⁷⁸
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior alaranjada.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	1,5 cm
	Ø DO BORDO	7,5 cm
	Ø DA BASE	4,0 cm

¹⁷⁶ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Janeiro de 2013.


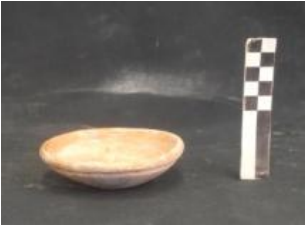
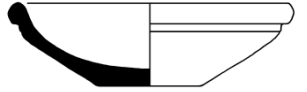
¹⁷⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁷⁸ Desenho elaborado por Joana Magalhães, 2006/ 2007.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS ¹⁷⁹ (Vista superior)		
	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.
	- Reconstituição;	- Molde bivalve.	- Gesso de dentista.
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.
- Reintegração cromática.	- Sub-tom.	- Tintas acrílicas. - Pincéis.	

¹⁷⁹ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Fevereiro de 2013.

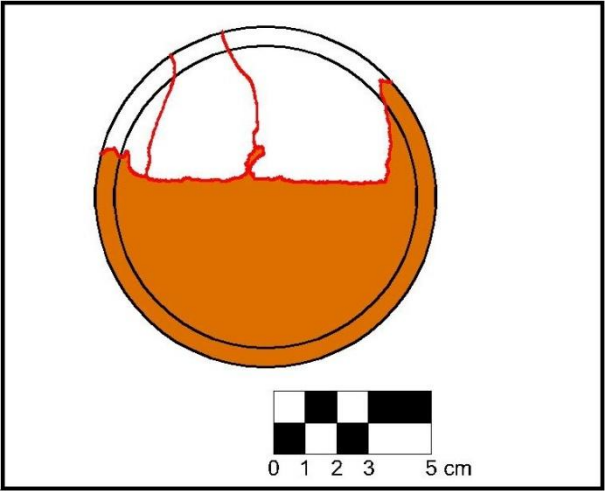
Tabela 23 – Ficha de Identificação: Tijela (4).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV TGL 4	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁸⁰
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Loiça de cozinha	
TIPOLOGIA	Tijela	FINAL ¹⁸¹
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	REGISTO GRÁFICO ¹⁸²
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com poucos ENP's. Superfície interior laranja avermelhado. Superfície exterior rosada. Marcas de fuligem no exterior.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	2,5 cm
	Ø DO BORDO	10,0 cm
	Ø DA BASE	3,5 cm

¹⁸⁰ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Janeiro de 2013.



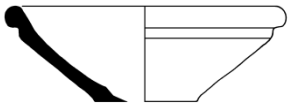
¹⁸¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁸² Desenho elaborado por Natalina Heleno, 2006/ 2007.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO	MAPEAMENTOS ¹⁸³ (Vista superior)		
	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.
	- Reconstituição;	- Molde bivalve.	- Gesso de dentista.
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.
- Reintegração cromática.	- Sub-tom.	- Tintas acrílicas. - Pincéis.	

¹⁸³ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Fevereiro de 2013.

Tabela 24 – Ficha de Identificação: Tijela (1).


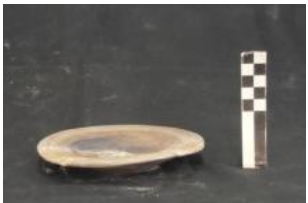

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV TGL 1		REGISTO FOTOGRÁFICO	
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França		INICIAL ¹⁸⁴	
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica			
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica			
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária			
GRUPO TIPOLOGICO	Loiça de cozinha			
TIPOLOGIA	Tijela			
AUTORIA	Desconhecida			FINAL ¹⁸⁵
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII			
PROVENIÊNCIA	QAV			
LOCALIZAÇÃO	IPT			
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro		REGISTO GRÁFICO ¹⁸⁶	
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota			
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com poucos ENP's. Superfície interior e exterior laranja rosada.			
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	4,0 cm		
	Ø DO BORDO	12,5 cm		
	Ø DA BASE	5,0 cm		
CONSERVAÇÃO E RESTAURO	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS	MATERIAIS	
	- Limpeza;	- Mecânica.	- Trincha.	
	- Reprodução;	- <i>Spinning</i> .	- Gesso de dentista.	
	- Nivelamentos;	- Mecânico.	- Bisturi. - Lixas de grão fino.	
	- Reintegração cromática.	- Sub-tom.	- Tintas acrílicas. - Pincéis.	

¹⁸⁴ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Janeiro de 2013.

¹⁸⁵ Fotografia tirada por Cristina Reis, 22 de Junho de 2013.

¹⁸⁶ Desenho elaborado por Natalina Heleno, 2006/ 2007.

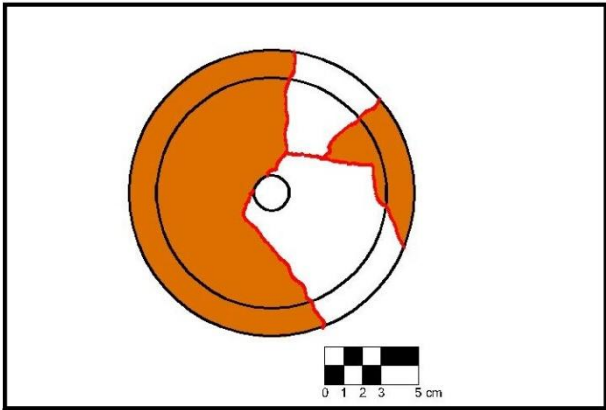
Tabela 25 – Ficha de Identificação: Testo (2).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV TEST 2	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁸⁷
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Objectos de uso doméstico e artesanal	
TIPOLOGIA	Testo	FINAL ¹⁸⁸
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	REGISTO GRÁFICO ¹⁸⁹
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interna e externa cinzenta acastanhada. Marcas de fuligem.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	2,5 cm
	Ø DO BORDO	15,0 cm
	Ø DA BASE	5,5 cm

¹⁸⁷ Fotografia tirada por Cristina Reis, 16 de Abril de 2013.

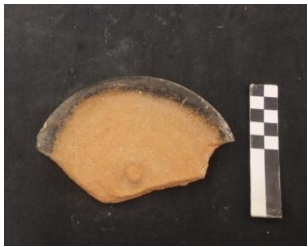
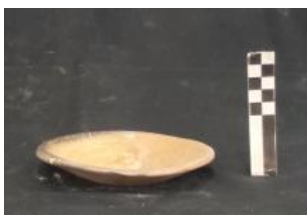

¹⁸⁸ Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁸⁹ Desenho elaborado por Ana Luísa Ravara, 2006/ 2007.

<p>CONSERVAÇÃO E RESTAURO</p>	<p>MAPEAMENTOS¹⁹⁰ (Vista superior)</p>		
	<p>PROCEDIMENTOS</p>	<p>TÉCNICAS</p>	<p>MATERIAIS</p>
	<p>- Limpeza;</p>	<p>- Mecânica.</p>	<p>- Trincha.</p>
	<p>- Reconstituição;</p>	<p>- Molde bivalve.</p>	<p>- Gesso de dentista.</p>
	<p>- Nivelamentos;</p>	<p>- Mecânico.</p>	<p>- Bisturi. - Lixas de grão fino.</p>
<p>- Reintegração cromática.</p>	<p>- Sub-tom.</p>	<p>- Tintas acrílicas. - Pincéis.</p>	

¹⁹⁰ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Abril de 2013.

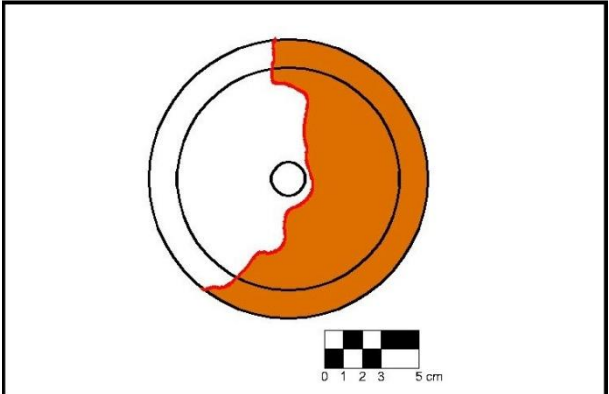
Tabela 26 – Ficha de Identificação: Testo (1).

Nº INVENTÁRIO	TOM/ QAV TEST 1	REGISTO FOTOGRÁFICO
PROPRIETÁRIO	António Pinto da França	INICIAL ¹⁹¹
SUPER-CATEGORIA	Cerâmica	
CATEGORIA	Cerâmica Arqueológica	
SUB-CATEGORIA	Cerâmica Utilitária	
GRUPO TIPOLOGICO	Objectos de uso doméstico e artesanal	
TIPOLOGIA	Testo	FINAL ¹⁹²
AUTORIA	Desconhecida	
DATAÇÃO	Século XVI/ XVIII	
PROVENIÊNCIA	QAV	
LOCALIZAÇÃO	IPT	
TÉCNICAS DE FABRICO	Torno de oleiro	REGISTO GRÁFICO ¹⁹³
MATERIAIS DE FABRICO	Terracota	
DESCRIÇÃO SUMÁRIA	Corpo cerâmico homogéneo, com alguns ENP's. Superfície interior e exterior alaranjada. Marcas de fuligem em toda a zona do bordo.	
DIMENSÕES MÁXIMAS	ALTURA	2,5 cm
	Ø DO BORDO	14,5 cm
	Ø DA BASE	6,0 cm

¹⁹¹ Fotografia tirada por Cristina Reis, 8 de Fevereiro de 2013.

¹⁹² Fotografia tirada por Cristina Reis, 26 de Junho de 2013.

¹⁹³ Desenho elaborado por Ana Luísa Ravara, 2006/ 2007.

<p>CONSERVAÇÃO E RESTAURO</p>	<p>MAPEAMENTOS¹⁹⁴ (Vista superior)</p>		
	<p>PROCEDIMENTOS</p>	<p>TÉCNICAS</p>	<p>MATERIAIS</p>
	<p>- Limpeza;</p>	<p>- Mecânica.</p>	<p>- Trincha.</p>
	<p>- Reconstituição;</p>	<p>- Molde bivalve.</p>	<p>- Gesso de dentista.</p>
	<p>- Nivelamentos;</p>	<p>- Mecânico.</p>	<p>- Bisturi. - Lixas de grão fino.</p>
<p>- Reintegração cromática.</p>	<p>- Sub-tom.</p>	<p>- Tintas acrílicas. - Pincéis.</p>	

¹⁹⁴ Mapeamento elaborado por Cristina Reis, Fevereiro de 2013.

ANEXO 4 – RELATÓRIO FINAL DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A Figura 78 apresenta o relatório final da escavação arqueológica de 1996, no lagar da QAV¹⁹⁵, de onde provem o espólio intervencionado.

¹⁹⁵ Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. IV.

Relatório Final/96

LAGAR NA ANUNCIADA VELHA (TOMAR)

As estruturas e o acervo material permitem datar esta unidade lagareira, pelo menos, entre os finais do séc. XII/inícios do XIII e os inícios do séc. XVI.

A *moenda* da Quinta da Anunciada Velha (Fig.1) encontra-se situada ao nível do piso térreo, sub-cave da actual residência do proprietário. Esta unidade lagareira desenvolve-se em dois níveis ou patamares, um correspondente às cubas quadrangulares, e outro superiormente por lajes de pedras e por um empedrado que são áreas de acesso contíguos aos pios. A poente e no canto N/W da sala conserva-se a mó de pedra ou *galga* destinada ao esmagamento da azeitona, onde se detectam vestígios materiais do que poderia ter sido a dorna igualmente de pedra. A conservação desta *mola andadeira* faz supôr que existiria uma roda horizontal hidráulica. Daqui a polpa passaria para a "prensa de trave" ou prensa de vara inexistente e que estaria do lado poente, ainda porque se conservam no sentido E/W dois suportes em alvenaria, adjacente aos 2 pios quadrangulares, em alvenaria de tijolo e revestidos por uma argamassa de cal e areia. O azeite e a água que das seiras escorria era recolhido por uma caleira em direcção ao 1.º tanque ou tarefa, munido de 3 bocas. Este tanque provido de um sistema de sifão permitiria o escoamento de água churra ou amarga, separando-se do azeite: este escorria por uma caleira existente entre o 1.º e 2.º tanques, sob o empedrado, em seixo. Dá-se, assim a decantação do azeite, mantendo-se assim as impurezas, o mosto e os outros resíduos no fundo do lagar, cavado em forma de prato covado. As tarefas de barro com um orifício permitia ao lagareiro, com a ajuda do espicho de linho e a vara de marmeleiro, dar passagem à água russa, permanecendo na tarefa ou fonte o azeite. Este último lagariço tem apenas uma bica em pedra.

Não foram detectados vestígios de caldeira ou fornalhas para aquecimento de águas destinadas à azeitona, à polpa e ao azeite. Constatamos, apenas a existência de uma bolsa de cinzas no 1.º tanque quadrangular. Esta moenda aproveitaria certamente a polpa que restava das seiras, após a 1.ª prensagem pois conservam-se restos de um reservatório, quase raso, associado à prensa de vara, e uma das condutas orientada nesse sentido.

Esta fábrica de azeite foi abandonada pelos Frades Capuchos, tendo estes efectuado algumas obras de adaptação nas construções existentes, para sua habitabilidade, entre 1524 e 1645.

S. Pinto

Para "informação arqueológica",

Figura 78 – Relatório Final/ 96 – Lagar na Anunciada Velha (Tomar). (Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha, Vol. IV.)

ANEXO 5 – PROPOSTA PARA O TRATAMENTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

As Figuras 79 a 81 mostram a proposta para o tratamento de conservação e restauro de cerâmica comum da QAV apresentada ao IPT, pela Dr.^a Salete da Ponte, em 1997¹⁹⁶, após a conclusão da intervenção arqueológica no lagar.

¹⁹⁶ Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. IV.

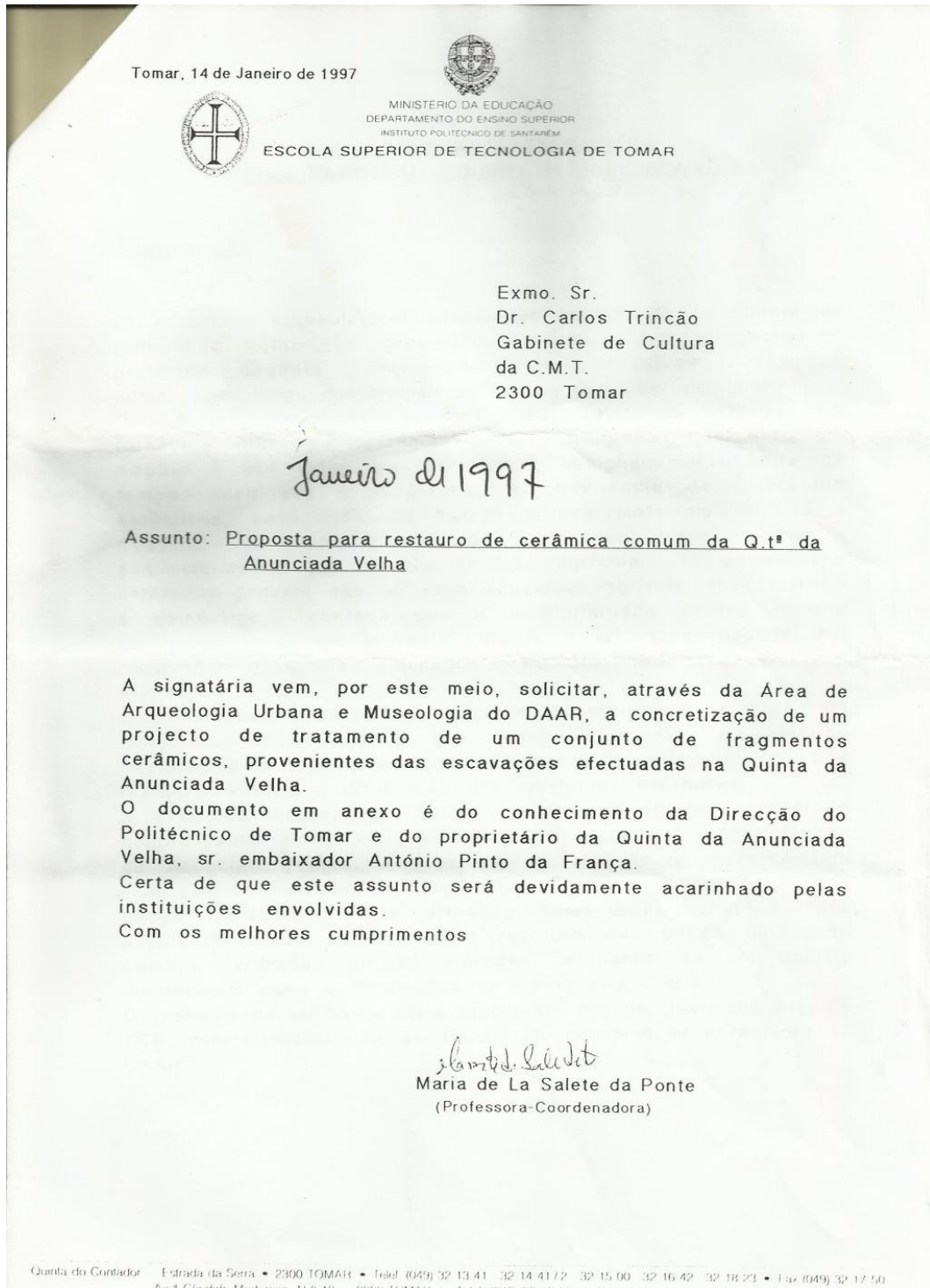


Figura 79 – Proposta para restauro da cerâmica comum da QAV, p. 1. (Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. IV.)

PROPOSTA PARA TRATAMENTO DA CERÂMICA COMUM DA QUINTA DA ANUNCIADA VELHA

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos efectuados anualmente na Quinta da Anunciada Velha têm proporcionado um melhor conhecimento histórico daquela propriedade com sucessivas ocupações humanas ao longo dos tempos do homem como ser colectivo. Esta propriedade também designada por Quinta do Cerzedo, tem fornecido inúmeros testemunhos arqueológicos, que permitem ampliar o seu valor arqueo-histórico, designadamente entre os tempos medievos e modernos. A abundância de artefactos cerâmicos, para além de outras provas materiais, indicia a existência de bens e produtos explorados, transformados e comercializados por aquela unidade agrícola. Os contentores cerâmicos provam não só essa actividade agrícola, mas também a doméstica. Acontece que a multiplicidade destas formas cerâmicas, após um restauro cuidado e criterioso, possibilitará reconstituir o universo doméstico e agrícola entre os sécs. XII e o XVI.

Esta evidência arqueológica supõe necessariamente um plano de tratamento museográfico, que envolverá escolha e selecção morfológica e tipológica naquele universo cronológico; implicará restauro, estudo e divulgação dos artefactos cerâmicos.

A área de Arqueologia Urbana e Museologia tem apoiado pontualmente as acções arqueológicas desenvolvidas na Quinta da Anunciada Velha. A área de conservação e restauro tem manifestado interesse e disponibilidade para o tratamento das peças cerâmicas. Esta situação vem proporcionar a rara possibilidade de concretizar o restauro das peças cerâmicas comuns, vidradas e não vidradas, a partir de um acordo institucional entre o Politécnico de Tomar e a C.M.T.

O restauro da cerâmica seria efectuado, por um (ex-aluno (a)) do TCR, com orientação de um técnico de conservação e restauro do DAAR.

Figura 80 – Proposta para restauro da cerâmica comum da QAV, p. 2. (Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. IV.)

2. TRATAMENTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

As peças cerâmicas seleccionadas envolvem inúmeros fragmentos passíveis de constituírem variadíssimas formas, umas que poderão ser totalmente reconstituídas e outras apenas consolidadas. Assim sugere-se para 30 peças (reconstituição) e 40 fragmentos os seguintes requisitos:

- a) contratação de um técnico de conservação e restauro
- b) o tempo de duração não deverá ser inferior a 6 meses

O restauro destas peças cerâmicas permitirá concretizar os seguintes objectivos:

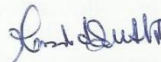
- a) Exposição temporária no Politécnico e no Convento de Cristo
- b) Núcleo museológico na Quinta da A. Velha
- c) Catálogo de exposição e catálogo do núcleo museológico com patrocínios
- d) Definir o número de exemplares para permuta (CMT e Politécnico de Tomar)

Estes requisitos envolverão as áreas de arqueologia urbana e museologia, conservação e restauro do DAAR tanto no plano da investigação científica, como no domínio pedagógico.

3. CONCLUSÃO

Esta proposta de tratamento de um núcleo específico de cerâmicas vai permitir com celeridade a concretização do núcleo museológico na Quinta da Anunciada Velha, em curso.

Tomar, 14 de Janeiro de 1997



Maria de La Salette da Ponte
(Professora-Coordenadora)

Figura 81 – Proposta para restauro da cerâmica comum da QAV, p. 3. (Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. IV.)

ANEXO 6 – ACORDO PARA A CONSERVAÇÃO, RESTAURO E ESTUDO DO ESPÓLIO CERÂMICO DA QUINTA DA ANUNCIADA VELHA

A Figura 82 mostra o acordo para a conservação, restauro e estudo do espólio cerâmico da QAV, entre o proprietário e o IPT¹⁹⁷.

¹⁹⁷ Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. VI).

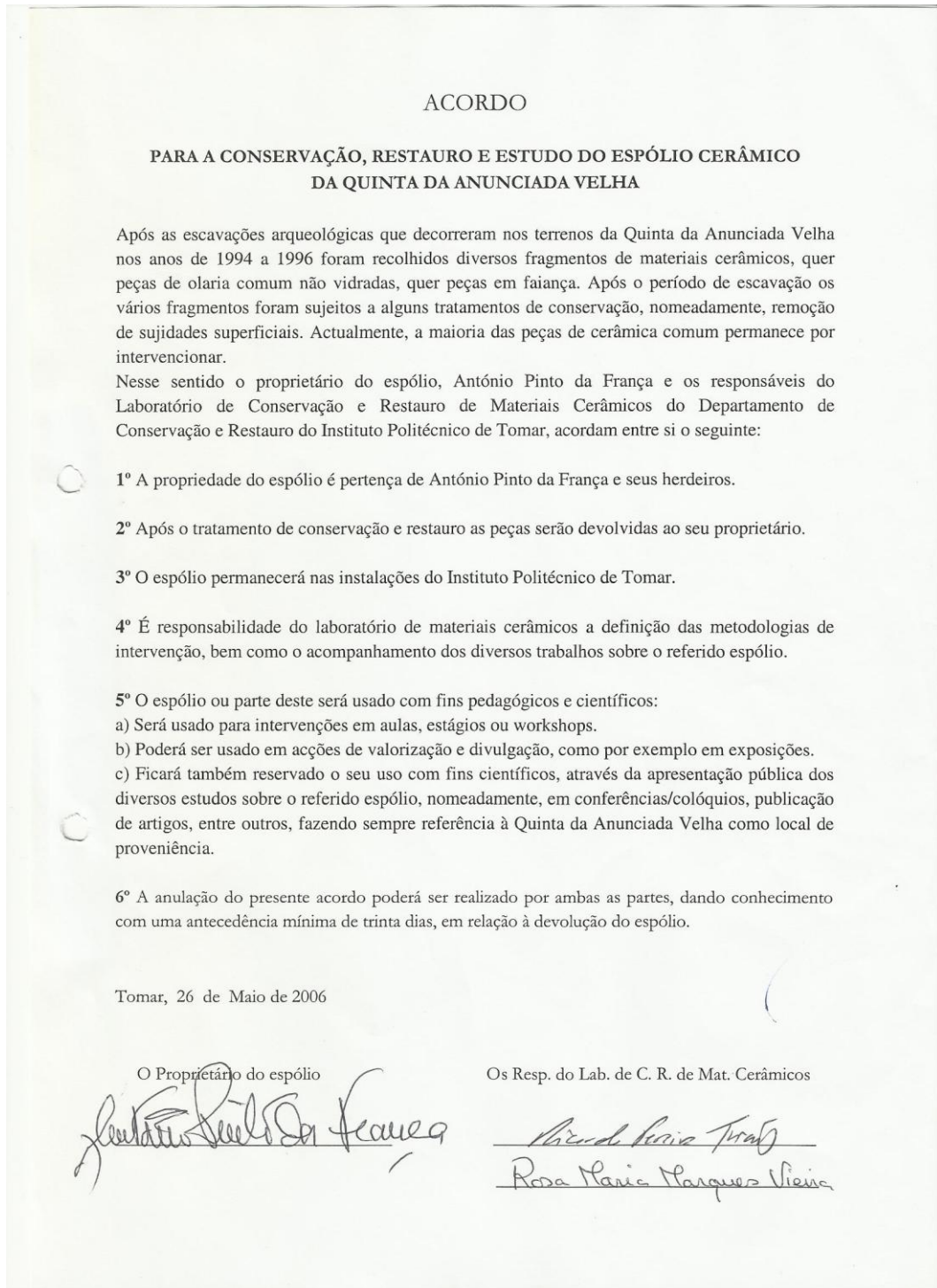


Figura 82 – Acordo para o restauro do espólio da QAV. (Arquivo Particular António Pinto da França – *Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha*, Vol. VI.)

ANEXO 7 – TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DA ACTIVIDADE DO LABORATÓRIO DE MATERIAIS CERÂMICOS

Durante o estágio houve a oportunidade de efectuar algumas acções no âmbito dos trabalhos no laboratório de conservação e restauro de materiais cerâmicos, que se enumeram de seguida.

Anexo 7.1 – Colaboração nas aulas de Conservação e Restauro de Materiais Cerâmicos

Acompanhamento das aulas práticas de *Conservação e Restauro 2 – Materiais Cerâmicos*, ao longo do 1º Semestre do ano lectivo 2012/ 2013.

No âmbito da mesma unidade curricular foi preparada e leccionada uma aula teórica sobre colagens em materiais cerâmicos, partilhando algumas das experiências obtidas durante o estágio.

Colaboração nas aulas práticas da pós-graduação em Arqueologia Subaquática, nomeadamente no acompanhamento dos alunos nos trabalhos de conservação e restauro de algumas peças de proveniência arqueológica, da gruta do Bacelinho, em Alvaiázere, Ferreira do Zêzere (Figura 83).



Figura 83 – Trabalho prático no laboratório de conservação e restauro de materiais cerâmicos. (Ricardo Guimarães, Jun. 2013.)

Anexo 7.2 – A intervenção numa peça da Rua Pedro Dias, em Tomar

A par da intervenção nas peças da QAV surgiu a necessidade de terminar uma peça da RPD (fogareiro), para que esta pudesse acompanhar a exposição.

O tratamento da peça encontrava-se na fase de reconstituição (Figura 84). Terminaram-se os preenchimentos, os nivelamentos e a limpeza da peça (Figura 85). De seguida, procedeu-se à reintegração cromática, com um sub-tom (Figura 86).



Figura 84 – Fogareiro: em fase de reconstituição. (Cristina Reis, 19 Jun. 2013.)



Figura 85 – Fogareiro: após reconstituição e nivelamentos. (Cristina Reis, 21 Jun. 2013.)



Figura 86 – Fogareiro, aspecto final. (Cristina Reis, 22 Jun. 2013.)

Anexo 7.3 – Execução de uma peça da Idade do Bronze através da técnica de *spinning*

No decorrer do mês de Março executou-se uma réplica de uma peça cerâmica da idade do bronze, do Centro de Pré-história do IPT, uma pequena taça carenada, da qual existem apenas três fragmentos (Figura 87), através do qual foi possível obter a representação gráfica da peça (Figura 88).



Figura 87 – Tijela carenada: três fragmentos. (Cristina Reis, 22 Mar. 2013.)

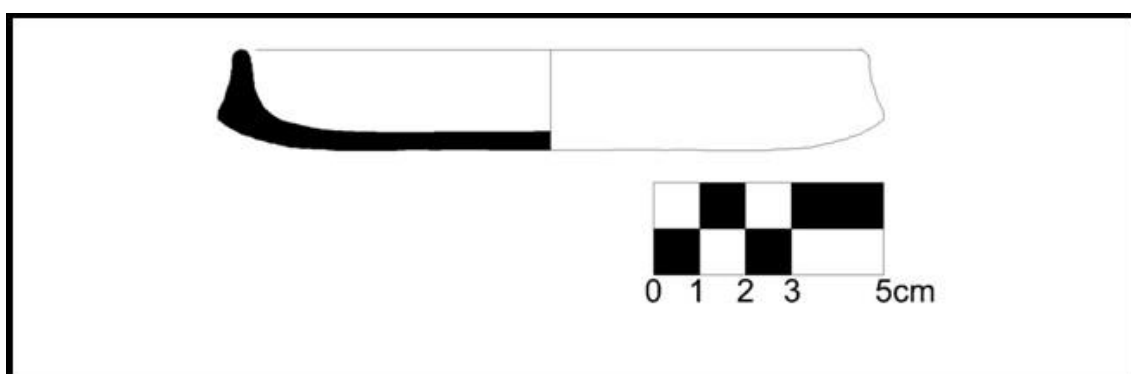


Figura 88 – Tijela carenada: desenho. (Cristina Reis, Mar. 2013.)

Através da técnica de *spinning*, fez-se a reprodução da peça.

A reintegração cromática foi feita com acrílicos, aplicando-se três camadas de cor, de forma a conseguir um resultado o mais aproximado possível. Primeiramente deu-se uma camada homogénea de Naphthol Red Light muito diluída em água, posteriormente uma camada imitando um esponjado de Raw Umber e Ultramarine, e por fim uma camada com a mesma técnica da anterior de Raw Umber, Ultramarine, Vandyke Brown e Titanium White. O branco foi imprescindível para tornar a cor mais baça e assim, mais semelhante ao original.

Os fragmentos e a réplica (Figura 89) integraram a exposição “Dimensões do passado – homenagem a José da Silva Gomes”, inaugurada a 3 de Abril de 2013, no Centro de Interpretação de Arqueologia do Alto Ribatejo, em Vila Nova da Barquinha.



Figura 89 – Taça carenada (réplica), após reintegração cromática. (Cristina Reis, 26 Mar. 2013.)

Anexo 7.4 – A intervenção na Capela de St^a Quitéria, no Carril, em Torres Novas

A Capela da Santa Quitéria (Figura 90), do século XVIII, foi mandada edificar por D^a. Quitéria Maria de Vasconcelos e Sousa.¹⁹⁸



Figura 90 – Capela de St^a Quitéria, no Carril, em Torres Novas. (Cristina Reis, 18 Fev. 2013.)

¹⁹⁸ SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Inventário Artístico do Distrito de Santarém*, 1949, p. 128.

Colaboração na intervenção de conservação e restauro, que decorreu no local sobre os painéis de azulejos e outros elementos integrados em pedra.

Havendo a necessidade de terminar a obra, participei em alguns dos trabalhos a decorrer no local, nomeadamente no assentamento de azulejos e na limpeza de um púlpito em pedra calcária polida¹⁹⁹.

As figuras 91 e 92 mostram o púlpito antes e após a intervenção.



Figura 91 – Púlpito: antes da intervenção. (Ricardo Triães, Nov. 2013.)

¹⁹⁹ BICHO, Joaquim R. – *Património Artístico do Concelho de Torres Novas*, 2001, p. 96.



Figura 92 – Púlpito na reinauguração da capela. (Cristina Reis, 19 Maio 2013.)